

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Informação e Cultura

FLÁVIA BITENCOURT

**DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA E MEMÓRIAS DA CIDADE:
uma experiência em Biritiba Mirim**

São Paulo
2022

FLÁVIA BITENCOURT

**DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA E MEMÓRIAS DA CIDADE:
uma experiência em Biritiba Mirim**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia,
apresentado ao Departamento de Informação e Cultura da Escola de
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Orientação: Profa. Dra. Ivete Pieruccini

São Paulo

2022

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Bitencourt, Flávia Tainá
Documentação fotográfica e memórias da cidade: uma
experiência em Biritiba Mirim / Flávia Tainá Bitencourt;
orientadora, Ivete Pieruccini. - São Paulo, 2022.
133 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Informação e Cultura / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. fotografia. 2. memória coletiva. 3. ação cultural.
4. biblioteca pública municipal. I. Pieruccini, Ivete.
II. Título.

CDD 21.ed. - 020

Nome: Bitencourt, Flávia

Título: Documentação fotográfica e memórias da cidade: uma experiência em Biritiba Mirim

Aprovado em: __ / __ / ____

Banca:

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir a relevância das fotografias, enquanto suporte documental da memória registrada, na recuperação e na preservação da memória coletiva da cidade de Biritiba Mirim. Para tanto, tem-se como objetivo geral compreender o papel das coleções fotográficas locais na construção da memória coletiva de um município, e como objetivos específicos sistematizar referencial teórico em torno do objeto de estudo; produzir uma exposição fotográfica com base em documentos imagéticos antigos da cidade de Biritiba Mirim; e construir um repertório de testemunhos sobre a cidade de Biritiba Mirim, a partir da coleta de histórias dos participantes locais. Para a metodologia, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, além da coleta de dados a partir de fotografias e entrevistas semi-estruturadas, registradas através de gravador de voz para posterior transcrição e análise. Como resultados, foram contabilizados trinta e seis visitantes na exposição fotográfica e, dentre estes, nove aceitaram responder à entrevista e ter seus relatos registrados. A partir disso, foi possível concluir que a documentação fotográfica é capaz de auxiliar na recuperação e na preservação da memória coletiva de um município, na medida em que, através do trabalho documentário e de mediações culturais, as fotografias podem ser descritas, contextualizadas, conservadas e difundidas e reapropriadas pela população, aspecto que ressignifica o trabalho de instituições de memória, como a biblioteca pública municipal e de seus quadros profissionais especializados, especialmente o bibliotecário.

Palavras-chave: fotografia; memória coletiva; ação cultural; biblioteca pública municipal.

ABSTRACT

The present work intends to discuss the relevance of photographs, as a documentary support of recorded memory, in the recovery and preservation of the collective memory of the city of Biritiba Mirim. Therefore, the general objective is to understand the role of local photographic collections in the construction of the collective memory of a municipality, and as specific objectives to systematize the theoretical framework around the object of study; produce a photographic exhibition based on old imagery documents from the city of Biritiba Mirim; and build a repertoire of testimonies about the city of Biritiba Mirim, based on the collection of stories from local participants. For the methodology, a bibliographic research with a qualitative approach was carried out, in addition to data collection from photographs and semi-structured interviews, recorded through a voice recorder for later transcription and analysis. As a result, thirty-six visitors to the photographic exhibition were counted and, among these, nine agreed to respond to the interview and have their reports recorded. From this, it was possible to conclude that photographic documentation is capable of helping in the recovery and preservation of the collective memory of a municipality, insofar as, through documentary work and cultural mediations, photographs can be described, contextualized, preserved and disseminated and reappropriated by the population, an aspect that redefines the work of memory institutions, such as the municipal public library and its specialized professional staff, especially the librarian.

Keywords: photography; collective memory; cultural action; municipal public library.

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BPM	Biblioteca Pública Municipal
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CD	Compact Disc
CDU	Classificação Decimal Universal
CEASA	Centro Estadual de Abastecimento
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
DVD	Digital Versatile Disc
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições
FID	Federação Internacional de Documentação
HQ	História em Quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFLA	International Federation of Library Associations and Institutions
ISSN	International Standard Serial Number
SISEB	Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo
SNBP	Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1. Fachada da BPM Oswald de Andrade.....	43
Imagem 2. Barracão Cultural da BPM Oswald de Andrade.....	43
Imagem 3. Registro fotográfico 1.....	46
Imagem 4. Registro fotográfico 2.....	47
Imagem 5. Registro fotográfico 3.....	48
Imagem 6. Registro fotográfico 4.....	49
Imagem 7. Registro fotográfico 5.....	50
Imagem 8. Registro fotográfico 6.....	51
Imagem 9. Registro fotográfico 7.....	52
Imagem 10. Registro fotográfico 8.....	53
Imagem 11. Registro fotográfico 9.....	54
Imagem 12. Registro fotográfico 10.....	55
Imagem 13. Registro fotográfico 11.....	56
Imagem 14. Registro fotográfico 12.....	57
Imagem 15. Registro fotográfico 13.....	58
Imagem 16. Registro fotográfico 14.....	59
Imagem 17. Registro fotográfico 15.....	60
Imagem 18. Registro fotográfico 16.....	61
Imagem 19. Registro fotográfico 17.....	62
Imagem 20. Registro fotográfico 18.....	63
Imagem 21. Registro fotográfico 19.....	64
Imagem 22. Registro fotográfico 20.....	65
Imagem 23. Registro fotográfico 21.....	66
Imagem 24. Registro fotográfico 22.....	67
Imagem 25. Registro fotográfico 23.....	68
Imagem 26. Registro fotográfico 24.....	69
Imagem 27. A exposição no Barracão Cultural.....	70
Imagem 28. Mesa com os registros fotográficos.....	70
Imagem 29. Criança visitando a exposição fotográfica.....	72

Imagem 30. Idoso visitando a exposição fotográfica.....	72
Imagem 31. Exemplo de visitação coletiva na exposição fotográfica.....	73

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. METODOLOGIA.....	13
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3.1. Documentação: contexto e definição.....	16
3.2. Documento: conceito e características.....	20
3.3. Documentação fotográfica.....	23
3.4. Memória e fotografia.....	26
3.5. O bibliotecário como agente cultural.....	31
3.6. Biblioteca pública municipal.....	34
3.7. A cidade de Biritiba Mirim.....	37
3.8. A Biblioteca Pública Municipal Oswald de Andrade.....	41
4. A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA.....	45
5. RESULTADOS DA EXPOSIÇÃO.....	72
6. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	75
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
APÊNDICES.....	86
APÊNDICE A – Questionário de entrevista.....	86
APÊNDICE B – Transcrição da entrevista 1.....	87
APÊNDICE C – Transcrição da entrevista 2.....	91
APÊNDICE D – Transcrição da entrevista 3.....	98
APÊNDICE E – Transcrição da entrevista 4.....	100
APÊNDICE F – Transcrição da entrevista 5.....	103
APÊNDICE G – Transcrição da entrevista 6.....	112
APÊNDICE H – Transcrição da entrevista 7.....	117
APÊNDICE I – Transcrição da entrevista 8.....	120
APÊNDICE J – Transcrição da entrevista 9.....	127

1. INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia é um domínio de conhecimentos interdisciplinares, cujo objetivo é o compartilhamento da produção simbólica realizada pela humanidade, tornando-a acessível a toda e qualquer pessoa. A Biblioteconomia surgiu como conjunto de saberes e fazeres ligados à coleta, conservação, catalogação, classificação e comunicação de registros do conhecimento, muito tempo depois que as bibliotecas já haviam se consolidado nas sociedades antigas.

Na Antiguidade, biblioteca, arquivo e museu faziam parte de um mesmo complexo dedicado à preservação da memória cultural registrada por meio da escrita e objetos capazes de testemunhar a existência dos povos. Ao longo do tempo, face ao desenvolvimento crescente das produções e das coleções, foram sendo geradas práticas empíricas que, por sua vez, deram base ao desenvolvimento e sistematização de saberes e fazeres nomeadas como Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. O campo da Documentação, que surge no início do século XX, sobretudo a partir dos trabalhos de Paul Otlet (Tratado de Documentação, 1934), articula-se a essas áreas, especialmente à Biblioteconomia, oferecendo referências importantes para a abordagem das problemáticas que envolvem o tratamento de documentos, tal como proposto nesta pesquisa, no que tange à seleção, tratamento, organização, preservação e acesso à informação registrada em suportes informacionais mais diversos, englobando documentos como periódicos, jornais, ilustrações, patentes, catálogos, microfilmes, fotografias, entre outros.

A fotografia, especificamente, tomada como imagem registrada em suporte fotossensível, ou em formato digital, pode constituir-se como documento imagético que registra o passado de um dado momento, lugar, objeto ou ser. Como documento, é objeto de tratamento técnico, tendo em vista sua preservação e acesso. A preservação e o acesso aos registros do passado auxiliam no resgate de lacunas históricas, que afetam a constituição da memória coletiva de um povo, podendo contribuir na construção e fortalecimento das identidades socioculturais.

A presente pesquisa pretende, assim, discutir a relevância das fotografias, enquanto suporte documental da memória registrada, na recuperação e na preservação da memória coletiva da população da cidade de Biritiba Mirim, indagando de que forma o seu uso pode auxiliar na recuperação e na preservação da memória coletiva da população de um município. As fotografias em questão foram obtidas através de acervos pessoais de munícipes que as publicaram em rede social, e que retratam espaços, eventos e pessoas que são partes importantes da história da cidade.

A escolha de Biritiba Mirim para este estudo se deu por motivos pessoais da autora, moradora da cidade desde seu nascimento. Durante a graduação em Biblioteconomia, em especial após discussões em aula sobre o papel das bibliotecas na construção e na preservação da herança cultural produzida pela humanidade, surgiu o interesse em aplicar esses conhecimentos em seu contexto social, a cidade de Biritiba Mirim, pouco conhecida inclusive por seus moradores. Além disso, a oportunidade de estudar numa universidade pública foi uma conquista pessoal significativa, e utilizá-la em prol de um benefício social se tornou uma motivação.

A cidade de Biritiba Mirim está localizada na região metropolitana do Estado de São Paulo. Sua fundação é datada no ano de 1873, porém sua emancipação foi conquistada somente em 1964, portanto, seu reconhecimento como município é consideravelmente recente. Nos âmbitos social, cultural e político, Biritiba Mirim encontra-se em processo de desenvolvimento e consolidação de suas referências histórico-culturais. Observa-se ainda que suas bibliotecas e outros dispositivos informacionais são precários, geridos por profissionais sem formação em áreas correlatas às atividades exercidas; além disso, há poucos espaços de uso público, e os que existem mostram-se subutilizados; não há arquivo municipal, portanto a guarda, preservação e difusão de documentos sobre a sua história encontram-se prejudicados. Com isso, seus munícipes mantêm a memória e a identidade coletivas principalmente por meio de relatos orais, passados através das gerações.

Considerando tal quadro, a apresentação de repertórios fotográficos à população poderia constituir forma de atualizar e manter a memória da cidade. Por não possuir um arquivo público municipal, as fotografias documentais que registram o passado da cidade de Biritiba Mirim estão dispersas, localizadas ou em instituições públicas do Estado de São Paulo, cujo acesso fica em outras cidades, ou em acervos pessoais dos munícipes. Em eventos culturais desenvolvidos no município, as poucas fotografias expostas ocasionalmente são obtidas através de empréstimo cedido pela população que detém fotografias pessoais.

Selecionar algumas dessas fotografias, expor para a população em geral em algum dispositivo informacional público, promover a interação coletiva durante a exposição, incentivar e coletar relatos despertados por essas imagens, seriam ações significativas para a recuperação e a preservação da memória e da identidade coletivas dessa população. Entende-se que um projeto desta natureza, sob a responsabilidade de um profissional pelo desenvolvimento de atividades em

defesa do acesso, da apropriação e do protagonismo cultural da população envolvida, constitui grande passo à criação e ao fortalecimento de vínculos com a cidade.

Nesses termos, as memórias fotográficas como fonte documental histórica, aliada a relatos pessoais, podem auxiliar na construção identitária social, sobretudo por ser acessível a diversos tipos de público, no que tange à faixa etária e ao grau de alfabetização.

Consideradas tais questões, este trabalho propõe-se a compreender o papel das coleções de fotografias locais na construção da memória coletiva de uma localidade, tendo como objetivos específicos:

- Sistematizar referencial em torno de categorias que permitam a abordagem do objeto: a Documentação; o documento; a fotografia; a memória; a biblioteca pública municipal; e a cidade de Biritiba Mirim;
- Produzir uma exposição fotográfica com base em documentos imagéticos antigos da cidade de Biritiba Mirim, a partir de processo que inclui seleção e descrição dos objetos a serem expostos;
- Construir um repertório de testemunhos sobre a cidade de Biritiba Mirim, a partir da coleta de histórias dos participantes locais.

2. METODOLOGIA

Uma pesquisa acadêmica deve seguir um rigor científico a fim de obter resultados relevantes ao tema proposto. Por isso, é necessário adotar métodos científicos condizentes à solução do problema de pesquisa analisado. Conforme Braga (2007, p. 18), “Além de garantir o correto desenvolvimento da pesquisa, a metodologia adequada tem a função de atestar o caráter científico e conferir qualidade e validade ao estudo realizado e ao conhecimento resultante.”

Dessa forma, adotou-se para o presente estudo a metodologia de pesquisa com abordagem qualitativa, tendo em vista que “A pesquisa qualitativa leva em consideração que os pontos de vista e as práticas no campo são diferentes devido às diversas perspectivas e contextos sociais a eles relacionados.” (FLICK, 2009, p. 24-25) Considerando que a pesquisa desenvolvida busca relacionar memória social e fotografia, torna-se pertinente adotar a abordagem qualitativa, já que esta compreende as dimensões subjetivas, diversas, contextuais e múltiplas de significados na relação entre esses dois elementos. Essa ideia é corroborada por Laville e Dionne, quando afirmam que na pesquisa qualitativa:

O pesquisador decide prender-se às nuances de sentido que existem entre as unidades, aos elos lógicos entre essas unidades ou entre as categorias que as reúnem, visto que a significação de um conteúdo reside largamente na especificidade de cada um de seus elementos e na das relações entre eles, especificidade que escapa amiúde ao domínio do mensurável. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 227)

As fontes informacionais, base aos referenciais teóricos acerca do tema, foram obtidas por pesquisa bibliográfica, isto é, “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122) Assim, para o levantamento bibliográfico, foi selecionado um corpus teórico constituído por livros, artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, teses de doutorado, e materiais digitais, que em sua maioria foram desenvolvidos em estudos para as áreas de Biblioteconomia e Comunicação. Entre esses documentos, observa-se a participação frequente de pesquisadores especialistas nos temas fotografia e memória, como Paulo César Boni e Boris Kossoy.

A pesquisa foi realizada no catálogo eletrônico Dedalus, da Universidade de São Paulo, e em bases de dados como: Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), e Google Acadêmico. A estratégia de

busca e seleção foi traçada a partir dos termos “fotografia” e “memória”, com uso do operador booleano “AND” para relacionar os dois termos. Além destes, também foram buscados termos correlatos como “documentação fotográfica”, “biblioteca pública”, “memória coletiva”, “herança cultural” e “ação cultural”.

No que concerne aos objetivos almejados, a pesquisa apresenta caráter exploratório, ou seja, busca-se “[...] apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto.” (SEVERINO, 2007, p. 123) Com isso, pretendeu-se levantar informações sobre o problema de pesquisa em questão e, em seguida, coletar informações sobre as memórias e os registros fotográficos em poder da população de Biritiba Mirim. Paralelamente, com o intuito de coletar e reunir os registros fotográficos utilizados no estudo, obteve-se acesso a um grupo público da rede social *Facebook*, chamado “Biritiba Histórica”, em que os participantes, moradores ou antigos moradores da cidade de Biritiba Mirim, divulgam fotos de seu arquivo pessoal.

Com base nos referenciais da pesquisa exploratória, que resultou na produção da exposição fotográfica, foram utilizados como métodos para a coleta de dados as fotografias e as entrevistas semi-estruturadas (com perguntas abertas e flexíveis). Sobre a coleta de dados através da fotografia como fonte documental, “De modo geral, as fotografias têm uma alta qualidade icônica, o que pode auxiliar a ativar as lembranças das pessoas ou a estimulá-las/encorajá-las a elaborarem enunciados sobre situações e processos complexos” (FLICK, 2009, p. 222), o que é muito pertinente à pesquisa, no tocante ao acionamento de memórias e ao estímulo do testemunho oral a partir das fotografias que foram selecionadas e expostas.

Para Severino (2007, p. 124), a entrevista é uma “Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. [...] O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam.” Nessa técnica, o pesquisador pode elaborar algumas perguntas abertas para promover a interação com o entrevistado e colher sua resposta de forma mais extensa e complexa, para então seguir com o tratamento dos dados coletados, que neste estudo se apresentam através de relatos, memórias e narrativas sobre Biritiba Mirim a partir das fotografias, de modo a construir formas de relação e diálogo entre a população e sua memória cultural da cidade.

O questionário semi-estruturado, aplicado em forma de entrevista (que pode ser visto nos anexos do presente estudo), conduziu a conversa, durante a exposição, com os visitantes

convidados a responder às perguntas, de forma a expor suas opiniões e memórias acionadas imageticamente. As respostas obtidas foram registradas com auxílio de gravador de voz para posterior transcrição e, por fim, análise dos relatos coletados, com interpretações subjetivas e relacionáveis ao referencial levantado e às fotografias utilizadas.

Trata-se de adotar o paradigma fenomenológico, no qual “O foco e o objeto de estudo é a subjetividade humana e não a mensuração dos fenômenos sociais.” (BRAGA, 2007, p. 30) As memórias acionadas e descritas pelas pessoas entrevistadas são essencialmente subjetivas e múltiplas, bem como as fotografias foram utilizadas com foco em seu valor documental e cultural, e não no fenômeno histórico fidedigno que elas poderiam comportar. Ao fazer uso de fotografias pertencentes a coleções pessoais, que não possuem dados históricos comprovados, o foco do estudo está na construção identitária por meio da linguagem da imagem, através dos relatos coletados a partir de memórias individuais e coletivas. Concluindo, a metodologia de desenvolvimento deste trabalho assentou-se na interação simbólica entre a fotografia e a memória acionada nos indivíduos.

Para essa discussão, o trabalho organiza-se da seguinte forma: na parte introdutória, contém o tema do projeto, o problema a ser abordado, a justificativa do estudo, seus objetivos geral e específicos. Na seção 2, apresenta-se detalhadamente a metodologia, incluindo conceitos e critérios para o desenvolvimento da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo. Na seção 3, apresenta-se a fundamentação teórica sobre o objeto de estudo, o que engloba conceitos consolidados referentes à área da Documentação, à definição de documento e suas características, à documentação fotográfica, à relação entre memória e fotografia, ao papel do profissional bibliotecário como agente cultural, à biblioteca pública municipal, à cidade de Biritiba Mirim e a sua biblioteca pública municipal que será palco de estudo. A seção 4 trata das questões relativas à prática do estudo, que incluem a escolha e tratamento das fotografias e o desenvolvimento da exposição fotográfica. A seção 5 traz as informações que foram coletadas a partir da realização da exposição fotográfica e das entrevistas concedidas pelos visitantes. Na seção 6, as informações levantadas são analisadas e relacionadas ao referencial teórico. A seção 7 apresenta as considerações finais do estudo desenvolvido. Por fim, tem-se as referências bibliográficas consultadas, e os apêndices que são constituídos pelo roteiro da entrevista aplicada e pela transcrição das entrevistas obtidas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Documentação: contexto e definição

A fim de discorrer sobre a área do conhecimento denominada Documentação, é preciso trazer alguns aspectos contextuais que levaram à criação e ao desenvolvimento dessa ciência. De acordo com Fonseca (2007, p. 3), o conhecimento produzido e acumulado pela humanidade até o período da Idade Média (ou seja, até o século XV) estava, em grande parte, relacionado diretamente ao campo da filosofia, até que, após o período do Renascimento (que durou entre o século XIV e o fim do século XVI), os conhecimentos se expandiram em mais campos do saber.

Nesse contexto, houve “Dispersão e sucessão, porque uns geram outros [...]. A fragmentação disciplinar generalizou-se de tal maneira que o pesquisador moderno passou a saber cada vez mais de cada vez menos coisas [...]” (FONSECA, 2007, p. 3). Além disso, “[...] o desenvolvimento científico e tecnológico é, ao mesmo tempo, causa e efeito da explosão bibliográfica, agora caracterizada menos em termos de livros do que de outros veículos textuais [...]” (FONSECA, 2007, p. 25). Também nesse período, em meados do século XV, ocorreu a invenção da imprensa de caracteres móveis, que revolucionou a publicação de livros no mundo. Ou seja, as ciências se multiplicaram e se segmentaram de tal forma que os pesquisadores foram se especializando em conteúdos cada vez mais específicos do saber. Em contrapartida, esses mesmos pesquisadores geraram conhecimentos ainda mais fragmentados. Conforme os conhecimentos se multiplicavam, os pesquisadores foram publicando seus trabalhos em tipos documentais cada vez mais diversos, em escala que crescia em ritmo exponencial. Fonseca (2007, p. 4) trata sobre o assunto, e afirma que a “Consequência da multiplicação das ciências e de suas aplicações tecnológicas é a *explosão documental*, fenômeno comparável à explosão demográfica.”

Além desse evento, mais à frente na linha histórica, a Revolução Industrial, ocorrida a partir da segunda metade do século XVIII, também teve grande importância. De acordo com Russo (2010, p. 88), a Revolução Industrial “[...] faz surgir outros fatos que influenciam a área de Biblioteconomia, tais como: o aumento da produção do livro impresso; as novas descobertas científicas; a proliferação das sociedades científicas e o crescimento dos periódicos científicos.” Dessa forma, a explosão documental, já em processo, é inflada pelo crescimento informacional em ascensão, trazendo uma preocupação com relação ao seu controle e acesso.

Outro fato relevante foram as inovações tecnológicas ocorridas durante a Segunda Guerra Mundial, que influenciaram o mundo mesmo após seu término. “No mundo do pós-guerra, com o crescimento das invenções e das revistas científicas, ocorre o fenômeno conhecido como explosão da informação, instalando mais expressivamente o caos documentário.” (RUSSO, 2010, p. 30) Portanto, vários foram os eventos que culminaram no caos documentário e informacional que passou a ser alvo de preocupação de bibliotecários. Conforme afirma Le Coadic (1996, p. 17), “[...] os problemas bibliográficos começavam a tornar-se complexos para os pesquisadores que não encontravam nas bibliotecas meios de acesso aperfeiçoados a documentos cada vez mais variados [...]”. Desse modo, a explosão documentária, e a falta de técnicas eficazes de controle sobre ela, dificultaram a ordenação e o acesso de pesquisadores ao conhecimento produzido.

Segundo Russo (2010, p. 40), nesse contexto, “[...] várias tentativas foram efetuadas para realizar um controle bibliográfico universal”, sendo que a mais relevante foi a instituída por Paul Otlet (1868-1944) e Henri La Fontaine (1854-1943), dois advogados com origem belga. Paul Otlet e Henri La Fontaine “[...] se preocupavam em poder levar ao conhecimento de todos os cientistas, e de outros interessados, a literatura científica, assim como todos os produtos do conhecimento gerados no mundo.” (RUSSO, 2010, p. 40)

Com esse intuito, Otlet e La Fontaine realizaram a Primeira Conferência Internacional de Bibliografia, no ano de 1895 em Bruxelas. Durante a conferência, os belgas apresentaram o Repertório Bibliográfico Universal, com o objetivo de “[...] reunirem em fichas toda a produção bibliográfica universal. Cada ficha representaria um documento publicado, com as informações resumidas à moda dos bibliotecários (autor, título, editor, ano, etc.).” (SMIT, 1986, p. 12) Dessa forma, o Repertório Bibliográfico Universal se tratava de “[...] um catálogo em fichas da produção bibliográfica internacional, ordenadas segundo a então nascente Classificação Decimal Universal.” (FONSECA, 2007, p. 102) Sobre a Classificação Decimal Universal, abreviada no Brasil como CDU:

Técnica de classificação, a Classificação Decimal Universal (CDU) é assim o exemplo de uma classificação natural (que se reporta ao conteúdo do documento), que nunca teve por objetivo ser uma classificação para bibliotecas. Era muito elaborada e, por isso, em geral, inadequada para uma biblioteca que se contentasse com uma classificação abstrata (baseada em características não-linguísticas, como o número de registro, o tamanho do livro ou o nome do editor). (LE COADIC, 1996, p. 18)

Dessa maneira, Otlet e La Fontaine foram os precursores de técnicas e práticas voltadas ao controle do caos documentário que se instalava no período. O Repertório Bibliográfico

Universal e a Classificação Decimal Universal se apresentaram como ferramentas elaboradas que extrapolavam as já existentes na Biblioteconomia, dando conta de suportes materiais mais diversos, conhecimentos mais específicos e ritmo informacional mais acelerado.

No decorrer da Primeira Conferência Internacional de Bibliografia, Otlet e La Fontaine também fundaram o Instituto Internacional de Bibliografia, com sede em Bruxelas. “O Instituto será rebatizado em 1931, transformando-se em Instituto Internacional de Documentação, e a partir deste momento a palavra documentação começa a ocupar espaço.” (SMIT, 1986, p. 12) Ainda segundo a autora, os anos de 1930 foram um marco para o campo da Documentação, que ganha cada vez mais relevância e se torna objeto de discussão no 1º Congresso Mundial de Documentação, realizado em Paris em 1937, e na criação da Federação Internacional de Documentação (FID) em 1938, com sede na Holanda. Portanto, além das ferramentas de controle bibliográfico propostas pelos belgas, eles também instituíram entidades coletivas que deram o pontapé inicial para o reconhecimento científico da área do conhecimento denominada Documentação.

A criação do Instituto Internacional de Bibliografia por Otlet, e, posteriormente, da Federação Internacional de Documentação, ocorreu em resposta a essa demanda. Havia necessidade de uma nova tecnologia, de um novo conjunto de técnicas para organizar, analisar os documentos, descrevê-los, resumi-los, técnicas que diferem das técnicas biblioteconômicas tradicionais. Essa tecnologia era a documentação. Ao contrário da biblioteconomia e da arquivística, a documentação recorre a técnicas não-convencionais de organização e análise, não mais apenas de livros, mas de qualquer tipo de documento. (LE COADIC, 1996, p. 17-18)

Com essa necessidade de uma nova tecnologia de controle informacional, Paul Otlet publica, em 1934, sua expressiva obra intitulada “*Traité de Documentation*” (traduzida no Brasil como “Tratado de Documentação”), em que se dedica a descrever minuciosamente as novas técnicas que compõem a ciência da Documentação. Em sua obra, Otlet “[...] ressaltou – entre outras coisas – a identificação dos novos suportes da informação como portadores de memória e, ainda, a importância da organização da informação, visando à sua recuperação pela humanidade.” (RUSSO, 2010, p. 41) Portanto, além de se debruçar em questões técnicas de controle documental, Otlet também enfatiza o valor dos documentos como suportes da memória registrada, e a importância de sua organização como facilitadora da recuperação e do acesso informacional a toda a coletividade.

No que tange aos novos suportes informacionais, “Enquanto a matéria-prima da biblioteconomia sempre fora o texto impresso [...] a documentação passou a interessar-se pelos

documentos de qualquer natureza, também chamados *documentos não-convencionais*.” (FONSECA, 2007, p. 4) De fato, logo no início de seu Tratado, Otlet (2018) cita alguns dos documentos não-convencionais que a Documentação pretende recuperar, condensar e tornar acessível através de seus novos processos, como artigos de revistas e da imprensa diária, folhetos, anais, documentos oficiais, e matérias dispersas nos livros.

De acordo com Cunha e Cavalcanti (2008, p. 131), em seu Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, a Documentação pode ser definida como “Processo que consiste na criação, coleta, organização, armazenamento e disseminação de documentos ou informações.” Ainda no mesmo verbete, os autores trazem um breve resumo histórico de sua criação, quando dizem que a “[...] teoria da documentação surgiu a partir de 1870, em decorrência do desenvolvimento da indústria gráfica.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 131)

Severino (2007, p. 124) complementa essa definição de Documentação, quando afirma que ela pode ser entendida como uma “[...] técnica de coleta, de organização e conservação de documentos; [e] como ciência que elabora critérios para a coleta, organização, sistematização, conservação, difusão de documentos [...]”. Com isso, observa-se que a Documentação pode ser definida na literatura de maneiras variadas, como processo, como teoria, como técnica ou como ciência. Porém, há um consenso no que se refere às suas práticas e a seu objeto de estudo: engloba criação, coleta, organização, classificação, catalogação, armazenamento, conservação e difusão de informações e documentos não-convencionais.

Em seu Tratado de Documentação, Paul Otlet aponta que a Documentação tem por objetivos:

[...] oferecer sobre qualquer espécie de fato e de conhecimento informações documentadas: 1º universais quanto ao seu objeto; 2º corretas e verdadeiras; 3º completas; 4º rápidas; 5º atualizadas; 6º fáceis de obter; 7º reunidas antecipadamente e preparadas para serem comunicadas; 8º colocadas à disposição do maior número possível. (OTLET, 2018, p. 5)

Nesse trecho, o autor demonstra sua preocupação em organizar e disseminar, de maneira rápida e acessível, os documentos de qualquer natureza, que contenham qualquer espécie de informação, desde que esta seja fidedigna, íntegra e atualizada. “Digamos que a documentação tem por objetivo reunir todas as informações úteis em um assunto, e organizar aquilo tudo de tal forma que seja possível achar a informação certa no momento certo e pelo menor preço possível.” (SMIT, 1986, p. 11)

Em um quadro, Fonseca (2007, p. 11) sintetiza os objetivos e os instrumentos da Documentação, indicando como objetivo o “Apoio documental à pesquisa científica, humanística e tecnológica, através da indexação, tradução e resumo de publicações primárias”. Já como instrumentos, tem-se a “Organização e administração de serviços de documentação; Publicações secundárias e terciárias; Reprografia; Normas técnicas; Bases de dados; Disseminação seletiva; Serviço de alerta; e ISSN.” (FONSECA, 2007, p. 11) Aqui, nota-se uma visão mais contemporânea da área da Documentação, com menção a atividades técnicas mais atuais, como a gestão de serviços informacionais, e aos conceitos recentes de tecnologia e base de dados.

Ainda, de acordo com Otlet (2018, p. 5-6), os objetivos e instrumentos aplicados no campo da Documentação envolvem sete dimensões interdependentes: os documentos propriamente ditos; a biblioteca; a bibliografia; o arquivo documentário; o arquivo administrativo; o arquivo histórico; outros documentos, exceto os bibliográficos e gráficos; as coleções museográficas; e a enciclopédia. Em síntese, destacam-se os documentos em geral, que são seu objeto de estudo; a bibliografia, enquanto técnica de sistematização de informações e documentos; e a biblioteca e o arquivo, instituições que podem abrigar os documentos e a prática documentária.

3.2. Documento: conceito e características

Muitas são as definições conceituais de documento encontradas em levantamento bibliográfico sobre o tema. Para Fonseca (2007, p. 4), documento é o “suporte da informação”, surgido como consequência do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, e tendo como exemplos “as patentes de invenções e as marcas de fábricas, a que se juntaram os resultantes de aperfeiçoamentos nas técnicas de registro do som e da imagem.” Nesse sentido, observa-se uma noção de documento relacionada ao contexto histórico da origem da Documentação, em que as inovações tecnológicas causaram uma explosão bibliográfica caracterizada pelo surgimento de novos tipos documentais.

O autor também define documento como “informação registrada em qualquer tipo de suporte (gráfico, visual, fônico, audiovisual) [...]. Assim, são considerados documentos tanto os textos escritos para leitura como os gravados para ser vistos e ouvidos.” (FONSECA, 2007, p. 76-77) Aqui, a definição de documento apresenta uma visão mais abrangente, já que não se refere

apenas ao registro de inovações tecnológicas, mas a suportes e conteúdos informacionais mais diversos, que podem incluir texto, imagem e som.

De acordo com Severino (2007, p. 124),

“documento é todo objeto (livro, jornal, estátua, escultura, edifício, ferramenta, túmulo, monumento, foto, filme, vídeo, disco, CD etc.) que se torna suporte material (pedra, madeira, metal, papel etc.) de uma informação (oral, escrita, gestual, visual, sonora etc.) que nele é fixada mediante técnicas especiais (escritura, impressão, incrustação, pintura, escultura, construção etc.). Nessa condição, transforma-se em fonte durável de informação sobre os fenômenos pesquisados.”

Portanto, conforme o autor, qualquer objeto pode se tornar um documento, desde que suas informações sejam registradas em determinado suporte material, mediante alguma técnica específica. Dessa forma, a definição de documento envolve quatro aspectos: o objeto informacional, o suporte material, o tipo informacional e a técnica de registro. Assim sendo, o objeto informacional do presente estudo é a fotografia, cuja informação visual é registrada em papel, mediante impressão, tornando-se uma fonte duradoura de informação sobre a cidade de Biritiba Mirim.

No Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, pode-se encontrar diversas definições para o termo documento, conforme diferentes autores. Entre elas, define-se documento como “informação registrada, estruturada para a compreensão humana. Esta definição admite tanto os documentos em papel (substanciais), como os documentos eletrônicos (insubstanciais).” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 132) Assim, adiciona-se à noção de documento a sua existência também em suporte eletrônico, além da necessidade da adoção de técnicas documentárias para sua organização com fins de recuperação e construção de conhecimentos.

Ainda nesse Dicionário, o termo documento também recebe definição sob dois atributos diferentes: como unidade física e como unidade simbólica. Considerado como unidade física, o documento é caracterizado de acordo com quatro condições: sua natureza (textual, iconográfica, sonora, material); seu suporte; seu grau de elaboração; e sua forma de disseminação. Por outro lado, “o documento como unidade simbólica tem o objetivo de informar, explicar, dar apoio a uma teoria, caracterizar uma época, uma cultura, uma civilização” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 133) Com base nisso, o presente trabalho estuda a fotografia enquanto documento físico de natureza iconográfica e de interesse histórico, em suporte impresso em papel, de elaboração com técnicas específicas, e disseminação através de exposição fotográfica; mas também, como documento simbólico que caracteriza uma cultura e uma civilização.

Em seu Tratado de Documentação, Paul Otlet propõe o uso do termo documento (ou biblión) como conceito mais genérico que o termo livro, a fim de abarcar a diversidade de materiais informacionais que surgiam.

“Os novos ramos que a palavra livro não abrangeu são: a) documentos propriamente ditos: estampas, peças de arquivos, documentos administrativos, discos, fotografias, filmes, imagens para projeção; b) coleções formadas por documentos: mapoteca, hemeroteca, periodicoteca, discoteca, filmoteca; c) o material especial: fichas, prateleiras, armários, classificadores, pastas, fichários, catálogos.” (OTLET, 2018, p. 17)

Conforme Otlet (2018, p. 11), a noção de documento abrange “não apenas o livro propriamente dito, manuscrito ou impresso, mas também revistas, jornais, textos escritos e reproduções gráficas de qualquer espécie, desenhos, gravuras, mapas, esquemas, diagramas, fotografias, etc”, o que reafirma a diversidade de informações e suportes que são comportadas por esse conceito.

Em complemento, o autor defende que os documentos são “organismos de conservação, concentração e difusão do pensamento, sendo necessário considerá-los como instrumentos de pesquisa, cultura, ensino, informação e recreação.” (OTLET, 2018, p. 59) Além disso, constituem “em seu conjunto a memória materializada da humanidade, na qual, dia a dia, foram registrados os fatos, as ideias, as ações, os sentimentos e os sonhos, quaisquer que sejam, que tenham impressionado o espírito humano.” (OTLET, 2018, p. 59) Portanto, os documentos possuem grande valor sociocultural, na medida em que trazem o registro, a conservação e a difusão do conhecimento, da cultura e da memória construídos pela humanidade. Com isso, percebe-se a importância de haver documentos fotográficos em acervos de bibliotecas, com objetivo de guarda, conservação e difusão da herança cultural de toda a coletividade.

Essa ideia é corroborada por Lara (2010, p. 42), quando afirma que o documento é “um registro que perpetua o pensamento, uma reprodução que tem o mundo como modelo, mas também um gerador de ilusões.” Ademais, a autora explica que o documento pode ser abordado sob duas perspectivas: “num sentido que caracteriza sua atividade nuclear, e num sentido que corresponde ao seu entorno. [...] No segundo caso, os documentos constituem objeto de análise crítica, como expressão, por exemplo, de fenômenos sociais, de memória.” (LARA, 2010, p. 36) Nesse sentido, os documentos representam uma importante fonte de expressão, preservação, perpetuidade e transmissão de pensamentos e memórias de um determinado contexto sociocultural.

Para Otlet (2018, p. 5) o documento também é “constituído por um conjunto de fatos ou ideias apresentados em formato de texto ou imagem e ordenados segundo uma classificação ou um plano determinado pelo objeto ou o propósito a que se propõem seus redatores.” Nesse sentido, Otlet reforça a ideia de que o conjunto de informações registradas em documentos, incluindo fotografias, deve ser organizado e classificado de acordo com seu propósito informacional, a partir de técnicas documentárias específicas.

Segundo o autor, a classificação dos documentos pode ser feita com base em diversos pontos de vista. Como exemplos, a classificação documentária pode se organizar segundo o conteúdo ou assunto tratado; segundo os lugares; segundo o tempo; e segundo o continente. Assim, os documentos fotográficos utilizados no presente estudo foram organizados de acordo com seu conteúdo sobre a cidade de Biritiba Mirim, e descritos conforme os lugares, as pessoas e o tempo que retratam imagetivamente.

3.3. Documentação fotográfica

As imagens, em geral, constituem uma importante fonte informacional. De acordo com Otlet (2018, p. 114), uma das principais diferenças entre imagem e texto é que a imagem “é de percepção simultânea, enquanto a linguagem falada ou escrita é de percepção sucessiva; portanto, a mente não pode percebê-la instantaneamente.” O autor complementa que a imagem “pode servir de base a uma nova linguagem, que permita uma assimilação mais geral, mais fácil e mais imediata.” (OTLET, 2018, p. 300) Com isso, as informações registradas em imagens podem ser compreendidas de maneira mais conjunta, instantânea e simples por seus observadores.

Além disso, é importante destacar que, no contato entre o observador e as informações retratadas em imagens, “não se trata de relações explícitas, como acontece na linguagem (oração, sujeito, verbo, complemento), mas de relações implícitas.” (OTLET, 2018, p. 114) Para Weller e Bassalo (2011, p. 295), “na imagem há dois sentidos subjacentes: o primeiro material, objetivo, dado pela sua existência, e o segundo subjetivo, da ordem do sujeito que a observa ou que a toma como prova, como fonte”. Na mesma linha, Maimone (2007, p. 46) afirma que a “imagem é polissêmica e, portanto, pode produzir vários significados, explícitos ou não. Além das informações semânticas, as imagens apresentam também a informação estética”. Dessa forma, os documentos imagéticos comportam informações visuais objetivas e concretas, mas também

contêm aspectos subjetivos, implícitos e polissêmicos, de acordo com a forma com que são observados.

Segundo Maimone (2007, p. 44), uma imagem “é fonte de informação, ou seja, contém informações passíveis de tratamento, organização e representação de maneira que possibilitem seu acesso e recuperação, para fins de geração de novos conhecimentos ou complementação das já existentes.” Nesse sentido, toda imagem contém informações e pode ser considerada um documento a ser tratado pela Documentação, o que implica na elaboração de metodologias documentárias que permitam a sua devida representação.

De acordo com Otlet (2018, p. 299), “Entre as imagens há algumas grandes categorias: 1º estampas e gravuras, águas-fortes; 2º fotografias; 3º os cartões-postais ilustrados; 4º as cartas de jogar; 5º livros de imagens para crianças.” Portanto, o presente trabalho se dedica especialmente à segunda grande categoria de imagens, caracterizada pela fotografia.

A fotografia pode ser definida como “Técnica ou arte de produzir imagens visíveis pela ação da luz, que fixa essas imagens de modo direto e durável sobre uma superfície sensibilizada.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 175) Já para Otlet, a fotografia “é a arte de fixar em uma chapa recoberta com uma substância sensível à luz as imagens obtidas com o auxílio de uma câmara escura. É um método que permite obter, pela ação de radiações visíveis ou invisíveis, a imagem duradoura de um sujeito.” Ou seja, a fotografia pode ser entendida como uma técnica fotoquímica de produção de imagens por meio de exposição luminosa, fixadas em uma superfície sensível e duradoura.

A fotografia teve sua técnica desenvolvida por diversos autores, que trabalharam juntos ou paralelamente, formando um processo cumulativo de avanços por muitos anos. A primeira fotografia reconhecida, em preto e branco, é atribuída ao francês Joseph Nicéphore Niépce, em 1826. Entre as primeiras técnicas fotográficas que mais se popularizaram, houve o daguerreótipo, um aparelho fotográfico criado por Louis Jacques Mande Daguerre, em 1839, em que a fixação das imagens era feita em material metálico; no mesmo ano, a fixação de imagens em papel estava em teste. Em 1845, surgiu o negativo de vidro, que permitia fazer infinitas cópias em papel de revestimento especial. Já a primeira fotografia colorida permanente foi obtida em 1861, pelo físico James Clerk Maxwell.

Atualmente, as fotografias também podem ser digitais, ou seja, capturadas, digitalizadas, ou registradas através de dispositivos eletrônicos, como câmeras digitais e celulares. Nessa

técnica, a luz sensibiliza um sensor, que converte a luz em um código digital com o valor dos *pixels* da imagem, que é armazenada em memória eletrônica. No presente trabalho, as fotografias utilizadas foram previamente capturadas através de câmeras fotográficas, e depois, digitalizadas ou registradas por seus detentores através de dispositivos eletrônicos, para divulgação em rede social. Para a exposição fotográfica, as fotografias digitais foram impressas em papel fotográfico.

Segundo Lara (2010, p. 35), “algo passa a ser documento quando se vê, no ‘objeto inicial’, um significado especial. O documento aqui transforma-se em um signo.” Nesse sentido, a fotografia “é um signo à medida que resulta de uma apreensão do real sob forma perspectivada pela técnica.” (LARA, 2010, p. 36) Portanto, a fotografia é um documento, pois se apresenta como um signo que representa um objeto inicial através de uma técnica específica. Essa ideia é corroborada por Rodrigues (2007, p. 67), quando afirma que

A fotografia é cópia de um referente, ou seja, de algo ou de alguém - pessoa, objeto, paisagem, animal, acontecimento etc. - reproduzido como imagem. No mundo da representação fotográfica, o referente é uma primeira realidade, e a imagem é uma segunda realidade. Esta última quase sempre sobrevive à primeira, pois, como documento, pode existir por muitos anos após o desaparecimento - morte ou destruição - de seu referente. A imagem fotográfica é polissêmica por natureza, passível de inúmeros significados. Possui um sentido denotativo representado de modo literal por aquilo que se vê registrado em seu suporte físico, e um sentido conotativo que corresponde à sua polissemia.

Sendo assim, a fotografia é um documento duradouro que reproduz, conserva e dissemina imgeticamente a realidade passada de um referente. Além disso, enquanto imagem, a fotografia contém o registro de informações visuais concretas, aliadas a significados subjetivos, implícitos e polissêmicos.

Dado que a fotografia contém informações e pode ser considerada um tipo documental, seu tratamento compete às técnicas documentárias. “A fotografia provocou o surgimento de diversos métodos para sua organização e respectivos organismos. [...] Convém organizar e incluir a organização da fotografia na organização geral da documentação.” (OTLET, 2018, p. 316)

Na origem da Documentação, muitos foram os esforços com o objetivo de desenvolver métodos de organização da documentação fotográfica. Otlet (2018, p. 316), cita algumas dessas iniciativas, como a realização do Congresso Internacional de Fotografia Documentária, ocorrido em Marselha, no ano de 1906. “O Instituto Internacional de Bibliografia e sua seção de fotografia documentária ali apresentaram um primeiro conjunto sistemático de regras referentes à organização, ordenação e colaboração.” (OTLET, 2018, p. 316)

Entre as diversas técnicas documentárias desenvolvidas para a organização de fotografias, foi preciso encontrar uma pertinente aos objetivos do presente trabalho. Para a seleção, organização e exposição das fotografias que retratam a cidade de Biritiba Mirim, tornou-se necessário realizar um tratamento documental que indicasse, resumidamente, suas informações visuais concretas, constituídas pelo referente, local e data do registro fotográfico. Por outro lado, os significados subjetivos e polissêmicos das fotografias seriam obtidos a partir das memórias despertadas nos visitantes da exposição.

Conforme Maimone e Tálamo (2009, p. 182), destacam-se no tratamento de imagens quatro metodologias, três delas voltadas para a descrição de imagens fotográficas. A primeira delas, de acordo com Alves e Valério (1998) apud Maimone e Tálamo (2009, p. 182), é utilizada pela Fundação Biblioteca Nacional para descrever fotografias de cunho histórico. Nesta metodologia a descrição baseia-se nas respostas às quatro perguntas: 1. Quem fotografou?; 2. Quando?; 3. Onde?; e 4. Quem ou o que foi fotografado?. Dessa forma, são descritos o referente, o local, a data e o autor do registro fotográfico.

Em seu Tratado de Documentação, Otlet (2018, p. 301), ao tratar sobre fotografias, afirma que “Foi proposto que, em todas as bibliotecas, um lugar lhes fosse reservado [...]. Fomos favoráveis a que os centros de documentação de cada ciência se ocupem em reunir sistematicamente toda a iconografia da respectiva ciência.” Portanto, o conjunto de fotografias, que compõe a documentação fotográfica e tem seu tratamento informacional atribuído às técnicas desenvolvidas pela Documentação, deve ter sua guarda, conservação e difusão garantidas por profissionais qualificados, incluindo um bibliotecário, atuando em um dispositivo informacional, como uma biblioteca.

3.4. Memória e fotografia

A memória é um elemento fundamental na perpetuação da herança cultural, pois é através dela que grupos sociais passam, de uma geração a outra, seus costumes, saberes e modos de agir no mundo. A todo momento, a herança cultural se renova, e sua memória pode ser registrada por meio de documentos, como as fotografias que, dentro de bibliotecas, configuram um importante meio de conservação e difusão das experiências culturais.

De acordo com Halbwachs (1990), os indivíduos participam de duas tipologias de memórias: a memória individual e a memória coletiva. A memória individual seria aquela

relativa às experiências vividas por um único indivíduo, mas que, por contrapartida, não está inteiramente isolada, já que o passado de um indivíduo se confunde com o passado do grupo social ou do contexto geográfico a que pertence. O indivíduo, para relembrar seu próprio passado, frequentemente necessita de apoio nas lembranças dos outros próximos a si, toma como referência pontos externos que são estabelecidos pela sociedade, e utiliza instrumentos de linguagem, como palavras e ideias, que tomou emprestados de seu meio.

Por outro lado, o autor afirma que a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, que obtém força e durabilidade quando suportada por um conjunto de indivíduos que mantêm suas lembranças enquanto membros do mesmo grupo social. A memória coletiva se envolve com as memórias individuais, já que “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (HALBWACHS, 1990, p. 51), mas não se confunde com elas, e não ultrapassa os limites de seu grupo. Portanto, todo grupo social mantém sua memória coletiva viva através da ocupação e da transformação de determinado espaço geográfico. “É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção.” (HALBWACHS, 1990, p. 143)

Além disso, as memórias coletivas “[...] estão para ‘todo o mundo’ dentro desta medida, e é por podermos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes, a qualquer momento, e quando quisermos, de lembrá-los.” (HALBWACHS, 1990, p. 49) O autor também afirma que “para que a memória dos outros venha assim reforçar e completar a nossa, é preciso também, dizíamos, que as lembranças desses grupos não estejam absolutamente sem relação com os eventos que constituem o meu passado.” (HALBWACHS, 1990, p. 78) Com isso, as memórias individuais são mais facilmente evocadas quando apoiadas em memórias de vários indivíduos de um mesmo grupo social; mas para que essa memória coletiva exista e sobreviva, é preciso que o grupo tenha experienciado algo em comum e que estabeleça os mesmos fundamentos entre si.

Halbwachs (1990, p. 25) defende que nos apoiamos em “[...] testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras.” Dessa forma, o contato com testemunhos de vários indivíduos que constituem um mesmo grupo social

contribui para o crescimento de conhecimentos individuais já alicerçados e para a elucidação de lacunas de memória, aumentando a confiança em sua assertividade. Nesse sentido, a coleta e o diálogo de vários testemunhos se mostram importantes para a preservação das memórias individuais e coletivas.

Em complemento, a memória de um indivíduo somente pode se apoiar nas memórias de outros quando elas partem de um mesmo fundamento em comum. “É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, [...] o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.” (HALBWACHS, 1990, p. 34) Portanto, além de seus testemunhos, é preciso que os indivíduos façam parte de um mesmo grupo social, onde haja troca contínua de experiências, e que suas memórias coletivas sejam reconstruídas com base em algum dado em comum. Para que o contato facilitado com esses dados seja possível, pode-se recorrer a informações registradas em algum suporte material.

O autor ainda enfatiza que a memória coletiva se distingue da memória histórica em vários pontos. A memória histórica seria aquela aprendida nas escolas, cujos acontecimentos passados são selecionados e ensinados de acordo com uma sucessão cronológica bem definida sob uma única visão considerada correta. Já a memória coletiva é múltipla, se apoia na história vivida, possui limites irregulares e incertos, e seus acontecimentos passados são mais abrangentes, incluindo tradições e narrativas dificilmente encontradas por escrito. Dessa forma, a memória histórica se mostra uma representação incompleta da realidade, enquanto a memória coletiva, sendo múltipla e abrangente, baseada na história vivida, se mantém mais clara no imaginário dos indivíduos.

Assim, a memória coletiva se estende até onde alcança a memória do grupo que a compõe. Conforme seus membros individuais desaparecem, a memória coletiva vai se transformando, perdendo e ganhando elementos, enquanto o grupo social possui outros indivíduos que ainda conservam suas lembranças. “É, aliás, difícil dizer em que momento uma lembrança coletiva desapareceu, e se decididamente deixou a consciência do grupo, precisamente porque, basta que se conserve numa parte limitada do corpo social, para que possamos encontrá-la sempre ali.” (HALBWACHS, 1990, p. 84)

Considerando que dados em comum e testemunhos pessoais se mostram ferramentas importantes para a preservação da memória coletiva, convém citar o papel das imagens nesse

processo, posto que “[...] imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular.” (BURKE, 2004, p. 17) Ainda segundo o autor, o testemunho ocular registrado em imagens tem como principal vantagem a leitura rápida de detalhes complexos, em maior proporção que a leitura textual pode oferecer.

Em outras palavras, os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementando, bem como apoiando, as evidências dos documentos escritos. [...] Elas oferecem acesso a aspectos do passado que outras fontes não alcançam. Seu testemunho é particularmente valioso em casos em que os textos disponíveis são poucos e ralos, o caso da economia informal, por exemplo, ou o ponto de vista das de baixo, ou as mudanças na sensibilidade. (BURKE, 2004, p. 233)

Nesse sentido, o contato com testemunhos imagéticos possibilita o reconhecimento do passado, através do registro de evidências da cultura material, dos arranjos sociais, das mudanças graduais dos grupos sociais e dos produtos de sua imaginação, constituindo uma importante participação na construção cultural da sociedade. (BURKE, 2004) Conforme visto na seção anterior, entre os documentos imagéticos está a fotografia.

De acordo com Burke (2004, p. 175), “na era da fotografia, a lembrança de determinados acontecimentos tomou-se cada vez mais intimamente associada com suas imagens visuais”, portanto, a fotografia se apresenta como uma grande aliada no registro de imagens de acontecimentos passados, servindo de apoio às lembranças dos indivíduos, já que “uma coleção de imagens fotográficas representa no mais alto grau o armazenamento de imagens no cérebro, armazenamento que, como se sabe, constitui a memória e abastece todas as funções intelectuais.” (OTLET, 2018, p. 311)

Retomando a noção de que a memória coletiva é mantida por um grupo de indivíduos que ocupam certo lugar no espaço, a fotografia também oferece o registro visual das lembranças de determinado espaço geográfico, que se altera em conjunto com o grupo. “No caso de antigas fotografias de cidades, por exemplo, especialmente quando elas são ampliadas para preencher uma parede, o espectador pode experimentar uma vívida sensação de que ele/ela poderia entrar na fotografia e caminhar por aquelas ruas.” (BURKE, 2004, p. 26) Dessa forma, a leitura de fotografias pode ser uma chave para a evocação de memórias coletivas acerca da cidade que está sendo representada.

Posto que a memória coletiva se caracteriza pela multiplicidade de imaginários e realidades, a fotografia, enquanto memória visual, também possibilita múltiplas formas de

interpretação. “Tratamos, pois, de uma expressão peculiar que, por possibilitar inúmeras representações/interpretações, realimenta o imaginário num processo sucessivo e interminável de construção e criação de novas realidades.” (KOSSOY, 2002, p. 48) Por isso, o registro da memória contido na fotografia permite o resgate e a construção de diversas realidades, dando novos contornos para a memória coletiva.

Segundo Kossoy (2002), o passado é a primeira realidade concreta, enquanto o testemunho fotográfico que o representa é a segunda realidade, que não corresponde necessariamente ao seu contexto histórico fidedigno, mas somente ao registro de um microaspecto de sua aparência, despertando múltiplas formas de imaginação e interpretação. “A primeira realidade, a do fato passado em sua ocorrência espacial e temporal, vê-se assim, “substituída”, tornada signo expressivo [...]” (KOSSOY, 2002, p. 43), e é esse signo, a fotografia, que pode ser alvo de guarda, organização, conservação e difusão, mantendo viva a memória visual do passado inacessível, posto que as fotografias “[...] em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória.” (KOSSOY, 2002, p. 139)

Nesse sentido, a fotografia se distingue como um registro imagético que suscita memórias visuais com vieses históricos ou emocionais. Sobre esse aspecto,

É a fotografia um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções. [...] Conteúdos que despertam sentimentos profundos de afeto, ódio ou nostalgia para uns, ou exclusivamente meios de conhecimento e informação para outros que os observam livres de paixões, estejam eles próximos ou afastados do lugar e da época em que aquelas imagens tiveram origem. (KOSSOY, 2001, p. 30)

Ainda que a fotografia contenha apenas uma imagem congelada e fragmentada da realidade, ela “[...] representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza.” (KOSSOY, 2001, p. 167-168) Dessa maneira, a fotografia concebe um meio de resgatar a memória visual dos indivíduos e de seus contextos sociais, culturais e geográficos.

Porém, as fotografias “[...] não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado” (KOSSOY, 2002, p. 21), por isso, para que a memória visual registrada na fotografia seja capaz de evocar lembranças e testemunhos nos indivíduos, é preciso que ela esteja contextualizada com seu passado e com

outros testemunhos, a fim de que os indivíduos reconheçam seus elementos. Caso as imagens fotográficas sejam identificadas e analisadas “[...] a partir de metodologias adequadas, se constituirão em fontes insubstituíveis para a reconstituição histórica dos cenários, das memórias de vida (individuais e coletivas), de fatos do passado centenário como do mais recente.” (KOSSOY, 2002, p. 133) Posto isso, torna-se imprescindível o tratamento documentário de fotografias, para que elas não se limitem a uma imagem isolada e sem contexto, mas que tragam informações e relações informacionais com outros documentos e testemunhos, a fim de recuperar e preservar as memórias individuais e coletivas.

3.5. O bibliotecário como agente cultural

São crescentes as discussões em torno do papel do profissional bibliotecário na criação e implementação de projetos e ações culturais. De acordo com Cabral (1999, p. 44), o “trabalho de ação cultural bibliotecária pode ser considerado como um campo de atuação profissional extremamente rico e transformador, em que os sujeitos passam da condição de meros consumidores de cultura para a de produtores de informação e conhecimentos.”

Nesse sentido, é importante definir sob qual abordagem de cultura a ação cultural será desenvolvida. A cultura recebe diversas definições e abordagens, e dentre elas, Cabral (1999, p. 41) propõe defini-la como “[...] um processo dinâmico e ininterrupto, construído no cotidiano da práxis social, a partir da experiência concreta de vida dos sujeitos, sendo trabalho que se materializa na ação humana.” Dessa forma, a ação cultural bibliotecária deve levar em conta o caráter dinâmico e contínuo da cultura, que é produzida a partir da materialização das atividades e realidades sociais. “Assim, o trabalho de ação cultural bibliotecária deve tomar como ponto de partida a realidade e as vivências individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos no processo, buscando uma estreita ligação com o meio ambiente imediato onde se desenvolvem as ações.” (CABRAL, 1999, p. 41)

Segundo Flusser (1983), a cultura pode ser conceituada a partir de duas posições: como um conjunto de objetos que formam um acervo material produzido pelo trabalho humano, ou como um contexto cultural representado por ideias, pensamentos, tradições, experiências, ações e visões de mundo individuais e coletivas. “Para o propósito de uma ação cultural, as duas posições diante da cultura - acervo e contexto - devem ser constantemente consideradas, pois a ação

cultural é basicamente mediação e criação de acervo, inseridas em contexto cultural bem definido.” (FLUSSER, 1983, p. 148)

Porém, é importante destacar a diferença entre fabricação cultural e ação cultural. Conforme Coelho (2001), a fabricação cultural é um processo com início, desenvolvimento e fim predeterminados, cujas etapas são pré-estabelecidas a fim de que os sujeitos produzam um objeto. “Nele, o agente cultural é o sujeito do processo e determina todas as ações, não havendo espaço de criação para os sujeitos envolvidos.” (CABRAL, 1999, p. 40)

Por outro lado, Coelho (2001) afirma que a ação cultural é um processo que também possui início predeterminado, porém não há um ponto terminal onde se espera chegar, nem etapas pré-estabelecidas. Nesse caso, o objetivo do agente cultural não é produzir um objeto, mas dar início ao desenvolvimento de um processo cujo fim e etapas estão fora de seu controle ou previsão. Assim, “[...] um processo de ação cultural resume-se na criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas inventem seus próprios fins e se tornem assim sujeitos - sujeitos da cultura, não seus objetos.” (COELHO, 2001, p. 14)

Com isso, percebe-se que o ponto crucial que diferencia os conceitos de fabricação cultural e ação cultural está na forma com que o agente cultural conduzirá o processo, dando menor ou maior protagonismo aos sujeitos. Essa ideia é corroborada por Cabral (1999, p. 40), quando defende que “o que diferencia a ‘ação cultural’ da ‘fabricação cultural’ é justamente o papel do agente na condução do processo, sendo que na primeira sua função é apenas alavancar e dar partida à criação, fornecendo as condições necessárias para que esta se inicie.” Dessa forma, o interesse do agente cultural está apenas na subjetividade dos sujeitos, oferecendo condições e recursos adequados para que os indivíduos desenvolvam uma postura crítica e transformadora, enquanto principais criadores no processo de ação cultural.

A autora ainda complementa que “nas atividades de ação cultural são utilizadas várias técnicas e instrumentos combinados, de acordo com os interesses dos grupos e a disponibilidade de recursos de cada escola ou comunidade” (CABRAL, 1999, p. 42), ou seja, os sujeitos têm autonomia para decidir quais meios serão utilizados no processo de criação, tendo como exemplos o uso de códigos visuais (que inclui fotografias), auditivos, audiovisuais e vivenciais, de forma a fazer com que o processo seja mais dinâmico e criativo.

Por conseguinte, é possível concluir que a ação cultural possui um propósito dialógico, libertário e emancipador. De acordo com Cabral (1999, p. 42),

A ação cultural pressupõe uma relação igualitária e democrática e a perfeita interação entre os agentes e os grupos, exigindo a busca constante de metodologias alternativas que favoreçam o diálogo e a participação. Estas devem possibilitar o envolvimento dos sujeitos em todas as etapas de execução do trabalho, para que possam decidir conjuntamente e trocar experiências, politizando o processo educativo para formar cidadãos ativos e participantes.

A partir disso, convém definir quem pode ser esse agente cultural. Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 8), o agente cultural é aquele que “[...] envolve-se com a administração das artes e da cultura, criando as condições para que outros criem ou inventem seus próprios fins culturais.” Portanto, os autores reafirmam o protagonismo que deve ser dado ao público na criação e desenvolvimento da ação cultural da qual fazem parte. Para alcançar esse objetivo, o agente cultural “Organiza exposições, mostras e palestras, prepara catálogos e folhetos, realiza pesquisas de tendências, estimula indivíduos e grupos para a autoexpressão faz, enfim, a ponte entre a produção cultural e seus possíveis públicos.” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 8)

O papel de agente cultural pode ser exercido por bibliotecários. Para isso, Cabral (1999) alerta que é necessário que o profissional bibliotecário entenda profundamente a diferença entre fabricação cultural e ação cultural, entre outros conceitos relacionados ao assunto, de forma a ser capaz de decidir que tipo de processo é mais adequado à finalidade que espera atingir. A depender de sua decisão, será necessário o apoio de uma equipe interdisciplinar, que auxiliará na condução do processo através de conhecimentos específicos.

Para a autora, o bibliotecário que atua como agente cultural deve transformar o espaço da biblioteca em local de criação, onde os sujeitos possam expressar sua imaginação e criatividade de forma livre. Além disso, é preciso saber conduzir o processo de ação cultural de modo democrático - ou seja, com a participação dos sujeitos em todas as etapas-, e dialógico, ou seja, adentrando na imaginação e na subjetividade dos sujeitos, interagindo através de diálogos e trocas de experiências, construindo um relacionamento próximo com os sujeitos e com o público em geral. Considerando que a ação cultural compreende diversos tipos de atividades possíveis, “o agente cultural bibliotecário pode extrapolar e expandir o espaço físico das bibliotecas transferindo-o, eventualmente, para outros locais como praças, centros comunitários, ou mesmo as ruas da cidade, pontos de convergência para reunir a comunidade em geral.” (CABRAL, 1999, p. 41)

Trazendo o espaço da biblioteca como local para a produção de ações culturais, Flusser (1983, p. 168) diz que

O gesto prático em uma biblioteca como instrumento de ação cultural é, necessária e basicamente, um trabalho de leitura. E leitura no amplo sentido de - como disse Paulo Freire -, repensar historicamente, sociologicamente, tanto o acervo cultural que nos circunda, quanto o nosso contexto cultural, para que, num processo de tradução, de decodificação, para que, num processo de busca de sempre maior consciência, se trair as intenções de normalização social presentes na cultura, e se dar vida aos elementos emergentes de nosso contexto cultural.

Desse modo, o desenvolvimento de ações culturais dentro do espaço da biblioteca favorece a aproximação dos sujeitos com a cultura, tanto no sentido de contato com o seu acervo material, quanto na garantia de um espaço que permita a livre expressão de pensamentos, experiências e visões de mundo. Nesse sentido, o agente cultural bibliotecário deve atuar em favor de uma relação crítica e transformadora entre os sujeitos e a cultura, levando em conta que essa relação não se dá de forma espontânea e natural, e entre os próprios sujeitos, já que indivíduos “[...] incapazes de se relacionarem, perdem suas referências culturais e ficam anestesiados diante da realidade, sem se preocuparem em compreendê-la para agir sobre ela” (CABRAL, 1999, p. 44), sendo, portanto, imprescindível o diálogo e o compartilhamento de ideias entre os sujeitos da ação cultural.

3.6. Biblioteca pública municipal

Para buscar conceitos iniciais sobre determinado conceito, pode-se recorrer a dicionários da área de interesse. Dessa forma, Cunha e Cavalcanti (2008, p. 51-52), em seu Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, definem “biblioteca pública” como uma biblioteca “que é posta à disposição da coletividade de uma região, município ou estado, e que é financiada principalmente por dotações governamentais”, enquanto “biblioteca municipal” é definida como “biblioteca pública que atende a um município e que pode incluir o arquivo público”. Portanto, a biblioteca pública municipal seria aquela que tem como objetivo atender toda a população de um determinado município, e que é mantida principalmente pela gestão governamental municipal.

A Fundação Biblioteca Nacional, instituição responsável pela guarda, preservação e difusão de toda a produção intelectual do Brasil, disponibiliza em seu portal digital algumas diretrizes em relação à gestão de bibliotecas públicas. Entre essas diretrizes, a Fundação Biblioteca Nacional (2010, p. 18) afirma que a biblioteca pública tem como aspectos específicos: “1) destinar-se a toda coletividade, ao contrário de outras que têm funções mais específicas; 2) possuir todo tipo de material (sem restrições de assuntos ou de materiais); 3) ser subvencionada pelo poder público (federal, estadual ou municipal).” Dessa forma, reafirma-se o conceito de

biblioteca pública como aquela disposta à coletividade e mantida pela esfera governamental, mas além disso, especifica-se que seu acervo deve ser constituído por quaisquer tipos de materiais e assuntos, o que inclui os documentos fotográficos. Logo, adiciona-se à noção de biblioteca pública seu valor democrático, pois não faz restrição de acesso à informação, nem no tocante à comunidade, nem ao acervo que oferece.

A Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (*International Federation of Library Associations and Institutions*, em inglês), abreviada como IFLA, principal instituição internacional que representa os interesses dos serviços bibliotecários e informacionais, publicou o Manifesto pelas Bibliotecas Públicas em 2022, com apoio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Em sua versão traduzida para o português, feita pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB), defende-se que a “biblioteca pública, porta de acesso local ao conhecimento, fornece as condições básicas para a aprendizagem ao longo da vida, a tomada de decisão independente e o desenvolvimento cultural de indivíduos e grupos sociais.” (IFLA; UNESCO, 2022, p. 1) Além disso, o Manifesto afirma que a biblioteca pública “fornece um espaço de acesso público para a produção de conhecimento, compartilhamento e troca de informações e cultura, como também a promoção do engajamento cívico.” (IFLA; UNESCO, 2022, p. 1-2) Aqui, ressalta-se os valores sociais, informacionais e culturais das bibliotecas públicas, como dispositivo informacional público que atua em favor da construção contínua do conhecimento, da participação coletiva na herança cultural, e do protagonismo social de toda a coletividade.

Posto que a biblioteca pública atende à sua comunidade sem fazer distinção social ou restrição informacional alguma, suas coleções “[...] devem refletir as tendências atuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da atividade humana e os produtos de sua imaginação.” (IFLA; UNESCO, 2022, p. 2) Dessa maneira, os materiais e os serviços oferecidos pelas bibliotecas públicas devem contemplar o patrimônio cultural acumulado pela humanidade. Em âmbito municipal, esses materiais e acervos, portanto, podem e devem trazer referências históricas, sociais e culturais do município em que estão inseridos, considerando, inclusive, a memória da população local sobre essas referências.

Considerando isso, o Manifesto da IFLA/UNESCO condensa onze missões-chave da biblioteca pública que devem orientar seus serviços com o intuito de promover mais igualdade e desenvolvimento social. Para fins do presente estudo, destaca-se as seguintes missões-chave:

Garantir acesso para todas as pessoas ao conhecimento comunitário e oportunidades para a organização comunitária, em reconhecimento ao papel central da biblioteca no tecido social; Preservar e promover acesso a dados, conhecimentos e tradições locais e indígenas incluindo a tradição oral, proporcionando um ambiente no qual a comunidade possa ter um papel ativo na identificação de materiais a serem coletados, preservados e compartilhados de acordo com os desejos da comunidade; Fomentar o diálogo intercultural e favorecer a diversidade cultural; Promover a preservação e o acesso a expressões culturais e tradições, à apreciação das artes, ao acesso aberto a conhecimento científico, pesquisas e inovações expostas na mídia tradicional ou em materiais digitais ou que venham ser digitalizados. (IFLA; UNESCO, 2022, p. 3)

Diante das missões-chave destacadas, observamos a importância da atuação da biblioteca pública na preservação e na construção do conhecimento popular, da herança cultural, da tradição oral, da participação comunitária, do protagonismo social e da interação intercultural.

As missões-chave da IFLA/UNESCO “incorporam algumas ações propostas pelas reuniões da América Latina e Caribe, como as relativas à herança cultural, ao apoio à tradição oral, ao acesso à informação comunitária e ao apoio à educação em todos os seus níveis.” (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p. 21) Portanto, também para a Fundação Biblioteca Nacional, a biblioteca pública se apresenta como principal instituição pública responsável pela construção e pelo acesso livre e coletivo à cultura e à tradição oral. Por isso, para este estudo, ressalta-se o conhecimento sobre a herança cultural (que pode ser promovida através da construção de um acervo constituído por fotografias históricas) e o incentivo à tradição oral (que pode se dar por meio da escuta e do registro de depoimentos e memórias pessoais).

Fonseca (1992) enfatiza o papel da biblioteca pública como força viva para a educação popular, ainda que ignorada, muitas vezes, pela esfera governamental, inclusive nos municípios. Desenvolver serviços informacionais para fomento do acesso à cultura e à memória na biblioteca pública seria uma forma de garantir independência e cidadania à comunidade local, para que os indivíduos possam tomar decisões por si e participar da herança cultural.

Além disso, o autor afirma que a participação da comunidade na herança cultural não se dá apenas pela leitura da palavra escrita. De acordo com Fonseca (1992), a leitura pode ser realizada por meio de três aspectos: a leitura oral, a leitura real e a leitura direta, sendo que a leitura oral é extremamente rica no Brasil. Sendo assim, o incentivo à tradição oral nas bibliotecas públicas municipais se mostra como um serviço bastante atrativo, participativo e que

atende a diversos perfis de usuários, desde crianças a adultos pouco alfabetizados, garantindo cidadania e voz ativa na esfera sociocultural.

3.7. A cidade de Biritiba Mirim

Para obter dados sobre determinada região geográfica, mostra-se pertinente consultar dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O Portal Cidades do IBGE oferece um panorama geral sobre a cidade de Biritiba Mirim, tomando como base o censo de 2010. Conforme seus dados, a população estimada da cidade em 2021 era de 33.265 pessoas, enquanto o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), indicador que varia de zero a um e concentra dados de longevidade, educação e renda, é de 0,712.

No que diz respeito à educação, a taxa de escolarização entre estudantes de seis a catorze anos de idade é de 97,7%, sendo que a cidade conta com doze escolas de ensino fundamental e três escolas de ensino médio. O IBGE também apresenta dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), um indicador que varia de zero a dez, calculado a partir dos dados sobre o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. Em Biritiba Mirim, o IDEB calculado para os anos iniciais do ensino fundamental é de 5,8, enquanto o IDEB dos anos finais do ensino fundamental é de 5,0.

Com relação a dados geográficos e ambientais, Biritiba Mirim possui área territorial de 317.406 km², o que caracteriza uma densidade demográfica de 90,03 hab/km². O índice de esgotamento sanitário adequado é de 81,1%, e de urbanização de vias públicas é de 7,8%. Biritiba Mirim pertence à Mesorregião Metropolitana de São Paulo, e à Microrregião de Mogi das Cruzes, sendo que seu bioma principal é a Mata Atlântica.

Além dos dados estatísticos, o portal do IBGE também traz algumas informações históricas sobre a cidade. Segundo o instituto, a origem de Biritiba Mirim remonta à fundação da Capela São Benedito, em 5 de maio de 1873, por Benedito Antônio do Espírito Santo, conhecido como Benedito Pedro. Com o tempo, uma pequena vila se formou ao redor do local, que ficou conhecida como Capela de São Benedito. Por meio da Lei nº 1985 de 13 de novembro de 1924, a vila se tornou Distrito de Paz pertencente a Mogi das Cruzes, recebendo o nome de Biritiba-Mirim, que em tupi-guarani significa “muitos biris pequenos”, sendo o biri uma planta muito comum na região, de nome científico *Canna edulis*.

Em 1929, a primeira estrada estadual ligando Biritiba Mirim a Mogi das Cruzes foi aberta à circulação. Já em 1950, ocorreu a inauguração do primeiro grupo escolar em Biritiba Mirim, construído por ordem de Epaminondas Freire, ex-prefeito de Mogi das Cruzes, em terreno que foi recebido por doação de Caetano Leme da Cunha. Esse prédio, com o tempo, já abrigou a prefeitura municipal, e atualmente é ocupado pelo Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Em 28 de fevereiro de 1964, por meio da Lei nº 8092, Biritiba Mirim conquistou sua emancipação política, e seu primeiro prefeito foi José Oliva Melo Júnior.

A fim de encontrar mais informações históricas sobre Biritiba Mirim, buscou-se documentos sobre o assunto na biblioteca municipal da cidade, porém apenas um livro foi encontrado, com autoria de Ferraz (2002). De acordo com a autora, a região geográfica de Biritiba Mirim teve sua ocupação iniciada por volta do ano de 1790, a partir da vinda de grupos familiares de agricultores de Mogi das Cruzes.

Por muito tempo, o local foi explorado por sertanistas e bandeirantes, e frequentado por moradores e representantes da administração de Mogi das Cruzes, que buscavam fonte segura e localização geográfica nas proximidades das águas do Rio Tietê e da mata fechada. Em 1820, o local já constituía um povoado, e foi nessa época e região que nasceu uma importante lenda popular da cidade.

A lenda conta que, no povoado, vivia a família dos Inês, que tinha uma filha de dez anos chamada Firmina, a quem eram atribuídos dons especiais através da fé, como os dons da cura, da profecia e da multiplicação dos alimentos, o que atraiu um grande número de pessoas ao povoado em busca de milagres.

A fundação desse povoado ocorreu em 5 de maio de 1873, com a construção da Capela São Benedito, data que marca o aniversário da cidade. A área habitada no entorno da capela se ampliou, dando origem à vila Capela de São Benedito. Foi nesse local que, em 1902, iniciou-se a construção da Igreja de São Benedito, que recebeu o nome do santo padroeiro da cidade. Dessa forma, Ferraz (2002, p. 7) afirma que “Biritiba nasceu e cresceu pelas mãos de famílias de agricultores e pela fé [...]. Cada bairro que se desenvolvia, dava-se início através de uma capela.”

Quando a vila foi elevada a distrito, a necessidade de acesso à água canalizada tornou-se prioridade. Por isso, Rodolpho Jungers, então prefeito de Mogi das Cruzes, inaugurou a Estação de Tratamento de Água, no bairro de Casa Grande. A água foi canalizada com sucesso, e a Estação de Tratamento de Água passou a abastecer toda a Grande São Paulo.

A paisagem do distrito, tomada por áreas de plantio, atraiu a vinda de imigrantes japoneses, por volta de 1929. O primeiro imigrante japonês que se tem notícia foi Shiguero Takebe, e sua esposa Kikue Takebe. A família e seus descendentes se dedicaram à lavoura por muito tempo, até que Tsuneo Takebe construiu o Orquidário em 1975, no bairro Vila Márcia, como alternativa de atividade que fosse menos desgastante fisicamente.

Em 1940, a família Jungers deu início ao plantio de caqui no distrito. O influente morador Ferdinando Jungers foi um agricultor e proprietário de terras onde atualmente estão localizados os bairros Vila Operária e Jardim Alvorada.

Já em 1944, a Companhia Agropecuária Fazenda e Granja Irohy, localizada na atual Estrada Mogi-Salesópolis, iniciou os trabalhos de plantio, criação de gado e outras atividades. Dentro da fazenda, seus trabalhadores formaram uma colônia, onde instalaram-se mais de trinta famílias. Porém, após a emancipação da cidade, a atuação da fazenda foi dissolvida, e o local foi ocupado pela exploração de argila e areia. Também ocorreram muitas desapropriações para a construção de estradas, escolas e o aeroclube da cidade, além do arrendamento de terras para mineradoras.

No ano de 1950, foi construído o Grupo Escolar de Biritiba Mirim, primeiro estabelecimento de ensino da cidade, sobre um terreno doado por Caetano Leme da Cunha. Nessa escola, era comum realizar festividades pelo aniversário da cidade, em que as crianças cantavam o hino municipal; hoje, pouco se sabe sobre esse hino. Em 1967, o grupo escolar passou a funcionar em prédio construído pelo Estado, em terreno doado por Ferdinando Jungers, onde existia um campo de futebol. Em 2002, a escola foi municipalizada e renomeada como Escola Municipal de Ensino Fundamental João Cardoso de Siqueira Primo.

A emancipação política de Biritiba Mirim foi conquistada em 1964, a partir de grandes esforços de seus habitantes, em especial de José Oliva Melo Júnior, conhecido na cidade como Zezé, que se tornou o primeiro prefeito. Zezé atuava com o objetivo de atrair mais pessoas à cidade e tirá-la do anonimato. Para isso, divulgou os bens naturais da cidade e promoveu festas agrícolas, como a Festa do Caqui, que atraía turistas de diversas localidades, e levou o nome da cidade para programas televisivos da época. Seus esforços atraíram até mesmo artistas como Altamar Dutra, Edi Carlos e Ronnie Von. Este último se tornou um grande admirador da cidade, homenageado por meio do batismo de ruas e escolas com seu nome.

Em 1966, foram promulgadas leis com a finalidade de oficializar a doação de terrenos em posse de civis à prefeitura. Como exemplo, há a Lei nº 70 de 29 de agosto de 1966, que autoriza a doação, de Sebastião Silva, das áreas das ruas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 do loteamento Nossa Senhora das Graças, onde atualmente estão localizados a Rua Sebastião Silva, o quarteirão das Ruas Padre José de Anchieta e Antenor Lugobone, até o antigo Posto de Gasolina do Araken e adjacências. Também há a Lei nº 78 de 15 de dezembro de 1966, que autoriza a prefeitura a receber um terreno de Nilo Alabarce, onde funcionava um matadouro; atualmente, a Estrada Municipal Nilo Alabarce passa pelo terreno, localizado atrás da Escola Municipal Prof.^a Helena Ricci Barbosa.

Biritiba Mirim é uma cidade protegida pela Lei dos Mananciais, o que impede a construção de edifícios com mais de dois andares, e impõe regras rigorosas para a instalação de indústrias. A rede elétrica e a rede telefônica municipal chegaram à cidade no final dos anos 60. Em 1971, foi criado o departamento autônomo de água e esgoto e regularizada a área para o cemitério municipal. O primeiro posto de saúde da cidade foi inaugurado em 1972. Em 1975, a Cooperativa de Eletricidade Rural de Salesópolis foi autorizada a fazer ligação e fornecimento de energia elétrica para a iluminação da Escola Municipal Ronnie Von, situada no bairro Sertãozinho, também conhecido como bairro do Sogo.

Em 2001, foi inaugurada a biblioteca pública municipal denominada “Oswald de Andrade”, nessa época localizada atrás do palco da Praça São Benedito, no centro da cidade. A biblioteca foi criada e organizada por Nilda Bueno de Andrade, educadora, artista plástica, professora, diretora teatral e poetisa, que se mudou para Biritiba Mirim em 1997. A biblioteca era pouco frequentada, já que em Biritiba Mirim, de acordo com Ferraz (2002, p. 23), “[...] não é muito reconhecido escritores, atores de teatros, artistas de televisão. Estes tipos de atividades culturais são geralmente desenvolvidas nas escolas, igrejas evangélicas e grupos de dança isolados.”

A agricultura continua sendo a principal atividade econômica de Biritiba Mirim, considerada um dos maiores produtores de agrião e alface do Estado de São Paulo. Biritiba Mirim também integra o Cinturão Verde de São Paulo, que surgiu como área de cultivo agrícola para abastecimento do Ceasa e dos mercadões da Cantareira e da Lapa, mas hoje se dedica principalmente à preservação ambiental.

Ferraz (2002, p. 73), afirma que “Biritiba Mirim não dispõe até o ano de 2002 de patrimônio histórico tombado pelo Poder Executivo”, e conforme verificado para o presente

trabalho, esta continua sendo uma lacuna. Além disso, a autora defende a necessidade de ações políticas em prol da preservação histórica e patrimonial da cidade, argumentando que a “[...] Igreja São Benedito, onde iniciou-se o bairro da então cidade, já sofreu muitas reformas, descaracterizando assim a lembrança do marco histórico.” (FERRAZ, 2002, p. 73) Em seguida, a autora cita que “As casas ao redor da praça e da igreja já sofrem alterações por edificações modernas, muitas foram demolidas e transformadas em comércio.” (FERRAZ, 2002, p. 73)

Todas as informações históricas levantadas sobre Biritiba Mirim serviram como alicerce para a seleção das fotografias utilizadas na exposição fotográfica desenvolvida para o presente trabalho.

3.8. A Biblioteca Pública Municipal Oswald de Andrade

Com o objetivo de encontrar informações mais detalhadas sobre a Biblioteca Pública Municipal Oswald de Andrade, localizada na cidade de Biritiba Mirim, foi realizada uma busca no portal digital do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB), que é coordenado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, e integra em um só sistema os dados e as informações de todas as bibliotecas públicas paulistas.

O SisEB oferece diversos serviços de consultoria e de apoio à gestão em biblioteca, leitura, literatura e conhecimento. A criação e a manutenção de seus serviços e políticas depende da coleta e análise de informações atualizadas sobre todas as bibliotecas públicas paulistas, sendo que essas informações são coletadas mediante preenchimento de formulário próprio para esse fim, disponibilizado em seu site, e de responsabilidade de cada biblioteca pública. As informações devem ser atualizadas anualmente pelo responsável de cada biblioteca, e os dados coletados são armazenados em uma base de dados online criada pelo SisEB em 2007, chamada “Bibliotecas Paulistas”, que se trata de uma plataforma com acesso livre e gratuito para toda a comunidade, através do site do próprio Sistema. Nessa base de dados, foi possível encontrar informações sobre a Biblioteca Pública Municipal Oswald de Andrade.

De acordo com as informações encontradas na plataforma, a BPM Oswald de Andrade está inscrita no Sistema desde o ano de 2019, sendo que os dados mais recentes sobre ela foram atualizados no ano de 2021. A BPM Oswald de Andrade foi criada em 31 de dezembro de 1969, a partir da Lei 120 de 10 de dezembro de 1968. Atualmente, está localizada em uma importante

avenida da região central da cidade de Biritiba Mirim. O documento gerado pelo SisEB está dividido em seções, contendo todos os dados atualizados em 2021, que são descritos a seguir.

Na seção “Sobre a Biblioteca”, é informado que a BPM Oswald de Andrade está vinculada à Secretaria Municipal de Cultura de Biritiba Mirim. Seus dias e horários de funcionamento são de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h, contando com três funcionários. A biblioteca não possui política de desenvolvimento de coleções ou política de descarte e desbaste de livros, não participa do Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca, nem realiza evento literário próprio.

Também é informado que a BPM Oswald de Andrade está cadastrada no Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), responsável por estruturar as bibliotecas públicas e fortalecer as ações de estímulo ao livro, à leitura e às bibliotecas. Para isso, a SNBP também mantém uma base de dados em seu portal digital com informações sobre as bibliotecas públicas de todo o território nacional. Essa base de dados é atualizada periodicamente e oferece acesso livre, sendo que a última atualização de sua relação de bibliotecas públicas do Estado de São Paulo se deu no ano de 2021. Nessa relação, não consta o cadastro de nenhuma biblioteca pública localizada em Biritiba Mirim.

Na seção “Recursos Financeiros”, relata-se que a Biblioteca não dispõe de orçamento próprio ou outras formas de captação de recursos financeiros. A atualização do acervo da biblioteca se dá principalmente por doações, inclusive do SisEB, sendo que a última compra de acervo para a biblioteca ocorreu em 12 de novembro de 2018.

No portal digital da Prefeitura Municipal de Biritiba Mirim são encontradas algumas notícias sobre sua gestão pública. Em uma das notícias, postada em março de 2019, é informado que houve uma visita da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Biritiba Mirim à sede do SisEB naquele ano, e nessa ocasião, a Secretaria recebeu, como doação, cerca de 150 livros, CDs e DVDs para o acervo da BPM Oswald de Andrade. Além disso, a notícia explica que a Biblioteca também oferece o Programa ACESSA São Paulo, programa de inclusão digital do Governo do Estado de São Paulo, que dá acesso à internet de forma gratuita para a população.

Na seção “Instalações”, afirma-se que a área física total da Biblioteca é de 6 m². Dentro desse espaço, há sala de leitura, mesas e cadeiras para estudo e pesquisa, espaço para abrigar serviços e programação cultural, computadores com acesso à internet, e uma área externa para realização de eventos, chamada de “Barracão Cultural”. Para ilustrar alguns desses espaços e

serviços, são exibidas fotografias da BPM Oswald de Andrade, conforme vistas abaixo. Observa-se que a fachada da BPM Oswald de Andrade exibe uma fotografia antiga da cidade, que retrata a Igreja Matriz São Benedito.

Imagem 1. Fachada da BPM Oswald de Andrade



Fonte: SisEB, 2021.

Imagem 2. Barracão Cultural da BPM Oswald de Andrade



Fonte: SisEB, 2021.

Na seção “Acervo”, consta que a BPM Oswald de Andrade possui acervo de 8.500 livros, 50 DVDs e CDs, 50 audiolivros, 30 livros em braile, 10 jogos e brinquedos, 15 partituras e 20 mapas e plantas. A Biblioteca não possui assinaturas de periódicos correntes (jornais e revistas) e e-books. Também é informado que a Biblioteca não possui catálogo informatizado, nem mesmo catálogo disponível na internet.

Em visita à Biblioteca, observou-se que o acervo é organizado por ordem alfabética de autor, sem fazer uso de linguagens documentárias ou de ferramentas auxiliares, como etiquetas e carimbos. Também há seções classificadas de acordo com o assunto, sendo a maior parte ocupada por livros de literatura, e em menor parte, por livros de medicina, infantis, artísticos, de referência (chamados de cativos), HQs e em línguas estrangeiras.

Na seção “Estatísticas de Movimento”, consta que há 2.582 usuários cadastrados, sendo que, destes, 100 usuários frequentaram a biblioteca desde a última atualização de informações ao SisEB. A contagem de usuários é feita manualmente. Pode-se observar que a frequência de uso dos serviços da Biblioteca é relativamente pequena diante do número de usuários cadastrados.

Na seção “Perfil do Freqüentador”, é dado que os tipos predominantes de público da Biblioteca são estudantes do Ensino Fundamental, Ensino Médio, graduação ou pós-graduação, além de adultos e idosos. Portanto, trata-se de um público bastante diverso, como é comum dentro da coletividade que uma biblioteca pública deve atender.

Na seção “Serviços”, relata-se que a Biblioteca oferece serviços como empréstimo domiciliar (usuário pode levar item do acervo por tempo determinado), empréstimo interno (para funcionários vinculados à biblioteca), encontro com autores, rodas de leitura, contação de história, exposições e oficinas, palestras e cursos. Nesses termos, a exposição fotográfica, objeto do presente estudo, faz parte do rol de serviços que a BPM Oswald de Andrade já costuma oferecer a seus usuários.

Na seção “Responsável”, informa-se a funcionária responsável pela BPM Oswald de Andrade, cujo cargo ocupado dentro da gestão pública consta como ajudante geral, e seu nível de escolaridade é de ensino médio. Seus dados de contato são os mesmos canais de comunicação da Biblioteca: e-mail, telefone e redes sociais.

A partir de todas as informações encontradas, considera-se que a exposição fotográfica desenvolvida no presente estudo se apresenta como um serviço informacional interessante de ser aplicado na BPM Oswald de Andrade, pois complementa os serviços e materiais já existentes, e ocupa um espaço já destinado a eventos culturais, localizado em região de grande circulação de pessoas.

4. A EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA

Para a realização da exposição fotográfica, obteve-se permissão de acesso a um grupo público da rede social *Facebook*, denominado “Biritiba histórica”, em que os participantes, moradores ou antigos moradores da cidade de Biritiba Mirim, divulgam fotografias de seu arquivo pessoal.

A partir das publicações no grupo, foram selecionados 24 registros fotográficos antigos da cidade, de acordo com critérios como: boa resolução de imagem; descrição e comentários que indiquem data aproximada, local, pessoas e eventos retratados; conteúdo imagético em que a cidade de Biritiba Mirim seja reconhecível, a fim de garantir certa fidedignidade; e conteúdo imagético que se relacione com os dados históricos levantados sobre a cidade de Biritiba Mirim.

Os moradores detentores das fotografias selecionadas foram contatados via *Facebook* para obtenção de autorização de uso das imagens. As fotografias selecionadas e autorizadas para uso receberam tratamento descritivo com base na metodologia utilizada pela Fundação Biblioteca Nacional, explicada por Maimone e Tálamo (2009, p. 182), para descrever fotografias de cunho histórico. Nesta metodologia, a descrição baseia-se nas respostas às quatro perguntas:

1. Quem fotografou?
2. Quando?
3. Onde?
4. Quem ou o que foi fotografado?

Após esse tratamento descritivo, as fotografias foram impressas em tamanho A4 (297x210mm), em papel de tipo fotográfico, acompanhadas de sua descrição documentária, para então serem expostas. As fotos escolhidas, reunidas, descritas, impressas e utilizadas na exposição foram as seguintes:

Imagem 3. Registro fotográfico 1



Fonte: Arquivo pessoal de Vera Eiko Sant'Ana.¹

1. Quem fotografou? Grupo Escolar “João Cardoso de Siqueira Primo”.
2. Quando? Ano de 1963.
3. Onde? Grupo Escolar “João Cardoso de Siqueira Primo”.
4. Quem ou o que foi fotografado? Aluno do 3º ano, chamado Rubens.

¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/907869753301602/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 4. Registro fotográfico 2



Fonte: Arquivo pessoal de Mara Rodrigues Cardoso.²

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1993.
3. Onde? Região central de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Desfile cívico de jovens alunos em comemoração aos 29 anos de emancipação política de Biritiba Mirim.

² Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/permalink/900278647394046/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 5. Registro fotográfico 3



Fonte: Arquivo pessoal de Ricardo Katia Garcia.³

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Desconhecido.
3. Onde? Rua Coronel Silvino de Miranda Melo, na região central. Antiga casa de Joana e Sebastião Garcia, hoje local da ótica Kristale.
4. Quem ou o que foi fotografado? Neide Garcia e sua cunhada Odete.

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/926691651419412/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 6. Registro fotográfico 4



Fonte: Arquivo pessoal de Fabio Mohammad Barbosa.⁴

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1995.
3. Onde? Avenida Jair Lemes, bairro Jardim Yoneda.
4. Quem ou o que foi fotografado? Festa das crianças, promovida por Marcos Zaramella.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/915069825914928/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 7. Registro fotográfico 5



Fonte: Arquivo pessoal de Marcia Awazu.⁵

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1971.
3. Onde? Estação de Tratamento de Água do Rio Claro, no bairro Casa Grande.
4. Quem ou o que foi fotografado? Marcia Awazu em frente à sinalização da Estação de Tratamento de Água do Rio Claro, no bairro Casa Grande.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/915156919239552/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 8. Registro fotográfico 6



Fonte: Arquivo pessoal de Camila Camargo.⁶

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Novembro de 1968.
3. Onde? Rua A, número 7, no bairro Vila Operária.
4. Quem ou o que foi fotografado? Marcia Awazu e Branca, em frente à casa da professora conhecida como Dona Naia.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/913875922700985/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 9. Registro fotográfico 7



Fonte: Arquivo pessoal de Nair Prado.⁷

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1969.
3. Onde? Bar do Dito Açougueiro, na Rua Engenheiro Abílio de Melo Pinto, região central da cidade de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Dito Açougueiro em frente ao seu bar, ao lado de José e Geraldo. Na lateral, estão Valdeci, Zilda e Nair, filhos de Geraldo dentro de seu caminhão.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/1089903638431545/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 10. Registro fotográfico 8



Fonte: Arquivo pessoal de Carolina Isabelita Prado.⁸

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Década de 1960.
3. Onde? Avenida Ferdinando Jungers, região central de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Avenida Ferdinando Jungers, com vista para a Escola João Cardoso de Siqueira Primo, e uma casa onde atualmente é a Praça do Cruzeiro.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/1062016627886913/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 11. Registro fotográfico 9



Fonte: Arquivo pessoal de Bernadete Mariano.⁹

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1975.
3. Onde? Rua Coronel Silvino de Miranda Melo, região central de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Time de vôlei de Biritiba Mirim, passando em frente ao Bazar Hirayama, conhecido como Bazar da Hiroko.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/947474289341148/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 12. Registro fotográfico 10



Fonte: Arquivo pessoal de Bernadete Mariano.¹⁰

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Década de 1980.
3. Onde? EEPG Profa. Helena Ricci Barbosa, na Rodovia Professor Alfredo Rolim de Moura, km 18, Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Professoras Mariana, Naia, Bernadete, Célia, Valéria, Sandra e Nair, na EEPG Profa. Helena Ricci Barbosa.

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/946965072725403/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 13. Registro fotográfico 11



Fonte: Arquivo pessoal de Silvia Regina Siqueira.¹¹

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1949.
3. Onde? Filtros de tratamento de água da Estação de Tratamento de Água do Rio Claro, no bairro Casa Grande.
4. Quem ou o que foi fotografado? Engenheiro Dr. Hernandes, Zeca Baiano e Zé Pedro.

¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/permalink/915956665826244/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 14. Registro fotográfico 12



Fonte: Arquivo pessoal de Mariana Almeida Bonfim.¹²

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Década de 1980.
3. Onde? Escola da Fazenda Irohy.
4. Quem ou o que foi fotografado? Alunos da Escola da Fazenda Irohy.

¹² Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/permalink/913604696061441/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 15. Registro fotográfico 13



Fonte: Arquivo pessoal de Tatiana Takumi.¹³

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1992.
3. Onde? Praça São Benedito, região central de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Irmãos Dejair e Hivair.

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/905676363520941/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 16. Registro fotográfico 14



Fonte: Arquivo pessoal de Antonio De Jesus Franco Toninho.¹⁴

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Década de 1980.
3. Onde? Armazém do Cebolinha, na Avenida Ferdinando Jungers, onde atualmente é a Loja de Móveis Valverde.
4. Quem ou o que foi fotografado? Antonio De Jesus Franco Toninho, funcionário do Armazém do Cebolinha.

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/903933087028602/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 17. Registro fotográfico 15



Fonte: Arquivo pessoal de Lidiana Fernandes Dos Santos.¹⁵

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1988.
3. Onde? Ginásio Municipal de Esportes de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Formatura dos alunos da EMEI Ferdinando Jungers.

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/903156257106285/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 18. Registro fotográfico 16



Fonte: Arquivo pessoal de Mari Alves.¹⁶

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1995.
3. Onde? EEPG Profa. Helena Ricci Barbosa.
4. Quem ou o que foi fotografado? Desfile de Primavera da EEPG Profa. Helena Ricci Barbosa.

¹⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/902453030509941/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 19. Registro fotográfico 17



Fonte: Arquivo pessoal de Renata Simoes.¹⁷

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1980.
3. Onde? Auto Posto Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Cabo da Polícia Militar Milton Piva, ao lado do carro de polícia, em frente ao Auto Posto Biritiba Mirim.

¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/900318290723415/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 20. Registro fotográfico 18



Fonte: Arquivo pessoal de Renata Simoes.¹⁸

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1972.
3. Onde? Auto Posto Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Auto Posto Biritiba Mirim do Sr. Araken, cujo primeiro proprietário foi o Sr. Amilar.

¹⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/900316484056929/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 21. Registro fotográfico 19



Fonte: Arquivo pessoal de Mara Rodrigues Cardoso.¹⁹

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Ano de 1993.
3. Onde? Rua Henrique Peres, ao lado da Praça São Benedito, região central de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Desfile cívico de alunos da EEPSG Prof. Adhemar Bolina, em comemoração aos 29 anos de emancipação política de Biritiba Mirim.

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/permalink/900278647394046/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 22. Registro fotográfico 20



Fonte: Arquivo pessoal de Simone Lima.²⁰

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Década de 1980.
3. Onde? Igreja Matriz São Benedito, região central de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Seminarista Toninho e D. Firmina Santana, em festividade pela Semana Santa na Igreja São Benedito.

²⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/900036867418224/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 23. Registro fotográfico 21

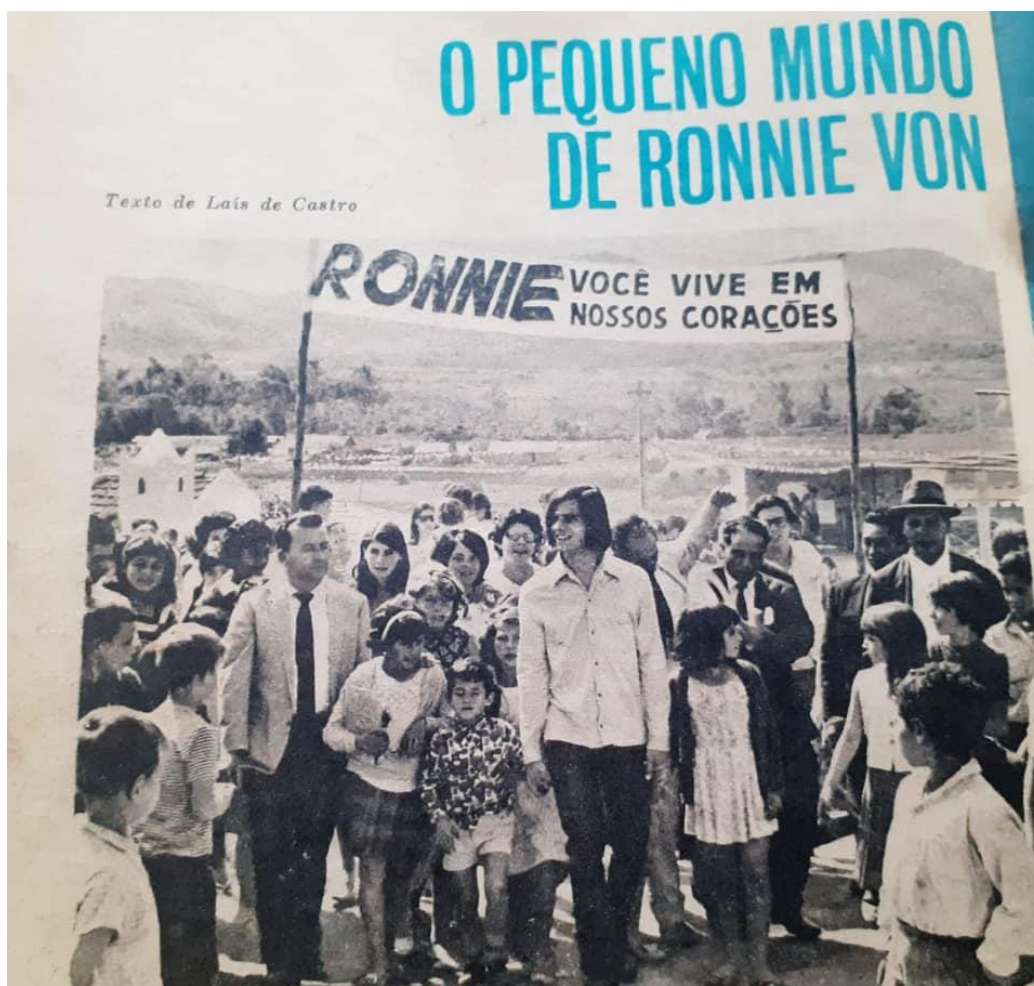


Fonte: Arquivo pessoal de Isabel Cristina Cunha.²¹

1. Quem fotografou? Desconhecido.
2. Quando? Desconhecido.
3. Onde? Avenida Ronnie Von, entrada principal de Biritiba Mirim, onde atualmente é a Avenida Reinaldo Benedito de Melo.
4. Quem ou o que foi fotografado? Entrada principal da cidade de Biritiba Mirim.

²¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/898284620926782/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 24. Registro fotográfico 22



Fonte: Arquivo pessoal de Firmino Barbosa De Melo Sobrinho.²²

1. Quem fotografou? Revista Intervalo.
2. Quando? Ano de 1967.
3. Onde? Bairro do Sogo, em Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Reportagem da Revista Intervalo noticiando a visita solene de Ronnie Von nas inaugurações do parque infantil Pequeno Mundo, da Avenida Ronnie Von, e da Escola Ronnie Von do Bairro do Sogo.

²² Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/permalink/898143887607522/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 25. Registro fotográfico 23



Fonte: Arquivo pessoal de Glauce Juliana.²³

1. Quem fotografou? Jornal Folha de Biritiba.
2. Quando? Desconhecido.
3. Onde? Região central de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Moradores ilustres da região central de Biritiba Mirim, fotografados para uma matéria do Jornal Folha de Biritiba, noticiando a primeira instalação de água encanada na cidade, em 1955.

²³ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/896959064392671/>. Acesso em: 7 out. 2022.

Imagem 26. Registro fotográfico 24



Fonte: Arquivo pessoal de Marcia Awazu.²⁴

1. Quem fotografou? Cleiton Negreiro.
2. Quando? Ano de 1996.
3. Onde? Rua Francisco Ferreira Lopes, região central de Biritiba Mirim.
4. Quem ou o que foi fotografado? Rua Francisco Ferreira Lopes, com casas antigas à direita, e a Praça Paulino Leite da Silva à esquerda.

Para a realização da exposição, pretendeu-se obter apoio público da prefeitura de Biritiba Mirim para a autorização de uso do espaço do Barracão Cultural, pertencente à Biblioteca Pública Municipal Oswald de Andrade, além da divulgação ampla à população e do oferecimento de materiais expositivos, como cavaletes, fotografias e documentos textuais históricos. Também desejava-se que, durante a exposição, os funcionários da BPM Oswald de Andrade contribuíssem com seus relatos e conhecimentos, tanto sobre a biblioteca, quanto sobre a comunidade que ela

²⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882/posts/894613151293929/>. Acesso em: 7 out. 2022.

atende. No entanto, a única conquista foi a autorização para uso do espaço do Barracão Cultural. Todos os materiais utilizados, as divulgações promovidas e a abordagem aos visitantes da exposição, foram realizados a partir de esforços da autora.

Mediante autorização da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Biritiba Mirim e de funcionários da Biblioteca Pública Municipal Oswald de Andrade, os registros fotográficos foram expostos no decorrer de uma semana, entre os dias 10 e 14 de outubro de 2022, no horário entre às 13h e 17h, no Barracão Cultural, espaço destinado a eventos culturais pertencente à Biblioteca, localizada na região central da cidade de Biritiba Mirim. As fotografias impressas foram dispostas sobre duas mesas de material plástico, para livre manuseio dos visitantes.

Imagem 27. A exposição no Barracão Cultural



Fonte: A autora.

Imagem 28. Mesa com os registros fotográficos



Fonte: A autora.

Conforme pode ser observado nas imagens acima, a exposição fotográfica realizada demonstrava aparência simples e, de certa forma, desconectada da BPM Oswald de Andrade, por conta da escassez de recursos materiais, de divulgação ampla, de apoio político e de trabalho colaborativo com uma equipe profissional ligada à instituição bibliotecária.

Para informar os munícipes sobre a exposição fotográfica, no intuito de convidá-los à visitação, foi feita divulgação através de contato direto com pedestres no local, e de publicações

em redes sociais, incluindo o próprio grupo “Biritiba histórica” no *Facebook*, além de *stories* (publicações acessíveis por até 24 horas) no *Instagram* e no *Whatsapp* privados da autora e de seus familiares e amigos.

Os visitantes foram estimulados a observar e manusear os registros fotográficos dispostos sobre as mesas. Durante a visita, também foram convidados a responder ao questionário semi-estruturado proposto no estudo, e aos que aceitaram, tiveram os relatos registrados através de gravador de voz, para posterior transcrição e análise relacionada ao referencial levantado e às observações críticas suscitadas durante a exposição.

5. RESULTADOS DA EXPOSIÇÃO

Durante a realização da exposição, foram contabilizadas trinta e seis pessoas que aceitaram adentrar o Barracão Cultural para observação das fotos expostas. O perfil dos visitantes foi composto por pessoas das mais variadas faixas etárias e diferentes graus de escolaridade, que decidiram participar da exposição após terem sido convidadas enquanto transitavam pelas adjacências do local, por serem funcionários da Biblioteca Pública Municipal Oswald de Andrade e já estarem no Barracão Cultural, ou por tomarem conhecimento da exposição através de publicações nas redes sociais.

Observou-se que a presença de um visitante estimulava a curiosidade de outros indivíduos nas proximidades, tendo como consequência a prevalência de visitas coletivas e a ocorrência de diálogos e trocas de relatos e experiências entre os visitantes. As fotografias a seguir foram editadas com o fim de preservar a identidade dos indivíduos, e ilustram partes do andamento da exposição.

Imagem 29. Criança visitando a exposição fotográfica



Fonte: A autora.

Imagem 30. Idoso visitando a exposição fotográfica



Fonte: A autora.

Imagem 31. Exemplo de visitação coletiva na exposição fotográfica



Fonte: A autora.

Assim que os visitantes se deparavam com as fotografias, era comum ocorrerem manifestações de surpresa, nostalgia e saudosismo, além de relatos de lembranças. A maioria dos visitantes relatava histórias pessoais e memórias da cidade voluntariamente, demonstrando curiosidade sobre a exposição fotográfica, questionando sobre a fonte das fotografias, os métodos utilizados para a realização da exposição, e os objetivos almejados a partir de sua realização.

Houve algumas dificuldades durante o desenvolvimento da exposição, tendo como exemplos o baixo alcance das divulgações em redes sociais, a quantidade diminuta de recursos materiais e financeiros para organização de material expositivo adequado, a má condição meteorológica, e o tempo limitado de exposição, considerando que o Barracão Cultural é aberto de segunda a sexta-feira, durante o horário comercial, o que dificulta o acesso de parte significativa da população. Além disso, foram encontradas algumas resistências por parte dos visitantes, pois alguns manifestaram receio de que o acesso à exposição fosse pago, e a maioria dos visitantes não se sentiu à vontade para responder à entrevista ou ter os relatos registrados por gravador de voz.

Entre todos os visitantes, foram obtidas nove entrevistas. O questionário utilizado e as entrevistas podem ser encontradas nos apêndices do presente trabalho. Os entrevistados não tiveram seus nomes divulgados, a fim de resguardar sua privacidade. Tomando como base a pergunta relativa à faixa etária dos respondentes, observou-se que três entrevistados possuíam idade na faixa dos vinte anos, uma entrevistada possuía idade na faixa dos trinta anos, três entrevistados tinham idade na faixa dos cinquenta anos, e dois entrevistados estavam na faixa dos sessenta anos. Entre os visitantes que não deram entrevista, o intervalo entre as idades mínima e máxima era ainda maior, demonstrando que as fotografias permitem uma leitura visual e iconográfica que abrange diversas faixas etárias dos grupos sociais.

Com relação ao gênero dos entrevistados, um se declarou do gênero masculino, sete se declararam do gênero feminino, e um se declarou não-binário. Sobre o grau de escolaridade, uma entrevistada tinha o ensino fundamental completo, uma entrevistada tinha o ensino médio incompleto, três entrevistados tinham ensino médio completo, e quatro entrevistados possuíam ensino superior completo. Observa-se que a leitura imagética das fotografias independe do grau de instrução de seus observadores, permitindo um alcance maior sobre os diferentes estratos sociais.

Por fim, a partir da pergunta sobre há quanto tempo os entrevistados residem na cidade de Biritiba Mirim, quatro deles residem na cidade desde seu nascimento, todos eles com menos de quarenta anos de idade; três deles chegaram à cidade nos anos de 1960, e dois entrevistados chegaram à cidade nos anos de 1980. Portanto, todos os entrevistados são residentes da cidade de Biritiba Mirim há pelo menos vinte anos.

A análise das demais respostas obtidas, vinculadas ao referencial teórico levantado e às observações críticas realizadas, é encontrada na seção a seguir.

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Observou-se que o tratamento documentário das fotografias foi de grande importância, pois muitas vezes os visitantes não reconheciam instantaneamente os elementos concretos da imagem reproduzida, mas ao receber alguns dados como ano, nome do lugar ou nome da pessoa retratada, a memória era despertada com mais facilidade. Portanto, a caracterização dos elementos materiais e objetivos das fotografias auxiliaram na produção de significados e na contextualização informacional.

Alguns visitantes rapidamente expunham memórias, curiosidade ou lembranças paralelas às fotografias assim que as observavam; e foi comum que diferentes visitantes se unissem em meio à exposição para dialogar sobre suas memórias e seus comentários diversos sobre as fotografias. Por isso nota-se que, assim como afirmado por Otlet (2018), as fotografias são de assimilação mais geral, fácil, imediata e simultânea quando comparadas a um texto escrito, e permitem uma relação implícita entre o observador e as imagens.

Por outro lado, alguns visitantes não conseguiram contar suas histórias com a cidade de Biritiba Mirim, não reconheceram os elementos representados nas fotografias, ou não aceitaram que suas memórias fossem registradas, por motivo de embaraçamento ou por não reconhecerem valor em seu próprio testemunho. Supõe-se que esses comportamentos se devem às mudanças ocorridas na cidade sem um esforço de preservação da memória sociocultural, o que tende a afetar o senso de identidade e pertencimento dos indivíduos, que já não reconhecem mais o próprio espaço e a própria história, posto que a memória também se deteriora com o tempo, conforme ela não é mantida através de registros documentais e diálogo com outros indivíduos. Daí também pode surgir a ideia de que as suas memórias não são relevantes, pois não são valorizadas nos âmbitos sociais e políticos.

Além disso, cada visitante interpretava e trazia memórias de modo diferente dos demais, o que demonstra os significados polissêmicos que as fotografias ensejam, conforme defendido por Maimone (2007). Ainda com base na autora, as diversas memórias despertadas nos visitantes podem representar geração de novos conhecimentos ou complementação das já existentes, posto que preenchem lacunas históricas e culturais acerca da cidade de Biritiba Mirim, que dificilmente são encontradas em registros textuais.

Nesse ponto, também foi possível notar as memórias individuais e coletivas manifestadas pelos visitantes. No que se refere às memórias individuais, conforme trazido por Halbwachs (1990), cada um dos visitantes se referiu às suas experiências individuais dentro do contexto sociogeográfico da cidade de Biritiba Mirim, porém com apoio dos instrumentos de linguagem (constituídos pelas fotografias e suas descrições documentárias) e das lembranças de outros presentes na exposição.

No que tange às memórias coletivas, ainda com base em Halbwachs (1990), cada memória individual se mostrou como um ponto de vista diferente sobre a memória coletiva, com respaldo dos sentidos polissêmicos das fotografias. Em complemento, as histórias e lembranças trazidas pelos visitantes se mantêm vivas enquanto são apoiadas pelos membros da comunidade, que transmitem as memórias uns aos outros através das gerações, de maneira oral e informal.

Durante as entrevistas realizadas, observou-se que a maioria dos indivíduos não teve contato profundo com a história registrada da cidade de Biritiba Mirim, já que esse contato, na maioria das vezes, esteve limitado a dados esparsos aprendidos em sua vida acadêmica. As memórias despertadas, em sua maioria, advinham de experiências pessoais e histórias ouvidas de seus familiares. Aqui, convém lembrar o que afirma Halbwachs (1990), de que a memória coletiva se apoia na história vivida, retratando realidades passadas mais abrangentes e múltiplas, e por isso se mantém viva por mais tempo no imaginário dos indivíduos. Portanto, o diálogo e a troca de experiências entre os indivíduos da cidade de Biritiba Mirim são de grande importância para a recuperação e a preservação da memória coletiva da cidade.

Nesse sentido, também se mostra pertinente relembrar que Burke (2004) defende que as imagens são testemunhos sobre o passado que apoiam e suplementam os documentos escritos, principalmente quando os textos disponíveis são poucos e ralos, como é o caso da cidade de Biritiba Mirim. Considerando que os registros textuais sobre a história da cidade são diminutos, e que sua população detém diversas fotografias e memórias mantidas em núcleos familiares, mostra-se importante resgatar e difundir os registros imagéticos e o conhecimento popular em prol da memória coletiva e da herança cultural. Em um contexto sociogeográfico em que a memória registrada em documentos físicos não é organizada e preservada, os testemunhos oculares e orais são uma fonte rica de recuperação histórica.

Também foi comum ouvir relatos de que os lugares e as pessoas representados nas fotografias não mais existem materialmente, seguidos de comentários que indicavam que a cidade

de Biritiba Mirim mudou muito, ou sobre os antigos modos de se vestir em comparação com os atuais. Essas manifestações vão ao encontro do que afirma Rodrigues (2007), de que a fotografia é um documento que quase sempre sobrevive por muitos anos após o desaparecimento de seu referente e que, por isso, reproduz, conserva e dissemina imageticamente a realidade passada.

Outro ponto observado foi que a maioria dos visitantes da exposição demonstraram observar as fotografias por mera curiosidade, suscitando comentários saudosistas, muitas vezes desvinculados de uma postura crítica e participativa, inclusive apontando culpa nos próprios indivíduos pela falta de interesse em conhecer a biblioteca ou ter contato com registros históricos da cidade. Por outro lado, aqueles que aceitaram ser entrevistados foram capazes de apontar e complementar as informações imagéticas; inclusive, uma das pessoas entrevistadas cita o apelo emocional que as fotografias podem despertar em seus observadores. De acordo com o conteúdo levantado a partir de Kossoy (2001), a fotografia é capaz de despertar diversos sentimentos para alguns, enquanto podem representar unicamente um meio de conhecimento e informação para outros. Vale ressaltar que o interesse em leitura, biblioteca, acesso à informação e equivalentes, não são intrínsecos aos indivíduos - é preciso que existam políticas públicas de acesso e incentivo à leitura e ao acesso à informação para toda a coletividade, bem como dispositivos culturais constituídos sob concepções e configurações que objetivem o caráter central das memórias e a experiência dos cidadãos na formação de sujeitos críticos e criativos.

No decorrer da exposição fotográfica, alguns visitantes se sentiram à vontade para questionar o motivo da realização da exposição e sugerir pontos de melhoria, como: outras fontes de acesso a fotografias antigas da cidade; digitalização e difusão eletrônica das fotografias; exibição das fotografias em suportes verticais em locais abertos e dispersos por toda a cidade; e divulgação de fotografias em períodos de tempo que ultrapassem o horário comercial.

A exposição fotográfica realizada não permitiu, infelizmente, a participação ativa da comunidade; porém, é possível idealizar, em estudos futuros, uma ação cultural levando em conta demandas trazidas pelos visitantes. Essa iniciativa seria de grande valor sociocultural, tendo em vista que a maioria dos visitantes da exposição não faz uso da Biblioteca Pública Municipal Oswald de Andrade, portanto apenas a guarda e conservação dos registros fotográficos na biblioteca não seriam suficientes para a dinâmica da preservação da memória coletiva da cidade.

A partir deste ponto, mostra-se importante refletir criticamente sobre os resultados obtidos. O presente trabalho mostra a importância de existirem políticas públicas de incentivo às

bibliotecas, de uma equipe capacitada para a realização de mediações culturais de forma colaborativa, e a importância da biblioteca como instituição cultural na construção de vínculos entre a comunidade e o patrimônio cultural construído pelos próprios sujeitos. Tais vínculos evidenciam uma nova relação da comunidade com a própria biblioteca, uma vez que as memórias locais passam a constituir legado importante, ao lado do legado simbólico universal que tradicionalmente se constitui o objeto da biblioteca.

Entre todos os entrevistados, apenas dois afirmaram fazer uso da biblioteca com frequência, enquanto os demais não demonstraram interesse devido a diversos fatores, como a maior facilidade de leitura de livros físicos pessoais ou eletrônicos, que não exigem deslocamento até a biblioteca. Dessa maneira, há individualização da leitura e da procura por informação, o que limita as múltiplas possibilidades de interpretação e análise crítica, além de dar um olhar instrumental à informação.

Essa individualização também acarreta na culpa que recai sobre os munícipes que não dão valor à biblioteca e à leitura em geral, sendo que esse valor deve ser construído por meio de concepções que reflitam um novo paradigma institucional, políticas públicas, incentivo governamental, equipe profissional qualificada, entre outros aspectos que considerem a ação cultural e o incentivo à leitura como as atividades complexas que são, que demandam planejamento e investimento, e, portanto, a simples guarda e oferta de livros não é suficiente.

A instrumentalização da informação leva as pessoas a preferirem o uso da internet, que não conta com trabalho curatorial da informação para checagem de qualidade e fidedignidade. A individualização do conhecimento leva os leitores a preferir a construção de uma biblioteca particular, já que a simples leitura pode ser feita em sua própria residência. É preciso reconhecer que a biblioteca não é apenas local de guarda de livros, mesmo que ela conte com um acervo de boa qualidade, pois não é suficiente para a participação da comunidade, e não abrange todo o seu significado cultural. A biblioteca deve ser palco de eventos, encontros, trocas de experiências, representatividade coletiva, participação comunitária, entre outras atividades culturais exemplificadas no Manifesto da IFLA/UNESCO, como um ambiente de diversidade de narrativas capaz de propiciar o diálogo intercultural indispensável ao princípio do *viver junto*, um dos quatro pilares da educação contemporânea, citado por Delors et al. (2010) e Morin (2000).

A promoção de atividades culturais coletivas no espaço da biblioteca é essencial para que exista a troca de experiências, vivências e opiniões, a fim de promover a construção cultural e

identitária de uma comunidade. Essas atividades culturais devem ser promovidas por um profissional bibliotecário, mas não só por ele - é preciso uma equipe colaborativa, para que a biblioteca seja oferecida como local de encontro e manifestação cultural coletiva.

A simples exposição de documentos, que inclui a fotografia, não é suficiente para a recuperação e a preservação da memória coletiva. É preciso que a biblioteca seja valorizada por políticas públicas, que conte com a colaboração de uma equipe preparada para a promoção de ações culturais, e que essas ações tenham seu valor cultural reconhecido por políticas públicas, para que a comunidade também a reconheça e queira participar efetivamente. Por isso, frequentar a biblioteca local não demonstra ser algo atrativo aos entrevistados, porque ela apenas oferece o contato individual com a leitura de documentos físicos, que pode ocorrer em qualquer ambiente, inclusive o doméstico.

A fotografia, como dito anteriormente, é apenas uma representação de uma parcela da realidade - em si só, não revela a complexidade das vivências coletivas. O tratamento documentário é essencial, mas também é preciso que se construa um repertório mais abrangente de conhecimentos, que inclua as memórias das testemunhas oculares do município, questão que também dá espaço a vozes sociais mais diversas, incluindo as não letradas.

Percebe-se que muitos elementos materiais da cidade se transformaram, restando apenas suas imagens antigas representadas nas fotografias e nas memórias dos indivíduos. Torna-se imprescindível preservar os documentos fotográficos e colher os relatos de quem conhece as histórias que formam a identidade histórico cultural da cidade. Até porque, sem a organização sistemática das fotografias, elas se perdem e não podem ser acessadas pela coletividade. E as memórias dos indivíduos vão se apagando, tanto pela perda das lembranças, quanto pela morte dos indivíduos que as detêm.

As pessoas entrevistadas parecem ver importância na preservação das histórias e memórias sobre a cidade, mas não possuem interesse em frequentar a biblioteca, pois acreditam que o espaço é subutilizado, portanto, a biblioteca se apresenta enfraquecida enquanto instituição de guarda da memória e de representação do conhecimento coletivo, problema comum à maioria das bibliotecas públicas do país.

Muitas das reflexões aqui trazidas partiram de resultados de pesquisas realizadas pelo projeto Estação Memória, criado em 1989 pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti, e que vem sendo coordenado, desde 1997, pela Profa. Dra. Ivete Pieruccini, sob a instância do Colaboratório de

Infoeducação do Departamento de Informação e Cultura, da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo. O projeto Estação Memória promove encontros com idosos a fim de trabalhar o avivamento de suas memórias a partir de rodas de conversa, produções culturais e encontros intergeracionais. Nesse sentido, o projeto “[...] propunha a criação de um novo e original espaço de informação e cultura, constituído a partir de registros da memória de idosos, desenvolvendo, ao mesmo tempo, formas especiais que visam sua (re)elaboração e (re)inserção em contextos educativos.” (FARIA, 1999, p. 14)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu discutir a relevância da fotografia como categoria documental na preservação e recuperação da memória coletiva, em específico da população da cidade de Biritiba Mirim. Um projeto envolvendo a seleção, organização e difusão de fotografias históricas, coordenado por instituições de memória como a biblioteca local e do profissional bibliotecário, com responsabilidade pela manutenção e desenvolvimento dessas práticas de modo sistemático e orgânico, constitui grande passo à criação e ao fortalecimento de vínculos entre comunidade, instituições culturais e o cidadão.

Para alcançar uma compreensão do papel das coleções fotográficas locais na construção da memória coletiva de um município, definiu-se três objetivos específicos. A partir de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, atingiu-se o primeiro objetivo específico, que consistiu em sistematizar referencial teórico acerca do objeto de estudo, tendo como resultado o levantamento de conceitos relacionados à Documentação, ao documento fotográfico, à relação entre memória e fotografia, ao papel do bibliotecário como agente cultural, à biblioteca pública municipal, e à cidade de Biritiba Mirim, demonstrando implicações existentes entre concepções e o significado das práticas culturais, para além de procedimentos técnicos.

O segundo objetivo específico consistiu na produção de uma exposição fotográfica sobre a cidade de Biritiba Mirim. A fim de atingir esse objetivo, foram selecionados 24 registros fotográficos antigos da cidade, coletados da rede social *Facebook*, que receberam tratamento descritivo documentário. Os registros fotográficos foram expostos no decorrer de uma semana, no Barracão Cultural, espaço destinado a eventos culturais pertencente à Biblioteca Pública Municipal Oswald de Andrade.

Por fim, o terceiro objetivo específico constituiu-se na construção de um repertório de testemunhos sobre a cidade de Biritiba Mirim, a partir de relatos de histórias dos participantes locais. O método para a coleta de dados incluiu as fotografias obtidas e entrevistas semi-estruturadas, a partir das quais os participantes iam rememorando e relatando sua experiência sobre a cidade. As respostas obtidas foram registradas com auxílio de gravador de voz para posterior transcrição e utilização na produção de diferentes produtos documentários, objeto de reflexão neste trabalho.

A partir disso, foi possível concluir que a documentação fotográfica é capaz de auxiliar na recuperação, preservação e construção da memória coletiva de um município ou grupo, na medida em que, através do trabalho documentário e de mediações culturais, as fotografias podem ser descritas, contextualizadas, conservadas e difundidas e reapropriadas pela população, aspecto que ressignifica o trabalho de instituições de memória, como a biblioteca pública municipal e de seus quadros profissionais especializados, especialmente o bibliotecário.

Mediante o contato dos indivíduos com a memória visual registrada, há possibilidade de resgate de memórias pessoais, coleta de testemunhos, promoção de diálogos e trocas de experiências, acionamento de interpretações e imaginários múltiplos, promoção de vínculos com a cidade e reinserção crítica e criativa da memória coletiva. Trata-se, todavia, de atividades que implicam concepções e recursos tendo em vista ultrapassar a ideia de fabricação cultural, para a efetiva participação dos envolvidos em diferentes etapas do projeto.

Como sugestão para próximos trabalhos, propõe-se o aprofundamento desta atividade experimental, considerando perspectivas trazidas pelos visitantes em seus relatos. Além disso, é sugerido que em futuros trabalhos busque-se efetivamente que os indivíduos contem suas memórias da cidade, revelando tramas que entrelaçam sujeitos-espacos-tempos, numa espécie de registro de histórias sem finalidade histórica, mas que revele vínculos da pessoa com a cidade e seus habitantes, dentro do tema História-Memórias-Experiência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRITIBA MIRIM, Prefeitura Municipal de. Secretaria de Comunicação. **Secretaria de Cultura conquista mais de 100 livros para a biblioteca municipal**. 2019. Disponível em: https://www.biritibamirim.sp.gov.br/site/noticia.php?id_noticia=911. Acesso em: 15 set. 2022.

BRAGA, Kátia Soares. Aspectos relevantes para a seleção de metodologia adequada à pesquisa social em Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). **Métodos para pesquisa em ciência da informação**. Brasília : Thesaurus, 2007.

BRASIL. Fundação Biblioteca Nacional. **Biblioteca Pública: princípios e diretrizes**. Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/producao/publicacoes/biblioteca-publica-principios-diretrizes>. Acesso em: 04 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Economia. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Portal Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/biritiba-mirim/panorama>. Acesso em: 05 nov. 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. Secretaria Especial da Cultura. **Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas**. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/secretaria-especial-da-cultura/assuntos/sistema-nacional-de-bibliotecas-publicas-snbp>. Acesso em: 06 set. 2022.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: História e imagem. Edusc, 2004.

CABRAL, Ana Maria Rezende. **Ação cultural**: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45.

COELHO, Teixeira. **O que é ação cultural**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Bricquet de Lemos, 2008.

DELORS, Jacques et al. **Um tesouro a descobrir**: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. Brasília : Unesco, 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2023.

FACEBOOK. **Biritiba histórica** (Grupo Público). Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/865970290824882>. Acesso em: 07 out. 2022.

FARIA, Ivete Pieruccini. **Estação memória**: lembrar como projeto. Contribuição ao estudo da mediação cultural. 1999. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FERRAZ, Jucimara Aparecida Cruz. **Biritiba Mirim e seu povo: a história de uma linda cidade.** [S.l.: s.n.], 2002.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** - 3. ed. - Porto Alegre : Artmed, 2009.

FLUSSER, Victor. **A biblioteca como um instrumento de ação cultural.** Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, v. 12, n. 2, 1983. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71176>. Acesso em: 08 nov. 2022.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia.** São Paulo: Pioneira, 1992.

_____. **Introdução à Biblioteconomia.** 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

IFLA; UNESCO. **Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022.** Repositório - FEBAB. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>. Acesso em: 21 out. 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história.** São Paulo: Ateliê, 2001.

_____. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê, 2002.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documento e significação na trajetória epistemológica da Ciência da Informação. IN: FREITAS, Lídia Silva de; MARCONDES, Carlos Henrique; RODRIGUES, Ana Célia (org.). **Documento: gênese e contextos do uso.** Niterói: EdUFF, 2010.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Artmed; UFMG, 1999.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação.** Brasília, DF: Briquet de Lemos / Livros, 1996.

MAIMONE, Giovana Deliberali. **Estudo do tratamento informacional de imagens artísticopictóricas: cenário paulista - análises e propostas.** 2007. Orientadora: Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo. _ Dissertação (mestrado) _ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2007. Disponível em: http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/14699/cchsa_ppgci_me_Giovana_DM.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 04 nov. 2022.

MAIMONE, Giovana Deliberali; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Metodologias de representação da informação imagética. In: **Transinformação**, v. 21, n. 3, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/6CYp5vX9vCxFqgwNQtSXxL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 set. 2022.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001. Disponível em: <https://proex.ufrn.br/documentos/artigos>. Acesso em: 26 jan. 2023.

OTLET, Paul (1868–1944). **Tratado de Documentação**: o livro sobre o livro: teoria e prática. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2018.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. In: **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 3, p. 67-76, set./dez. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652007000300008>. Acesso em: 24 out. 2022.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Cultura e Economia Criativa. **Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo**. Disponível em: <https://siseb.sp.gov.br/>. Acesso em: 06 set. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. - 23. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.

SMIT, Johanna. **O que é Documentação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Imagens: documentos de visões de mundo. In: **Sociologias**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, 2011, p. 284-314. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222011000300010>. Acesso em: 04 nov. 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário de entrevista

Seção: Perfil

Nome? (opcional)

Idade?

Gênero?

Grau de escolaridade?

Há quanto tempo reside em Biritiba Mirim?

Conhece a história da cidade? Por quais fontes?

Seção: Uso da BPM Oswald de Andrade

Possui cadastro na biblioteca?

Com que frequência visita a biblioteca?

Quando a visita, quais serviços procura?

Como você avalia a biblioteca?

Seção: Sobre a exposição

Como você avalia a exposição?

Você reconheceu algum lugar ou pessoa que está nas fotografias?

Saberia dizer algo sobre esse lugar ou pessoa que reconheceu?

As fotografias vistas se relacionam com alguma história que conhece?

Considera importante que a biblioteca ofereça acervo e serviços sobre a memória da cidade?

APÊNDICE B – Transcrição da entrevista 1

Autora: Certo. É, há quanto tempo você mora aqui em Biritiba?

Visitante: Moro desde que nasci, nunca morei em outra cidade.

Autora: Legal. É, você conhece um pouco da história da cidade?

Visitante: Conheço pelo pouco que me contaram.

Autora: Quais foram as pessoas que te contaram?

Visitante: Quando eu estava no colegial, no ensino médio, minha professora de história falava muito sobre o Ronnie Von, que ele veio aqui pra Biritiba, tiraram foto e tudo mais. É, teve até o, acabei descobrindo durante a exposição aqui, acabei descobrindo que, que teve uma avenida com o nome dele e tudo mais, é... minha mãe é de Paraibuna, meu pai ele é, ele era daqui de Biritiba, meu falecido pai, que Deus o tenha, ele vivia com o pai dele aqui, e eles todos eram descendentes de portugueses, e eles eram sertanejos, então caçavam animais, é... pescavam, a vida campestre mesmo. Ele sempre me contou de Biritiba como se fosse um lugar muito rústico, muito é... que no meu ver, muito campestre. O que mais eu posso dizer... eu estudei na escola, quando eu era mais novo, quando tinha lá pelos meus 10 anos, eu estudei em escola pública, toda a vida eu estudei em escola pública, mas durante o ensino fundamental, a principal escola que eu frequentei foi o Angélica de Jesus Ferreira. O Angélica de Jesus Ferreira, ele costumava ser no prédio que atualmente é o prédio do Nelson de Oliveira, só que os dois prédios se trocaram, aí eu acabei mudando...

Autora: Que confusão.

Visitante: Acabei mudando pra, pra outra escola né, ainda continuei estudando no Angélica, só que no outro prédio, e eu vi a transformação da cidade, vários é... você vive em Biritiba você vê várias mudanças né, por exemplo aqui a gente está vendo, do Barracão já dá pra ver o Restaurante Florença, mas ali já foi outro restaurante, já foi coisa do... de uma escola privada que tem aqui em Biritiba, tem várias coisas assim, Biritiba vai sempre mudando o rosto, até o, a memória que eu tenho, assim mais clara de coisa que mudou de Biritiba, de um ano pro outro, foi o Bar do Cubas que tinha lá no beco, lá na praça central da cidade, e todas essas coisas vão mudando, e aqui vendo algumas fotos antigas da cidade eu me surpreendo né, você tenta se colocar no lugar dessas pessoas, o que que elas pensavam né, a moda era diferente né, se hoje a gente usa cabelo, as mulheres usam cabelo mais curto, os homens estão deixando o cabelo

crescer, naquela época as pessoas usavam *mullets* né, hoje em dia a moda muda muito, então é muito interessante ver o quanto a cidade mudou.

Autora: Certo, legal. É, bom, vou perguntar um pouco da, do seu contato então com a biblioteca agora e, bom, você trabalha aqui na biblioteca né?

Visitante: Trabalho.

Autora: Aí você falou que, como que é o regime de trabalho aqui?

Visitante: Eu entrei pra biblioteca, primeiramente eu conheci a biblioteca em 2014, foi quando eu fui apresentado, e... e lá, ela ainda era lá na praça, na rua do salão da Inês, e atualmente lá é uma sorveteria se não me engano, mas quando eu, quando eu fui, quando eu era lá eu era criança ainda, pré adolescente, eu adorava os livros e tudo mais, aí em 2016 eu entrei como voluntário, com a ajuda de um, de um membro da prefeitura, e desde 2016 até 2022 eu fui voluntário, fui 6 anos voluntário na Biblioteca Municipal de Biritiba Mirim Oswald de Andrade.

Autora: Bastante tempo.

Visitante: 6 anos de voluntariado, e esse ano, por meio de um programa do governo, o Bolsa Trabalho, eu consegui entrar como, como temporário, eu trabalho, vou trabalhar só por 5 meses, trabalho meio período, recebo meio salário mínimo, mas já é um trabalho que me apraz muito, e também ouvi dizer que vai ter outros é, outras frentes de trabalho, inclusive até um concurso, e vou tentar por meio destes entrar na biblioteca em definitivo.

Autora: Ah, legal.

Visitante: A biblioteca, a gente tem aqui na, aqui na cidade desde 2002 se não me engano, que antigamente a gente tinha a biblioteca comunitária e a Biblioteca Oswald de Andrade que, que foi mais recente que a comunitária. Aí as duas se fundiram, se juntaram, tanto que até hoje no nosso acervo, nós temos livros que são da biblioteca comunitária e da biblioteca municipal, então meio que uma existe dentro da outra.

Autora: Entendi.

Visitante: Embora todo o sistema seja feito na Oswald de Andrade, mas desde 2002 nós temos a biblioteca, que não é muito frequentada, infelizmente, mas é um ponto que eu acho muito importante pra nossa cidade, e é graças a ela que muitas pessoas tiveram acesso à internet durante o tempo que o ACESSA São Paulo funcionava, foi graças a ela que muitos eventos aconteceram aqui na cidade, e foi graças a ela que aqui se instaurou o Barracão Cultural, que é onde está tendo essa exposição, é a antiga rodoviária.

Autora: Que é um espaço bem legal né? Bem no centro da cidade, bastante movimento.

Visitante: Sim, sim.

Autora: Bem diferente quando era lá... eu lembro quando era embaixo do palco lá da praça.

Visitante: Ah, sim. Acho que foi o primeiro lugar né?

Autora: Acho que foi. Aí sempre que chovia, aí as bibliotecárias falavam: ó gente, toma cuidado, às vezes aqui alaga, por ser embaixo do palco. Então aqui é um espaço bem melhor. Então, vou perguntar então sobre a exposição, as fotos que você deu uma olhadinha, é... tem algum lugar ou pessoa, das fotos aqui, que você reconheceu?

Visitante: Lugar eu reconheci, reconheci porque você me disse onde era, porque a cidade mudou tanto né, mas aqui a Rua Francisco Ferreira Lopes, é um lugar que fica muito, é um lugar que eu tenho muito nítido na minha mente, só que vendo aqui a foto em questão, eu percebo o quanto a sociedade mudou de lá pra cá, porque aqui a gente vê várias casas no estilo é, estilo colonial ainda, estilo mais ou menos, é... arcaico de, de casas brasileiras, hoje em dia a gente já tem pizzarias, tem outras coisas lá.

Autora: Acho que essas casas, a maioria virou comércio já.

Visitante: Já virou comércio, já não é mais casa, a igreja da cidade já foi pintada de verde, antigamente era de outra cor.

Autora: Verdade.

Visitante: Na verdade acho que atualmente ela é marrom e antes ela era verde.

Autora: Isso.

Visitante: Tem a foto do Ronnie Von, que também temos aqui no livro cativo da biblioteca, que é um livro que conta a história dessa cidade. Esse aqui da água encanada chegou à cidade eu fiquei surpreso né, pelo que eu fiquei sabendo, antigamente Biritiba era um distrito de Mogi das Cruzes, né?

Autora: Isso.

Visitante: Não era nem uma cidade.

Autora: Sim.

Visitante: É, o que me faz pensar até se o Remédio, Remédios, vai se tornar uma cidade um dia, que eu acho meio inevitável.

Autora: Verdade.

Visitante: E, tem aqui algumas, eu acho interessante essa foto da Adhemar Bolina, representando o vigésimo nono ano de emancipação de Biritiba Mirim, eu acho interessante porque mostra quanto a juventude daquela época era ao mesmo tempo diferente e igual a de hoje em dia, tinham ideais parecidos, era época dos, do como é que? da Jovem Guarda e tudo mais, *mullets*, tudo aquelas coisas anos oitenta, sessenta, setenta, tudo mais.

Autora: Sim, legal. É, bom, então você já contou um pouco das memórias que teve também né, olhando as fotos, é... e aí, como você acredita que ter contato com essas fotografias numa biblioteca municipal, você acha que é algo importante, que é algo que você olhe e consiga pensar diferente sobre a cidade ou sobre as memórias que você tem com ela?

Visitante: Eu acho crucial porque acredito que a nossa cidade, ela não tem muito uma cultura própria, infelizmente, não porque ela não mereça, não porque ela não seja digna, mas porque as pessoas não fazem por onde. Eu acho que, Biritiba, a gente tem muita coisa que a gente não sabe sobre a cidade. Salesópolis tem sua própria história, Mogi tem sua própria história, tem próprios hinos... o hino de Biritiba, a gente tem a letra mas não tem a melodia.

Autora: Nossa, não sabia disso.

Visitante: E Biritiba, eu vejo muito potencial nessa cidade, só que o problema, é que eu não conheço muito da história de Biritiba, história assim, além dos pontos básicos de quando foi fundada e tudo mais. Tem a história, por exemplo, da menina Firmina, por exemplo, né?

Autora: Sim.

Visitante: Que foi uma menina curandeira, lá da época do Brasil Colônia, Brasil é... que foi reinado do João VI aqui no Brasil, que ela curava as pessoas com, com a fé católica, ela era uma menina milagreira e morou aqui na cidade.

Autora: Sim.

Visitante: E fora isso, não tem muitas as coisas que se pode saber sobre Biritiba, infelizmente, porque o conteúdo que nós temos sobre a cidade é muito escasso, por falta de interesse das pessoas, e eu acho que a biblioteca, tanto que a biblioteca tem o painel que separa a biblioteca, que é a frente da biblioteca, é uma foto antiga da cidade, e eu acho que essas fotos são cruciais pra gente entender o contexto do que a gente está vivendo né, pra gente entender que lugar que é esse que a gente vive, qual que é a cultura, qual que é a nossa herança particular, a gente não sabe nem se, a gente não tem nem ideia se tinha tribo indígena aqui em Biritiba, né? Bertioga a gente

já tem histórias sobre isso, na nossa própria biblioteca a gente tem uma HQ que conta a história de Bertiooga.

Autora: Que legal.

Visitante: Mas, infelizmente, Biritiba não tem algo do tipo. Já pensei até em fazer projetos, assim, pra buscar a história de Biritiba mais a fundo e tudo mais, né?

Autora: Legal, acho que é isso então.

APÊNDICE C – Transcrição da entrevista 2

Autora: Pode mexer, tem mais foto embaixo, tá? Não coube tudo nas duas mesas.

Visitante 1: Caramba. Essa rua, mano, tá igual, praticamente, só pintou as casas. Que é a minha rua.

Autora: E virou comércio essas aqui, essas casinhas aqui, não virou?

Visitante 1: É, essa daqui acho que tá diferente, essa daqui eu acho que tá com o mesmo relevo até, só que é um salão de cabeleireiro, acho. Agora essa daqui eu não, se dependesse da minha vida essa aqui eu não ia saber onde que é.

Autora: Aí lendo ali embaixo, aí você se localizou?

Visitante 1: Coronel Silvino de Miranda Melo, não faço a mínima... hoje ótica Kristale?

Autora: Isso, é a rua aqui descendo. Não tem a pracinha ali?

Visitante 1: Ah, é ali. Isso aqui é aquela que, então, pra cá tem o João Cardoso?

Autora: Isso.

Visitante 1: Caramba. Pô, queria reconhecer alguém.

Autora: Reconhecer alguém... é tudo foto anos 80, pra mais antigo, né?

Visitante 1: Essa Avenida Ronnie Von, ela era aqui, no cemitério?

Autora: Na rua do cemitério, isso.

Visitante 1: Caramba, tem alguma foto da, das fanfarras que teve?

Autora: Pior que não, porque as fotos que tinha lá da fanfarra não falavam qual o lugar que foi tirada a foto, em que ano, aí eu precisava dessas informações né, pra colocar na descrição embaixo.

Visitante 1: Documentar a parada.

Autora: É.

Visitante 1: Você tirou tudo daquele grupo lá?

Autora: Foi. Aí eu via a foto que tivesse uma qualidade boa assim né, pra expandir, e que nos comentários falasse o lugar, o ano, quem aparece na foto.

Visitante 1: Essa Avenida Ronnie Von, ela continua sendo Avenida Ronnie Von?

Autora: Não, agora mudou de nome. Até a escola que tinha o nome dele também mudou.

Visitante 1: Tinha uma escola com o nome dele?

Autora: Tinha, aqui ó, aqui na reportagem, ele veio inaugurar o parque infantil, que era o Pequeno Mundo, porque ele era chamado de Pequeno Príncipe, fizeram Pequeno Mundo em homenagem a ele, era um parque pras crianças. Aí tinha a escola e a avenida.

Visitante 1: Mas então é por isso que tem a escola Pequeno Mundo, será?

Autora: Aí não sei.

Visitante 1: Ah deve ser né, é um nome muito específico.

Autora: Pode ser, mas a escolinha era lá no Sogo.

Visitante 1: Ah então acho que não vai saber. É, a Vila Operária, que todas as casas eram assim, tem ainda algumas partes que é tipo essa madeirinha assim.

Autora: Caramba, divididinho assim a parede?

Visitante 1: É, porque era, todas essas casas eram assim. A minha madrinha também morou aqui, minha madrinha... sabe aquele meu tio que faleceu, que ele estava me ajudando no Fusca?

Autora: Sei.

Visitante 1: A mulher dele, minha tia.

Autora: Ah, entendi.

Visitante 1: Bom, que que você precisa saber?

Autora: Certo, você sabe alguma coisa da história da cidade, da fundação, essas coisas assim?

Visitante 1: A história da cidade... eu sei que era parte de Mogi, foi emancipada né... sei que o nome vem da florzinha lá, da flor biri... ah, tem, teve muito imigrante pra cá, principalmente japonês, pra trabalhar nas lavouras... é, acho que é isso.

Autora: Aí essas coisas que você sabe, foi de que jeito que você conheceu?

Visitante 1: Ah, um pouco foi, foi passado na escola, na época que tinha aniversário da cidade, essas coisas, é... e também de parentes mais, mais velhos, da minha vó, dos meus avós.

Autora: Legal. Aí, o Barracão aqui você já tinha vindo?

Visitante 1: Já tinha vindo, é... enquanto Barracão ou antes?

Autora: Pode ser antes também.

Visitante 1: É, antes que era a rodoviária né, depois um tempo foi a feira aqui, então o pessoal vinha aqui tocar. A gente, a minha banda já gravou parte de um clipe aqui, só que foi cortado a parte que foi gravada aqui, porque não... era tipo, a gente ia gravar aqui, a banda, a gente gravou cada um, um pouco a... cada um gravou a música aqui, de frente, só que sozinho, e daí a gente ia fazer uns cortes, só que não... tinha muita tranqueira aqui também, então não era amplo o suficiente né, e a luz estava horrível porque estava batendo sol só dali, e estava escuro, aí a gente...

Autora: É, por isso até que eu trouxe mais aqui na porta, a mesa.

Visitante 1: A gente gravou algumas cenas desse clipe na quadra coberta, na parte descoberta da quadra lá, que é um campinho de futebol lá, e também naquele caminhezinho que tem vários, vários pinheiros ali.

Autora: É, deixa eu ver o que mais. A biblioteca, você já veio? Costuma vir?

Visitante 1: Eu conheci ela quando era o banco né, era o banco Santander, eu já passei por aqui quando eu doei alguns livros que estava lá em casa...

Autora: Mas nunca pegou livro emprestado?

Visitante 1: Não.

Autora: Não tem cadastro também na biblioteca?

Visitante 1: Eu acho que não, é, eu posso fazer, né... tem umas coisas que eu queria procurar mas acho também que talvez não tenha.

Autora: Mais específico de, de música, talvez?

Visitante 1: Não, pior que não, eu estou estudando comunismo agora, né.

Autora: Ah, tá. É, é difícil porque a biblioteca aqui agora, ela se abastece mais de doação mesmo, e é difícil ter doação de livro de política no geral.

Visitante 1: É, imagino que tenha bastante ficção.

Autora: É, tem mais literatura, tem uns livros em japonês, uns HQs, mas é mais isso mesmo, mais literatura. E, da exposição, o que você acha? Você acha legal de ter foto antiga na biblioteca?

Visitante 1: Acho muito legal sim, é... é necessário a gente documentar e ter algum registro do que aconteceu na cidade, é... eu acho que é muito precarizado isso aí, o pessoal não liga e só vai vivendo, parte da realidade dos moradores, mas isso é importante pra, pra manter a cidade, a identidade da cidade, é... então acho extremamente necessário.

Autora: Legal, é... você já pesquisou alguma coisa assim, se aqui na cidade tem algum lugar que guarde algumas fotografias, ou alguma coisa, algum livro ou algum documento que conte a história da cidade?

Visitante 1: Não...

Autora: Não teve nenhum contato?

Visitante 1: Não pesquisei sobre, nunca ninguém falou sobre também, ninguém... você é a primeira que perguntou, é... espero que tenha algum acervo, alguma coisa assim, mas... fico pensando nisso porque, quem você vai fazer uma mudança em casa mesmo, já se perde um monte de coisa, de documento, de foto, ou o tempo já corroeu já e a foto estragou.

Autora: Verdade.

Visitante 1: E tinha que ter um, um acervo da cidade.

Autora: Pra preservar também né? Por exemplo, essa foto aqui, foi a única que eu achei lá do meu bairro. Essa foto é de 95, nem é tão antiga, só que dá pra ver que ela já tá meio...

Visitante 1: Tá toda zuada.

Autora: É, mas foi a única que eu achei lá do meu bairro, que tem até a placa do Samuca lá, que tinha perto de casa.

Visitante 1: Sim, tinha que ter um trabalho de digitalização de tudo né? Pra não se perder.

Autora: É, seria legal também. Em compensação, essa foto aqui que ele falou é de 68, ó.

Visitante 1: Caramba, super preservado.

Autora: E tem a data aqui embaixo, mostrando que é novembro de 68 mesmo, colorida.

Visitante 1: Caramba, ia dizer que é dessa década essa daí.

Autora: É, então, é bem antiquinha. Até, pelo que eu entendi nos comentários que fizeram da foto, essa menina é uma senhora agora, que é uma das administradoras do grupo Biritiba histórica. Aí é ela na frente da casa da professora que se chamava Dona Naia, que é uma dessas aqui, aí qual delas eu não sei, mas é uma delas.

Visitante 1: Eu queria reconhecer alguém aqui. Tem alguém que você reconheceu aqui, que talvez eu conheça?

Autora: Pior que não.

Visitante 1: É tudo pessoal que deve tá diferente agora né?

Autora: É, também, só gente que eu já ouvi falar, já ouvi falar desse Dito Açougueiro, e do bar dele.

Visitante 1: Esse Dito Açougueiro, ele é tio da minha mãe.

Autora: Ah, é?

Visitante 1: Se eu não me engano é. Não é da minha mãe? (Pergunta para outro visitante, que confirma).

Visitante 2: É, do barzinho lá embaixo lá, né? Na rua, ele, cadê?

Visitante 1: Então, não cheguei a conhecê-lo.

Autora: Aqui ó, nessa foto.

Visitante 2: É.

Visitante 1: Aí ó, igualzinho eu. Nada a ver.

Visitante 2: É, ele tinha o cabelão meio, meio, sabe? Meio cheião assim. Quem são esses três aqui?

Autora: É o Dito Açougueiro, aí tem um José e um Geraldo, é só isso que eu sei deles.

Visitante 2: Geraldo é o pai do, do Zico. O Zico mora ali naquela, naquela rua da esquina ali, que os dois irmãos, era dois irmãos.

Autora: Ah, é um desses aqui que tá no caminhão? Que os filhos dele estavam aqui em cima.

Visitante 2: Não, daí eu não sei qual era eles não.

Autora: Que era criança ainda, né?

Visitante 2: É. (Outro visitante se aproxima)

Visitante 3: Tem uma que é legal, Carlão, não sei se você já viu, Aí, aí ó, Seu Geraldo...

Visitante 2: Esse aqui?

Visitante 3: Seu Geraldo aqui ó, o caminhão dele, aqui é o Patão ó, o Patão era moleque.

Visitante 2: O Patão é esse aqui?

Visitante 3: Patão, a Zilda, que é a mais velha, esse aqui eu não lembro quem que era, Seu Geraldo, o Dito Açougueiro, de frente ao boteco do Dito Açougueiro, lá embaixo, da feira.

Visitante 2: Ah, e esse outro aqui, quem era?

Visitante 3: Esse outro aqui não lembro quem que é não. De 69 rapaz, tô com a memória boa, hein?

Visitante 2: Ah, é, eu lembro essa casa do Zico que não tinha muro aqui né? Nós ficava bagunçando em cima dessa, nessa, nessa, como que é...

Visitante 3: Na varanda ali.

Visitante 2: Na varanda aqui, nós ficava bagunçando. E o, e o Claudião saía bravo pra arregaçar lá.

Autora: Caramba, há quanto tempo o senhor mora aqui em Biritiba?

Visitante 2: Ah, faz tempo.

Autora: É? Nasceu aqui mesmo?

Visitante 2: Não, não nasci aqui não. Eu nasci em Santos, né?

Autora: Ah, sim.

Visitante 2: E essa mulherada aqui?

Autora: Esse aí são professoras lá da Helena Ricci.

Visitante 2: Da Helena Ricci?

Autora: Isso.

Visitante 3: Mudou bastante.

Visitante 1: Mudou, né? Mudou bastante. Aqui era rodoviária, ali era banco.

Visitante 2: Ah, é, caramba, e esses aqui?

Autora: Aqui é a rua que desce ali da praça, aí era o time de vôlei da época, de 75 a foto. Aí falaram que esse bazar aqui era de uma senhora chamada Hiroko.

Visitante 2: É, a portinha aqui, tinha pastel lá né? Da Hiroko né?

Autora: Pastel? Aí não sei.

Visitante 2: Não é a dela?

Visitante 1: Da, você diz aqui da subida? Da praça?

Visitante 2: É, ela tinha o, ela tinha uma lojinha ali perto, pra baixo do, do Ricardo, depois ela foi no lado de lá, que eu acho que é aquele cabeleireiro da Inês ali.

Visitante 1: Que era o pastel ali né?

Visitante 2: Isso, era.

Visitante 1: É a mesma senhora?

Visitante 2: Isso. Aí nunca mais vi ela mais, nem sei se morreu.

Visitante 1: Não, acho que ela tá ali ainda, acho que ela tá junto do salão ali também, que vendeu e virou tipo uma parte virou salão...

Visitante 2: Isso.

Visitante 1: Aí o pastel do lado virou o hortifruti agora.

Visitante 2: Isso, é.

Visitante 1: Aí ela ficava aonde era o, ela ficava pra baixo da onde era o Okamura, que agora é o Ricardo.

Visitante 2: Isso, era. Tinha uma lojinha ali.

Visitante 1: Que é o, agora é um bagulho de unha.

Visitante 2: É, vende, vende esmalte, lixa.

Visitante 1: Mano, a minha mãe tem que vir aqui, que ela vai conhecer todo mundo daí também. Aqui ela vai ter fofoca de todas, vai falar “essa aqui me deu nota vermelha, não sei o que”.

Autora: Todas as colegas do trabalho. Legal. Tem uma foto, não sei se eu já comentei dela... ah essa aqui, falando da, da rua ali né, perto da, do Caetano, eu achei muito engraçado saber que a praça ali antes tinha uma casa dentro.

Visitante 1: Aqui...

Autora: É a pracinha ali do Cruzeiro.

Visitante 1: Aqui é a praça do Cruzeiro? Aqui é o João Cardoso?

Autora: Isso.

Visitante 1: Ué, não, mas o João Cardoso tá mais pra cá, não tá? Ah não, porque aqui é a quadra.

Autora: É, isso.

Visitante 1: Verdade.

Autora: Aqui já é as janelinhas da sala ali, pro fundo, né?

Visitante 1: É, acho que o João Cardoso mudou bastante. Ah não, mas isso aqui agora é, é a... cozinha, sala dos professores, secretaria aqui. Aqui tem a quadra, aqui foi construído mais, mais sala. Pra cá é a... é merenda, pátio pra cá, agora que eu estou entendendo. Aí pra cá, é onde era o Zé Maria, que agora é Dois Irmãos, nessa rua que desce o Caetano aqui. E aqui é a pracinha então, que era uma casa.

Autora: É, tinha uma casa ali dentro.

Visitante 1: Tá, isso aqui, é essa área aqui?

Autora: É, do lado ali né, deve ser... ali na frente o que que tem mesmo? Da pracinha? Acho que tem uma loja de móveis.

Visitante 1: Ah, aqui é o Valverde, esse telhado aqui, só que eu não sei que que era antes.

Autora: Então, tem aqui uma foto do que era antes, deixa eu ver... é uma de um cara numa moto, essa aqui. Aqui ó, era o Armazém do Cebolinha antes, aí esse cara trabalhava nesse armazém,

que é aqui né. Aqui ele falou que é um tambor de óleo, que antes eles vendiam óleo a granel, tinha uma bombinha que tirava óleo pra vender.

Visitante 1: Caramba, óleo de cozinha a granel?

Autora: Isso.

Visitante 1: Nossa, três Brasília, um Fusca, uma Kombi, uma Honda, caramba mané. Mano, como pode, cresceu muito. Mano, mas daora. Essa foto é de 96. Esse mano era padre ou ele só tá vestido estranho?

Autora: É, acho que ele só tá vestido estranho mesmo. Aí pelo que eu entendi, um deles já faleceu e o outro foi pro Japão.

Visitante 1: Bom, posso ajudar em mais algo?

Autora: É isso, já ajudou bastante.

APÊNDICE D – Transcrição da entrevista 3

Autora: Você conhece bastante da história da cidade?

Visitante: Só o que a gente aprendeu mesmo na escola, no período fundamental mesmo, porque na escola eles não aprofundam muito, né? E também eu frequentei já faz bastante tempo, aí eu não me recordo muito bem.

Autora: E livros assim, fotos antigas que contam a história, você já teve contato?

Visitante: Muito difícil, muito pouco mesmo, tanto que eu não tenho nem Facebook, por isso que eu falei “nossa, onde ela conseguiu essas fotos?”.

Autora: Entendi. Você costuma frequentar a biblioteca que tem aqui do lado?

Visitante: Não, não costumo.

Autora: Tem cadastro aqui? Nunca foi?

Visitante: Eu não me recordo se eu tenho cadastro aqui, eu não sei se eu já fiz o cadastro em abril ou alguma coisa do tipo, mas também não me recordo, não tem como te dar 100% certeza se eu tenho ou não.

Autora: Entendi, tranquilo, tudo bem, pode ser bem sincera nas respostas.

Visitante: Não, é verdade mesmo.

Autora: Então você não lembra se já entrou ali na biblioteca?

Visitante: Então, eu já cheguei a entrar quando bem, quando abriu, eu acho que já faz uns três ou quatro anos que abriu, não faz?

Autora: É, aqui nesse lugar já faz.

Visitante: Nesse lugar, então eu já cheguei a vir aqui só que eu não sei se o cadastro eu cheguei a fazer.

Autora: Certo. Bom, apesar de conhecer pouco, o que você acha da biblioteca daqui?

Visitante: Ah, eu acredito que é uma boa fonte de pesquisa pros alunos, principalmente pra aqueles que não tem acesso à internet, hoje em dia é difícil alguém não ter internet, né? Porém, a gente se encontra na realidade que algumas famílias não têm, então pra efetuar trabalho... eu lembro que quando eu vim aqui, eles disponibilizavam internet pro pessoal vir fazer a pesquisa, então é um ponto bem legal também, não sei se agora tem.

Autora: É, tem um tempo que tá desativado, que é o Acesso São Paulo, né? Aí teve algum problema nos computadores, e agora não tá funcionando.

Visitante: Ah, não tá funcionando, que pena.

Autora: É, isso que é ruim. Aí, se quiser olhar as fotos, não sei se você reconheceu algum lugar ou pessoa que tá aí.

Visitante: Ah, reconhecer não, porque como tá bem antigo... essa aqui é o posto, né? Mas a legenda tá bem legal, explicando.

Autora: É, tem esse posto é nos anos 70, né? Depois, tem uma outra foto dele aqui, nos anos 80, que ele já estava um pouco diferente. Não sei se você já ouviu falar desse policial Piva, ele é bem conhecido.

Visitante: Ah, ele foi o que faleceu de... ah não, confundi, porque teve um que é Piva, Paiva, que ele faleceu ali na ciclovia ali, andando de bicicleta, e ele era policial, por isso que eu pensei que era.

Autora: Caramba, entendi. Deixa eu ver outro lugar que é bem conhecido... tem esse lugar aqui, que era o Armazém do Cebolinha, não sei se já ouviu falar.

Visitante: Não, não ouvi falar.

Autora: É, aqui, sabe descendo a rua aqui que tem uma ótica, que o nome é Kristale, na frente do Caetano? É essa rua aqui olha... era essas casinhas, e aqui as mulheres que moravam nas casinhas.

Visitante: Ah, sei, certo, nem parece.

Autora: Aqui também, onde é a pracinha ali do Cruzeiro, tinha uma casinha dentro da praça.

Visitante: Nossa, sério que era aqui? Não parece mesmo.

Autora: É, aqui o João Cardoso aqui no fundo olha.

Visitante: Nossa, já havia a escola aqui no fundo.

Autora: Já tinha, é bem antiga a escola.

Visitante: Moça, eu quero agradecer, obrigada pela oportunidade de ter visto, mas eu vou voltar a trabalhar, tá? E boa sorte no trabalho.

Autora: Posso fazer só mais uma perguntinha?

Visitante: Pode.

Autora: O que você achou de ter acesso a essas fotos aqui na biblioteca, você acha que seria legal ter mais fotos aqui?

Visitante: Ah, conta a história da cidade, eu acho uma ideia legal, interessante, gostei do trabalho, das explicações, bem legal mesmo, viu.

Autora: Tá bom, legal, obrigada por ter parado.

APÊNDICE E – Transcrição da entrevista 4

Autora: É... há quanto tempo mora em Biritiba?

Visitante: 86...

Autora: Desde 86? Mora aqui há 36 anos então.

Visitante: É isso mesmo, porque a Juliana veio pra cá com um aninho e ela tem 37.

Autora: Ah, então é isso mesmo. Conhece alguma coisa da história da cidade?

Visitante: Ah, igual eu estava falando, eu lembro da construção lá do Ginásio de Esportes quando eu vim pra cá, que eles começaram aquela construção, o Paulo que levava cimento pra lá, ele trabalhava com cimento em Jacareí aí ele que levava, e aí ele pegou bem lá no comecinho...

Autora: Construindo ainda todas as coisas...

Visitante: Construindo tudo. Mas aqui tinha mais água do que gente, só tinha água e sapo, na minha rua ali você podia contar as casas que tinha, ali pra baixo era muita água, dava até pra pescar.

Autora: Ah, então foi vendo a história acontecendo, né?

Visitante: Foi, eu fui vendo a história acontecendo, o bairro crescendo, a turma comprando os lotes bem barato porque era tudo água, tinha lote aí que levava trinta caminhões de terra pra ser aterrado. Era barato, mas agora vai comprar terreno aqui pra você ver o preço que é.

Autora: Ah sim, agora é caro.

Visitante: Uma casa então, nem se fala. Ah, eu lembro de tanta coisa ó, quando eu mudei pra cá, a Paulinha era pequenininha, assim bem loirinha, todo mundo se encantava com ela, nossa menina, você acredita que eu ia em casamento, que eu chegava na igreja, e eu ia perguntar quem era a noiva? Eu não conhecia a noiva. A Paulinha que é a mais velha, a Juliana é do meio e a Daiane é a caçula. A Paulinha era, nossa menina, quando a Neusa do Adauto casou, a Paulinha foi daminha de honra dela, né? Mais o Cacá. Aí quando foi vinte e cinco anos de casamento, eles arrumaram e fizeram uma bagunça com a Paulinha mais o Cacá, menina.

Autora: Caramba, que legal. Aí, agora eu tenho algumas perguntas sobre a biblioteca, aí pode ser bem sincera.

Visitante: Eu nunca fui nessa biblioteca.

Autora: Nunca foi?

Visitante: Nem sei que livro tem lá, ó, menina do céu, quando eu trabalhei na frente onde eu trabalho, eu fui burra, eu deixei a mulher levar, a turma, menina, jogou tanto livro fora, uma caçamba de livro, e entre os livros estava a história de Biritiba, aí eu peguei, a menina catou da minha mão e saiu correndo, e falou ‘isso aqui é meu’.

Autora: Nossa.

Visitante: Eu deveria ter pegado, era a história direitinho de Biritiba, tinha tudo no livro, a menina lá da Cruz das Almas levou, aí depois passado um tempo eu falei com uma Juliana, que trabalhava lá, aí falei que a prefeitura jogou um monte de livro fora, ó, livro de advocacia, de história geral, livro importante, falei ‘gente como que eles jogam esses livros fora?’, isso é história.

Autora: Nossa, foi em que época isso?

Visitante: Foi... foi quando eu quebrei meu pé, tem uns 14 ou 16 anos que eu quebrei meu pé, tem muito tempo.

Autora: Foi em 2006 então?

Visitante: É, foi mais ou menos por aí.

Autora: Caramba, aí agora não encontrei pro trabalho.

Visitante: Lá no Carlos Prestes deve ter, que tem muita história daquele Carlos Prestes, tem foto lá menina, no arquivo do Carlos Prestes, da história do Carlos Prestes lá, tem umas filmagenzinhas. Porque o Carlos Prestes fazia direto, na época da Paulinha mais a Juliana, eles

faziam a semana do folclore, faziam semana não sei de quê... São João, nossa eles faziam um São João, menina, era bonita a festa lá.

Autora: Nossa, não sabia, mas bom saber. Eu estudei lá, posso falar que eu era aluna, vou perguntar.

Visitante: É, fala lá que você está fazendo um trabalho sobre a história de Biritiba, essas coisas, vê se ele pode ajudar, com foto, essas coisas.

Autora: É, verdade. Aí, tem uma pergunta se a senhora reconheceu algum lugar ou alguma pessoa que está aí nas fotos.

Visitante: Ah, essa aqui eu não conheço, que é lá da Helena Ricci, é lá do 18, o 18 eu não conheço, não. Essa aqui é bem antiga, nossa... Biritiba mudou muito, né? Ah, a minha filha aqui, a Paulinha se formando.

Autora: A sua filha está aí na foto?

Visitante: Está, aqui ó, na formatura lá no Ginásio, em 1988, é isso mesmo.

Autora: Caramba, que legal.

Visitante: É, só aqui ó, as crianças é tudo os coleguinhas dela que formou junto com ela. As sainhas coloridas, olha. Não tá todo mundo aqui, porque era muito aluno, é só um pedacinho. Essa aqui... foi no ano que o Paulo veio pra cá, ó, o Paulo veio pra cá em 76, trabalhar nessa barragem, depois acabou a barragem aqui ele foi pra Bragança Paulista, mas ele conta como começou aquela barragem, como ele começou a trabalhar, porque naquela época você ia trabalhar, você chegava aqui a turma te catava de tanto serviço que tinha.

Autora: Caramba, de construção mesmo?

Visitante: Tudo. Aí ele veio pra cá num dia, no outro dia ele entrou pra trabalhar, como ajudante, aí ele foi pegando profissão, até a profissão dele hoje. Chegava no fim de ano, na véspera duma formatura, eu mais a Didi trabalhou até duas horas da manhã com costura.

Autora: Nossa.

Visitante: A Didi que sabe, quando ela mudou pra cá, mas quando eu mudei pra cá, ali embaixo não tinha nada, era só água e sapo. Aqui na minha rua não tinha saída, foi ter saída depois de muito tempo, depois de uns dois anos que eu mudei pra cá. Aqui cresceu muito, eu já vinha passear aqui quando eu estava casada com o Paulo né, aí depois eu tive que vender a minha casa lá em Minas, aí eu vim pra cá, nunca mais voltei. Volto lá de vez em quando, não vou direto, não.

Autora: Entendi.

Visitante: Eu não sei se a Didi tem as fotos de um dos últimos desfiles que o Carlos Prestes fez, que a Paulinha mais o Fabinho se vestiu de índio.

Autora: Era desfile de quê?

Visitante: Era desfile do aniversário da cidade.

Autora: Ah, tá. Não tem mais o desfile?

Visitante: Não tem, igual tinha antigamente não, no Carlos Prestes aqui começou até a montar uma fanfarra e depois eles pararam.

Autora: Ah, entendi.

Visitante: Porque na época que as meninas estudaram só tinha o Carlos Prestes, Adhemar Bolina, João Cardoso e Helena Ricci, era só esses. É muito tempo viu, pra ficar contando.

Autora: Mas legal, obrigada pela ajuda.

APÊNDICE F – Transcrição da entrevista 5

Autora: Aí, eu posso fazer umas perguntinhas pra senhora?

Visitante 1: Pode.

Autora: Bom, deu pra ver que a senhora conhece muito da história da cidade pelo que viu...

Visitante 1: Tanto a parte folclórica quanto a construção, porque não tinha nada aqui.

Autora: Legal, aí além do que a senhora viu acontecer, já pesquisou sobre a história?

Visitante 1: Já porque a minha mãe tinha uma escola de samba, então a gente tinha que estudar as coisas da história da cidade pra poder fazer o enredo da escola de samba, então por isso que a gente sabe bastante coisa.

Autora: Tem o nome da escola de samba?

Visitante 1: Tem, Unidos do Sol Nascente, e ela é registrada em São Paulo.

Autora: Aí quando ia pesquisar sobre a história, onde que encontrava?

Visitante 1: Ah, pelas histórias que a gente conhecia, e perguntando pro povo mais antigo, porque as pessoas que participavam da escola de samba da minha mãe era tudo de idade, minha mãe está com 86 anos. A nossa intenção era essa mesmo, de não se perder, né? Tem um vídeo da minha mãe dançando no carnaval, na época que ela começou, saiu no primeiro bloco dos Mamonas Assassinas, e depois disso nós começamos a fazer o carnaval.

Autora: Legal, e a senhora costuma frequentar a biblioteca aqui?

Visitante 1: Venho, porque o meu marido trabalha aqui, né? Então venho, mas não pra fazer pesquisa, a gente vem por causa das reuniões, mas meus sobrinhos usavam muito porque, agora não está tendo mais, mas antes tinha computador, então na época que tinha computador era mais usado.

Autora: Ah, entendi, mas já chegou a fazer cadastro, pegar livro emprestado?

Visitante 1: Não, a minha irmã deve ter, porque minha irmã trabalhou na biblioteca quando ela não era aqui, quando era na frente da Inês cabeleireira. E quando começou biblioteca em Biritiba eu já trabalhava fora, né? Ah, mas dá saudade, é gostoso lembrar.

Autora: E o que achou de ter a exposição de fotos antigas?

Visitante 1: Ah, eu achei bom, porque a maioria não conhece a história da cidade.

Autora: E a senhora acha que seria legal ter fotos antigas aqui na biblioteca?

Visitante 1: Eu acho, até já tinha falado pro meu marido, que esse espaço aqui, tinha que dar um jeito de tirar os pombos, mas fazer plastificado igual eu vejo em Mogi, que eu trabalhei muito tempo lá, mas fazer maior assim, com rodinha no pé, que aí você pode ficar girando, e ter os quatro lados expostos, você entendeu? E também dá pra levar pra outro lugar, e não precisa ser esse tamanho de foto, pode ser a metade da foto e embaixo contar a história, porque quem vê a foto só vê a foto, aí se identifica, quemem coisa que eu não lembrei, aí quando eu li eu já lembrei, aí aqui tendo a história identifica, porque eu acho esse espaço aqui muito bom, mas poderia usar para isso, dar uma estruturada, colocar telinha, porque dá dó ficar esse espaço aqui, pouca gente sabe que isso aqui era prezinho, isso aqui foi minha primeira escola. Sabe onde é o Serginho do um real? A minha irmã fez ali o primeiro ano, com o professor Caetano de Salesópolis. E eu estudei aqui com a professora Eugênia, e minha irmã estudou aqui também com a Luíza, que é irmã e cunhada do Seu Zezé, que é mãe do ex-prefeito Marcos Melo de Mogi, que é primo do Inho, e a tia dele foi professora aqui. Aí o que eu fazia, eu tinha três aninhos, minha mãe me trazia aqui. Aí eu saía daqui, eu estava com cinco anos, e ia encontrar com a minha irmã, que saía mais tarde, onde é o Serginho, que era o professor Caetano, que minha irmã é um ano mais velha, ela estava no primeiro ano, aí eu chegava lá, batia na porta. O professor já sabia, e me deixava entrar até ficar com a minha irmã pra gente poder ir embora, aí eu fui alfabetizada nessa época, aí eu não quis mais ficar no pré. Aí pra tomar merenda, o professor Caetano arrumava tudo a fila bonitinha, e atravessava e subia escada e ia tomar merenda no João Cardoso, o intervalo era lá. Terminava o intervalo, descia. Aí terminava a aula, minha irmã me levava embora. Olha, sete

aninhos e a gente andava pra rua, eu morava na última rua da Vila. Depois da última rua da Vila, ainda tinha mais duas ruas de casas, que eles acabaram e fizeram aquele contorno lá, mas antigamente não tinha, era só mato. A Vila Operária era grande. A aula na época começava às três horas da tarde, no ginásio, e terminava às sete e meia da noite.

Autora: Ah, entendi.

Visitante 1: Essa aqui, eu peguei a sala dela, foi a primeira sala de aula lá no 18, ela morava nessa rua aqui, a quarta casa.

Autora: Ah, tem uma foto aqui da casa dela, deixa eu ver se eu acho.

Visitante 1: A Camila é filha dela, né?

Autora: É? Não conheço.

Visitante 1: É, essa é a Branca.

Autora: Ah, é essa foto mesmo, que é a dela lá no fundo...

Visitante 1: É, a casa dela é aqui, ainda tem bastante gente daquela época aqui, tem parente dela aqui. Aqui a Dona Naia, você conheceu ela?

Autora: Não, eu só conheci enquanto eu estava pesquisando as fotos.

Visitante 1: Essa é a Dona Naia, mãe das duas, essa aqui é a Valéria, minha amiga, se formou junto, essa é a Sandra Roque, essa é a Célia lá de Salesópolis, essa aqui é de Mogi e essa daqui é de Salesópolis.

Marido da Visitante 1: Estou falando que ela conhece todo mundo.

Autora: Que legal, ela conhece todo mundo mesmo.

Visitante 1: É, mas é a mesma época que eu estava dando aula, essa aqui era estagiária. Ah, o Bolina, o desfile, essa aqui acho que é a primeira turma do magistério, que estava de guarda copo. Ah, esse aqui é posto do Seu Araken, né?

Autora: Isso.

Visitante 1: Dali de baixo, quando estava fazendo.

Autora: É, isso foi quando a família chegou na cidade, em 72.

Visitante 1: É, eu cheguei antes, eu cheguei em 68, 72 foi quando minha irmã nasceu.

Autora: Olha só, veio bem novinha pra cá?

Visitante 1: Eu vim tinha um aninho. Não tinha nada aqui, ali embaixo, na frente de onde é o posto de saúde, era um criame de porco, aí eles tinham um porco cachaco, a gente passava lá pra

pegar água, que não tinha água aqui, e a gente atravessava pra ir lá no Tietê pegar água, o porco saía correndo atrás da gente. Lembra que tinha ali? (pergunta para visitante 2)

Visitante 2: Tinha, o Carlão ia lá, ele perdia lá as botinas.

Visitante 1: É, ele perdia as botinas jogando futebol.

Marido da Visitante 1: Olha, e isso aqui.

Visitante 1: Ah, o Ronnie Von, né? Ah, tem a rua aqui, agora mudaram o nome, né? Tinha a rua Ronnie Von.

Autora: Aqui a avenida, quando tinha o nome dele.

Visitante 1: Ah esse aqui também, esse aqui já, Biritiba já estava grande. Ele faleceu, né, Zé Carlos?

Marido da Visitante 1: Já, esse aí faleceu.

Visitante 2: Esse aqui é onde?

Autora: É aqui na praça, já tinha a padaria ali.

Visitante 1: Ah, é a primeira coisa que tem, né? Padaria sempre teve. Ah o tio do Jacaré, Seu Dito Açougueiro?

Autora: Isso, é o bar dele.

Visitante 1: É a rua que ele morava, Engenheiro Abílio. É, ele morava lá, ele conhece. O Seu Dito Açougueiro é tio da... você mora aqui?

Autora: Moro, mas eu conheço pouca coisa.

Visitante 1: Ele é tio da Marília dentista, é tio do Jacaré também, tio do Jarbas. Esse aqui (falando com outro visitante), ela estudou comigo, a Branca, a mãe dela é a Dona Naia, que está aqui... essa aqui é a mãe dela.

Autora: Aí é na escolinha da Fazenda Irohy.

Visitante 1: Sei, sei. Minha irmã deu aula lá.

Autora: Olha, que legal. Ainda existe essa escolinha?

Visitante 1: Não, não existe mais. Eu dei aula em Casa Grande... as escolas rurais acabaram tudo. Essa escola aqui, o João Cardoso, era onde era a prefeitura que estão arrumando, ali perto do CRAS, ali que era o João Cardoso.

Autora: Ah, esse que é o predinho então.

Visitante 2: Quem é esse menino?

Autora: Só sei que o nome dele é Rubens.

Visitante 1: Não sei quem é... Rubens... mas não tem o sobrenome... porque se tivesse o sobrenome...

Visitante 2: Não é o Rubão, não?

Visitante 1: Ah, já sei quem é, já sei, essa Vera aqui é a esposa dele, ele faleceu, é o primo do Jacaré, o... tem uma menina que vende loja de sapato ali subindo, perto da sorveteria, então, é o pai dela, irmã do Seu Cardoso.

Autora: Ah, entendi.

Visitante 2: E essas modelete aí, quem é?

Autora: São alunas lá da Helena Ricci.

Visitante 1: Eu dei aula no Helena Ricci, na sala da Dona Naia, em 1984... mas é a turma do 18, que mora no 18.

Autora: Isso, aqui foi no desfile de primavera né, que faziam na escola.

Visitante 1: Fazia... você não tem nada da Festa do Caqui?

Autora: Não, pior que não encontrei.

Visitante 1: Você tinha que falar com a Rosangela Lobos, ela era Rainha do Caqui. Foi professora quando era nova, mas quando ela era adolescente ela era Rainha do Caqui, e o Ronnie Von vinha cantar nessa época aqui.

Visitante 2: Ela é viva ainda?

Visitante 1: Ela é, era professora de artes. Ela morava na Vila quando era criança. Ah, essa aqui, deixa eu ver se eu acerto, 1993... se eu não me engano, essa daqui é a vice-prefeita, a Rufo.

Autora: Ah, é? Nossa, ela deu aula pra mim, eu não sabia.

Visitante 1: É, é a vice-prefeita. Ah, essa aqui está manchada, eu tenho bastante foto manchada também. É lá embaixo, a festa, né?

Autora: É, lá no Jardim Yoneda.

Visitante 1: É, a festa do Zaramella, né? Ah, aqui é lá perto da minha casa, agora isso aqui é um negócio de estética, aqui é a casa da mãe da Márcia, isso aqui é uma loja agora, aquela boutique de roupa, o terreno está lá ainda, aqui é a loja das meninas, que era a casa da Dona Joaquina que foi a primeira pessoa que cortou a perna em Biritiba, todo mundo ia lá visitar ela, ela fazia coroa de igreja, e ela sentia muita dor na perna que ela não tinha. Aqui é a Gê, aqui o Bolanho construiu a casa dele, que não tinha ainda.

Visitante 3: Essa aí é a praça, lá?

Visitante 1: Não, isso aqui é ali naquele beco.

Autora: É, atrás da igreja.

Visitante 1: Onde eu moro, aqui é a loja das meninas, que vende artesanato, aqui é uma boutique agora, e aqui é um negócio de estética. Aqui ainda continua sendo a casa do Seu Firmino, e aqui na esquina fez um negócio que antigamente era manicure, agora não sei se é, acho que ela mora lá ainda, a manicure, está bonitinho aqui, está arrumado, só esse aqui que mudou faz pouco tempo, e essas partes aqui mudou tudinho. Deixa eu ver, da Cruz das Almas você não tem nada?

Autora: Acho que não, quem posta mais fotos onde eu achei posta mais da Vila Operária.

Visitante 1: Esse aqui é o Seu Toninho, seminarista... ah, essa menina aqui, é a neta do Seu... o avô dela era pastor e agiota... o Seu Roque. Essa aqui é a turma que mora lá pra trás da Vila Márcia, e ainda mora lá. Essa aqui foi minha aluninha. Essa aqui é a minha comadre, Dona Dita.

Autora: Conhece todo mundo.

Visitante 1: Conheço todo mundo aqui, deixa eu ver que mais... em casa tem bastante foto, você está fazendo o que?

Autora: É um trabalho da faculdade.

Visitante 1: Você faz que faculdade?

Autora: Faço biblioteconomia.

Visitante 1: Ah, minha filha adora, minha filha é história, ela diz que um dia vai fazer, mas você faz em São Paulo?

Autora: É.

Visitante 1: É, porque aqui não tem. Quem é esse... acho que é o filho da Dona Terezinha. Aqui é o posto lá, esse é o Seu Araken, quando era novo né.

Autora: Ah, aqui era o policial Piva.

Visitante 1: Ah, o Seu Piva, que morava lá embaixo no Jardim Yoneda.

Autora: É, mas é o posto do Araken mesmo, e aqui é a filha dele, quando era pequena.

Visitante 1: De quem?

Autora: Do Araken.

Visitante 1: Qual delas, Renata ou Rosangela?

Autora: A Renata.

Visitante 1: Ah, tá. Ah, esse aqui, eu estava nesse desfile aqui, na turma do basquete mesmo. Esses eu não conheço, mas Casa Grande era uma cidade, era lindo Casa Grande, acabou tudo. Ah, esse jornal...

Autora: É uma reportagem de quando chegou água na cidade.

Visitante 1: Ah, foi inaugurado, foi Seu Zezé que trouxe. Ah não, isso aqui foi em 1955, isso aqui foi só pra dizer que tinha água, na realidade a água só tinha no centro, lá na praça. Aqui, a Vila, não estava formando ainda, faltava uns cinco anos, porque 60 foi a inauguração de Brasília, né? Minha mãe estava lá, que a minha mãe veio de Brasília. Meu pai fundou Brasília, meu pai que fez, tem foto de Brasília e tudo. Aí a gente veio pra cá, eu nasci em 66... é, dez anos antes. Pra cá não tinha nada, isso aqui era mato, e aí a Vila não tinha água, que a turma veio pra cá por causa da Barragem Ponte Nova, e construir as estradas né, estava começando a Imigrantes, que não tinha, estava começando a Ayrton Senna, e aí eles vieram construir pra cá. Por isso que formou a Vila, aí veio o DAE, que mexia com água, e veio a CETENCO, que mexia com terraplanagem. A turma mais metida, eu falo da época que pensavam assim, morava pra cá, que era do DAE. A turma mais simples morava pra lá, que era da CETENCO. Então mudou os nomes, né? Que era Rua A, B e C, agora não, agora tem outros nomes. Até a Rua C, a terceira rua, era do DAE, da Rua C pra lá era da CETENCO, e tinha as rixas, até hoje em dia tem rixa na cidade, de bairros. Aí não tinha água, e não tinha asfalto, aí era quente aquela época, então eles colocavam muito piche, fazia aquelas bolhas, sabe? Aí a gente pisava assim para estourar as bolhas, queimava tudo o pé, entrava em casa com o pé todo preto, aí apanhava. Aí o Seu Zezé inaugurou a torneira, porque a gente pegava água e tomava banho no Tietê, e ali pra baixo, onde é o Yoshida, em cima tinha um mercado, dos Makiyama, e pra baixo tinha a casa da Dona Isaura, a filha dela agora mora pra frente, e todo mundo ia buscar água lá porque ela dava água de poço. Aí ele inaugurou, na Rua Larga ali na Vila, do outro lado, que agora é Alvorada, na calçada ele inaugurou uma torneira, e teve festa.

Autora: Nossa, uma torneira pro bairro?

Visitante 1: Praticamente não era só pro bairro porque vinha gente de todo lugar pegar. Teve festa de inauguração da água, aí a gente foi lá no Tietê tomar banho pra vir pra festa, aí você já chega todo empoeirado porque era tudo terra, pra ir na inauguração de torneira de água.

Autora: Nossa.

Visitante 1: Ah, esse aqui é ali onde é o banco Santander, né? Onde era a casa desse homem, parente do Inho também, parente do Quico do bar, da Neide... hoje local da ótica Kristale... ah onde é a ótica, é pra baixo, porque tem a ótica mas a parte de baixo também era deles antes de ser o banco, a parte da frente onde é o bar do Quico também era deles, que ainda tem aquela parte onde quem mora é a Dona Margarida. Não tem onde vende grãos e essas coisas? Aí não tem um jardinzinho bem na entrada? É deles ali ainda também. Então, aqui onde é o Kristale, subindo aqui, conhece o Maurão do hospital, que aposentou, que tira raio-x? A mãe dele morava aqui, esqueci o nome da mãe dele... Aí subindo aqui o João Cardoso ainda não tinha feito, olha, e aqui tinha uma praça, aqui morava a Dona Delícia, mas é na época do João Cardoso.

Autora: Era o nome dela mesmo?

Visitante 1: Sim, Dona Delícia, ela vendia pipoca, punha o carrinho de pipoca na frente do João Cardoso e vendia. Ah, a mãe do Maurão se chamava Dona Doralice, e pra cima se chama Dona Delícia, é que a gente ia muito na casa dela, da Dona Doralice. Daqui você não tem? Eu fiz o prezinho aqui.

Autora: Aqui nessa parte? Mas era escola aqui?

Visitante 1: Aqui, era escola, pertencia ao João Cardoso, eu fiz o prezinho aqui, em prédio separado, era muita criança e só tinha uma escola, todo mundo vinha pra cá. Só tinha o João Cardoso aqui, e as escolas no meio do mato, então eu estudava aqui e ia até lá, não existia ali onde é o Ferdinando Jungers, ali era um tanque de areia pra gente brincar, e pertencia tudo à escolinha, era tudo cercado. A escola era aqui nessa construção, que mais tarde virou rodoviária, aí tinha os parquinhos, era tudo aberto assim tinha um espaço grande pra gente brincar. Eu entrei no prezinho com três anos de idade, não era creche, era pré, e você já aprendia a ler e a escrever, e aí eles fizeram uma piscina, sabe? Aí dia de sexta-feira a gente podia vir pra piscina, mas a piscina ficou só um ano, porque não deu certo, a criançada não respeitava muito, e a criançada de fora entrava, aí fechou, mas foi só um ano que teve piscina. Mas aí encheram de areia e ficou uma piscina de areia. Ih, tem muitas lembranças. Eu fui atropelada ali na frente, na praça, tinha três amigos, foi o Seu Godofredo que me atropelou, era a única pessoa que tinha carro na época, todo mundo que foi atropelado em 1960 e pouco foi por ele.

Autora: Ah, você falou dessa rua, tem aqui uma foto dela também, quando a pracinha do Cruzeiro tinha uma casa no lugar.

Visitante 1: Então, era a casa da Dona Delícia, essa parte aqui complementa aquela foto lá, aqui já tem o João Cardoso, olha. Aqui era a quadra, aqui as salas de aula, essa foto aqui é mais velha que essa. A Kristale era a casa da turma do Seu Garcia. (Visitante 4 cumprimenta a visitante 1 ao longe). Ela foi minha aluna. Nós estamos vendo foto antiga (explica para a visitante 4).

Visitante 4: Ah, deixa eu ver, espera aí. Se tiver eu com as minhas penas no carnaval...

Visitante 1: Então, não tem o Pomar do Carmo.

Autora: Ah, de lá eu não consegui foto ainda, eu consegui algumas só pela internet, que as pessoas postaram.

Visitante 1: Isso aqui foi o festival lá na quadra, né?

Autora: Foi formatura das crianças.

Visitante 4: Que lindo. É algum projeto?

Autora: É pra um trabalho da faculdade.

Visitante 4: Você tem mais?

Autora: Por enquanto são só essas.

Visitante 1: Essa aqui, a gente era estagiário nessa época, esse estágio aqui foi lá na escola do 18, foi antes dela se aposentar, porque ela tirou a licença-prêmio e eu peguei a sala dela. Essa aqui hoje é investigadora, não quis seguir Magistério. Essa aqui está aposentada, Sandra. Dona Olímpia mora ali. A Célia está aposentada. Essa daqui, está aposentada, encontrei com ela na festa lá em Casa Grande. Essa aqui foi embora, voltou pro interior, quando se aposentou. E essa aqui é de Salesópolis, se não se aposentou já está para se aposentar. De todas elas aqui, só essa aqui que não seguiu a carreira, ela foi pra polícia, ela mora ali na mesma casa até hoje. Aqui quando foi feito o Cristo, né? Mas esse Cristo é aqui, na rua que é a antiga Rua Ronnie Von, né? Na frente do cemitério. Coitado, esse Cristo andou tanto, já colocaram dentro do cemitério, tiraram do cemitério, agora nem sei se está mais no cemitério.

Autora: Não é o mesmo da entrada da cidade?

Visitante 1: Não, esse é outro, esse é um pouquinho menor. Mas aqui mora o parente do Rubens, aqui o irmão do Rubens, Seu Cardoso, mora aqui nessa rua até hoje. Só que ele não morava aqui, o irmão dele que casou e veio morar aqui, casou com a Néia, que é prima do Jacaré, que é parente de quem aqui... mas é tudo parente aqui em Biritiba. Ah então, o Seu Firmino, dono dessa foto, mora nessa casa aqui. E você vai continuar com esse projeto até quando?

Autora: Hoje é o último dia, eu fiquei a semana aqui.

Visitante 1: Que pena, se você tivesse falado, minha filha, eu tinha um monte de foto, tenho lá de Casa Grande, quando tinha as casas que derrubaram, que eu dei aula lá, tenho fonte da bica da água dos passarinhos.

Autora: Olha, quem sabe, se esse trabalho der certo, eu posso expandir no futuro.

Visitante 1: Ah, precisa, a gente não pode perder as raízes.

APÊNDICE G – Transcrição da entrevista 6

Autora: Essa foto é bem antiga, é de 68.

Visitante 1: Nossa, mas tem muita casa que é assim ainda.

Autora: Em qual bairro que a senhora mora?

Visitante 1: Aqui, na Vila.

Autora: Ah, na Vila Operária, né? Me falaram mesmo que tem algumas casas que são assim ainda.

Visitante 1: É, eu moro ali. Esse aqui eu conheço.

Autora: Conhece? Me falaram que ele foi pro Japão.

Visitante 1: Não sei se ele foi, nunca mais vi, eu conheço porque, né, da fisionomia dele assim, mas eu nunca mais vi.

Neta da Visitante 1: Lembra de alguém, vó?

Visitante 1: Essa aqui...

Autora: São professoras lá da Helena Ricci. Essa aqui é a formatura das crianças de 88, ali do Ferdinando Jungers.

Neta da Visitante 1: Não foi o ano que ela estudou lá, a mãe?

Visitante 1: 88, sua mãe nasceu em 1990, isso quer dizer que sua mãe nem tinha nascido ainda. Em 88 eu tinha... eu nasci em 72...

Autora: Estava com 16?

Visitante 1: É, mais ou menos por aí.

Neta da Visitante 1: Era novinha.

Visitante 1: É, então, filha, o tempo passa, né?

Neta da Visitante 1: Nem parece que tem 50. Ah, o Adhemar Bolina.

Autora: Ah, aqui embaixo, é o desfile dos alunos, né? Quando tem o aniversário da cidade.

Neta da Visitante 1: Quando? 1993, minha mãe ainda não estava, tinha três anos.

Autora: As pessoas costumam achar interessante ver essa foto aqui, que é ali da Igreja São Benedito, na década de 80.

Neta da Visitante 1: Até hoje tem essas coisas, não tem?

Visitante 1: Tem, mas a igreja foi toda reformada, era totalmente diferente. Eu não lembro desse Cristo aqui, não.

Autora: Aqui é na época em que o Cristo ficava aqui onde é a rua do cemitério.

Visitante 1: Nossa, não lembro.

Autora: É bem antiga essa foto, acho que é dos anos 60, aí nessa época a rua se chamava Avenida Ronnie Von.

Visitante 1: Foi de antes de eu vir pra cá então.

Autora: A senhora não é daqui da cidade?

Visitante 1: Eu moro aqui há uns quarenta anos.

Autora: E conhece bastante da história da cidade?

Visitante 1: Ah, conheço pouco, conheço da época que eu vim.

Visitante 2: Está sabendo mais do que eu já, porque eu não sabia dessa Avenida Ronnie Von.

Autora: Eu descobri pesquisando as fotos também.

Neta da Visitante 1: Você achou tudo isso na internet?

Autora: Achei tudo no grupo do Facebook, que as pessoas postam fotos mais antigas.

Neta da Visitante 1: Não tem nada sobre a Angélica?

Visitante 1: Acho que a Angélica nem existia naquela época.

Autora: A Angélica é escola nova, né? Construiu faz pouco tempo.

Visitante 1: Você só tem doze anos né... Olha, em 75 eu tinha três anos, nessa foto aqui, e eu nem era daqui, eu morava na Barragem Ponte Nova, sabe onde é? Indo pra Salesópolis, Remédios? Então, eu morei lá, meu pai trabalhava lá.

Neta da Visitante 1: Como é o nome dele?

Autora: Tem aqui embaixo, olha, Dejair e Hevair.

Visitante 1: Acho que ele era o Dejair.

Neta da Visitante 1: Se falar isso pro meu vô acho que ele conhece, né?

Visitante 1: Não, seu vô tem a mesma idade que eu, aqui, 1980, eu tinha oito anos.

Neta da Visitante 1: Igual o vô, o vô tinha nove.

Visitante 1: Então, não, nós dois somos três meses de diferença. Olha, isso aqui tem muito... meus irmãos tinham muito disso aqui.

Neta da Visitante 1: O que é isso?

Visitante 1: Isso aqui é da escola, quando você tirava, tio Igo tem, tia Ivanete tem, esses mais antigos. Olha, 63. Então, não conheço muita coisa, não.

Autora: Na escola assim, falaram alguma coisa?

Visitante 1: Ah, mas eu já esqueci, né? Faz tanto tempo que eu esqueci.

Autora: Tudo bem, aí fotos antigas assim da cidade, já tinha visto em algum lugar?

Visitante 1: Ah então, já vi, tem um livro da história da cidade que você vê...

Neta da Visitante 1: Onde?

Visitante 1: Ah, não lembro onde foi que eu vi.

Neta da Visitante 1: Será que não foi ali, não?

Visitante 1: Não, aqui na biblioteca? Não, eu nem entrava aqui, nem tinha essa biblioteca naquela época, mas assim, esse do Ronnie Von eu sabia, que ele era da cidade, que ele ficava aqui na cidade. Isso aqui eu vi fotos da minha família, dos meus irmãos mais velhos. As casas da Vila...

Autora: Acho que a foto mais nova que tem, na verdade é essa aqui, que é a que está mais desgastada, que é de 95, é uma festa que o Zaramella fez pras crianças ali no Jardim Yoneda.

Visitante 1: E ele sempre faz, até hoje, né?

Autora: É, só que agora ele faz lá na chácara dele, né?

Neta da Visitante 1: Que festa?

Visitante 1: Essa festa que vocês iam ontem.

Neta da Visitante 1: Iam, né?

Visitante 1: Porque é muito cheio, entendeu? Se você não chega lá às nove horas... quem eles foram pra lá, que hora era? Onze horas?

Neta da Visitante 1: Era meio dia.

Visitante 1: Meio dia já não entrava mais, de tanta gente.

Neta da Visitante 1: A gente chegou e fecharam o portão na nossa cara.

Visitante 1: Não é que eles fecharam, é que tinha muita gente já, aí não adianta eles colocar um monte de gente lá e não ter as coisas pra dar, né? E eles já dão muito. Então, é essas coisas que eu sei, é isso, as fotos, as casas da Vila...

Autora: Coisas que foi vendo conforme morava aqui?

Visitante 1: É, porque eu vim morar aqui na Vila em... meu pai faleceu em 82, eu acho que em 83 eu vim morar aqui, eu tinha nove, dez anos quando eu vim morar aqui na Vila, aí foi o que eu vivi nesses quarenta anos que eu estou aqui em Biritiba.

Autora: Certo, a biblioteca aqui a senhora falou que não conhece, já chegou a entrar?

Visitante 1: Não, eu às vezes venho, mas como agora tem muita coisa na internet, eles nem querem saber de biblioteca, porque tem que ficar lendo, esses negócios, e eles não querem saber.

Neta da Visitante 1: Eu venho quando é coisa muito antiga e tem que procurar nos livros.

Visitante 1: É, senão eles nem vêm, procura na internet.

Neta da Visitante 1: O Google me dá tudo.

Visitante 1: Eu falo, facilita e prejudica, porque agora eles não querem saber de ler mais.

Neta da Visitante 1: Eu leio pela internet.

Visitante 1: Lê nada, mentirosa.

Autora: E o que a senhora acha da exposição de fotos antigas?

Visitante 1: Ah, eu acho bom, acho legal, principalmente pra eles que são mais novos, eles verem essas fotos é muito legal. Imagina isso aqui, é de 75, eu tinha três anos de idade, olha isso aqui.

Autora: E é difícil a gente saber sobre a história do lugar que a gente mora, né?

Visitante 1: É, porque eu acho assim, que na escola deveriam colocar mais isso, procurar um pouquinho o passado da cidade, né? E passar pros alunos, que eles não sabem nada, e muitos pais nem comentam, nem falam nada sobre o passado na escola, né?

Neta da Visitante 1: A única coisa que eu sabia é desse negócio aqui da igreja que eu já fui.

Visitante 1: Ah, por causa que a igreja ainda tem até hoje, mas isso aqui também é antigo pra caramba.

Autora: É, eu acho interessante essa foto também, sabe a pracinha do Cruzeiro? Antes tinha essa casa dentro, e aqui no fundo tem o João Cardoso também.

Visitante 1: É, que nessa época, olha a escola João Cardoso, nossa olha o tempo que tem essa escola, em 1960 já tinha essa escola.

Neta da Visitante 1: Eu estudei lá.

Autora: É, aqui a mesma rua também, olha, agora tem uma ótica, tem vários comércios aqui mas era tudo as casinhas.

Visitante 1: É, eu lembro, eu lembro não, porque quando eu vim morar aqui não era assim mais, mas a turma daqui comentava que as casinhas, ainda tem casa antiga na praça, tem casas que foram reformadas as fachadas mas pra dentro elas são tudo casa antiga.

Neta da Visitante 1: Vó, olha, você fala que ninguém usa cropped, olha só.

Visitante 1: Mas tem muita moda que volta, tem muita coisa daquela época que volta. Calça da boca larga que voltou também, muita roupa que você vê hoje...

Neta da Visitante 1: Mas essa roupa aqui tá feia, hein?

Visitante 1: Ah, um macacãozinho que na época era bonitinho.

Neta da Visitante 1: Nossa, macacão remendado, vó.

Visitante 1: Não é remendado, é que é feito com outros pedaços de pano, essa juventude eu vou te falar. Mas é muito interessante, sim.

Autora: A senhora acha que se tivesse mais fotos antigas aqui na biblioteca teria mais visitação? A senhora viria olhar?

Visitante 1: Não sei se eu viria olhar, sabe porque? Quem eu falo pra você, você procura lá, fotos antigas de Biritiba Mirim, vai aparecer lá, eu estou lá dentro de casa, não preciso sair, entendeu? É muito difícil quem vai vir até a biblioteca pra ver essas coisas.

Neta da Visitante 1: Quem gosta de ler.

Visitante 2: Quem estiver passando aqui, aí você chama e vem, mas...

Visitante 1: É, senão não, senão a turma não vem.

Visitante 2: Eu falei pra ela que até livro, hoje em dia a gente quase não pega livro pra ler.

Visitante 1: É então, não, porque tudo é acessível na internet, então...

Neta da Visitante 1: Lá em casa era assim, vó?

Visitante 1: Era, era igualzinho aqui, olha, você pode ver que não tinha muro naquela época, quando eu vim morar aqui em Biritiba não tinha muro as casas, depois que foi construído os muros, e a da minha mãe até hoje, ainda é placa, eu tenho uma casa construída aqui na frente onde eu moro, mas a casa da minha mãe é igualzinho a essa ainda, não mudou nada, porque as casas não eram nossas, entendeu? Aí depois de passado um tempo, até antes da minha mãe falecer, ela pagou a última prestação que era baratinha, era cento e pouco a prestação da casa, foram não sei quantos anos, e minha mãe pagou o último mês em junho, e ela faleceu em julho, porque ela falou que não queria deixar dívida pra ninguém. Então, eu moro numa casa construída

aqui e a casa da minha mãe é igualzinha, e na época que a gente veio morar não tinha muro mesmo, aí foi feito os muros dos lados.

Visitante 2: Você passava e via essas casinhas.

Visitante 1: A turma falava que era o pombal, porque eram casinhas altas e tudo igualzinha, aí parecia um pombal, aí quem passava lá debaixo falava que era o pombal, e eu moro ali há quarenta anos, aqui na Vila. Muito interessante, eu queria mais que eles... eu ainda sei um pouco, mas eles não sabem nada, você viu? Não sabem nada.

Autora: Mas aí olhando as fotos assim, às vezes a gente acaba lembrando de coisas que a gente nem sabia que ainda lembrava, né?

Visitante 1: E você pode ver que se pessoas mais velhas vão ficar mais interessadas ainda em ver, porque aí eles ficam relembando. Muito lugar aqui eu não vivi, que eu vim pra cá eu já tinha nove anos, mas mesmo assim, são quarenta anos aqui na cidade, mas é muito interessante, sim.

Autora: Legal, obrigada.

APÊNDICE H – Transcrição da entrevista 7

Autora: Você sempre morou aqui na cidade mesmo?

Visitante: Sim.

Autora: Desde que nasceu?

Visitante: Isso.

Autora: Posso ser indelicada e perguntar quantos anos?

Visitante: Eu tenho 36.

Autora: Certo. Aí você falou que, a história da cidade, você conhece, então, pelo que ouviu de outras pessoas, as fotos que você teve contato, pesquisou no site, né?

Visitante: Isso.

Autora: Aí aqui, sobre a biblioteca, você costuma frequentar a biblioteca?

Visitante: Não.

Autora: Já entrou ali?

Visitante: Nunca entrei. Aqui embaixo nunca entrei.

Autora: Entendi, mas o que você acha dela, só de ter visto ela aqui?

Visitante: O fato de ter uma biblioteca é muito bom, eu só acho que precisa ser melhor utilizada, né? As pessoas deveriam utilizar melhor, não é culpa da biblioteca ou da prefeitura mas, de um

modo geral, acho que as pessoas precisavam ler mais, porque na verdade não é a questão da biblioteca, porque se você quiser um livro você vai ler em qualquer lugar, as pessoas não têm o hábito da leitura, então pode ter uma biblioteca linda, que se ninguém gostar...

Autora: Entendi, e você acha, por exemplo, o uso de fotografia, como é uma coisa que você não precisa necessariamente ler, que é só olhar e tal, você acha que é uma coisa legal de se ter na biblioteca?

Visitante: Eu acho que quando você usa fotografia você parte pro emocional das pessoas, porque elas vão ver coisas que talvez elas não conheçam, e coisas que conheciam e assim, a memória afetiva, né? De tudo isso. Ainda mais quando tem, às vezes fazer o antes e o depois, alguma coisa nesse sentido, porque as pessoas vão, acho que vai relacionar, acho que vai ficar bem bacana.

Autora: Legal, teve alguma pessoa ou algum lugar que você reconheceu nas fotos?

Visitante: Eu moro na Vila.

Autora: Aí já reconheceu a casinha, né?

Visitante: É, e a questão do ginásio, né? As formaturas no ginásio, na quadra coberta, acho que todo mundo que estudou na EMEI acaba lembrando, deixa eu ver... os desfiles, né? Antigamente tinha os desfiles que a gente andava a cidade inteira.

Autora: Ah, sim, tem aqui uma foto de alunos do Adhemar Bolina andando ali perto da praça.

Visitante: É, eu me lembro que nos desfiles a gente andava, nossa, teve uma vez que foi lá perto da quadra e voltava, era um negócio surreal.

Autora: Nossa, longe.

Visitante: É, dos desfiles, assim, não é bem desse, mas é uma lembrança que acabou voltando, né? Tanta coisinha que... ah, da época do Marcão, vem a lembrança do caminhão de bombeiro jogando água na galera.

Autora: Ah, sim, é, acho que essa é a foto mais recente que eu tenho aqui, que é de 95, né?

Visitante: Ah, é difícil lembrar de alguém, apesar que assim, na cidade, não é tão difícil você reconhecer, porque cidade pequena você acaba... mas não, eu moro pra cá, então... minha realidade é o lado de cá. Legal, né? Fiz um trabalho parecido na escola.

Autora: Fez um trabalho? Era com foto também?

Visitante: Era com foto, só que era slides, na época a gente não tinha as fotos impressas, só tinha os slides, a gente apresentou os slides no datashow.

Autora: Aí você tinha conseguido as fotos onde?

Visitante: Com ela, o pai dela tinha as fotos.

Autora: Ah, legal. Era trabalho de alguma matéria específica?

Visitante: Ai, nem lembro, eu lembro que a gente costumava apresentar, aí aconteceu de ela ter, acho que era trabalho da escola, lembra? Comemoração do aniversário da cidade, uma coisa assim, aí ela tinha as fotos antigas da cidade.

Autora: Que legal, e depois as fotos ficaram só com ela mesmo?

Visitante: É dela, é porque, na verdade, é como se fosse os negativos, né? Aí é da família dela. Bem bacana, até porque é difícil de achar.

Autora: É, tanto que eu fui pegando do Facebook, que as pessoas foram postando, porque em casa também... eu tinha mais fotos antigas também, mas vai se perdendo, né?

Visitante: É, verdade, a gente vai deixando guardado, só Deus sabe onde vai parar.

Autora: Verdade. Aí nesse trabalho, era só mostrar foto mesmo? Ou vocês falavam da história também?

Visitante: Sei lá, faz tanto tempo, até porque ninguém conhece a história, né?

Autora: É, você conhece alguma coisa da história da cidade?

Visitante: Não muito, até porque muita coisa se perde, né? Não é contado. Fui trabalhar a lenda, eu sou professora, fui trabalhar a lenda, agora há uns anos atrás, com os meus alunos.

Autora: Ah, você dá aula?

Visitante: É, não, da época que eu fiz as fotos eu fui aluna, mas aí agora eu fui trabalhar a lenda, e aí eu vi que tinha uma lenda de Biritiba, coisa que eu não conhecia.

Autora: Ah, é? Não sei também.

Visitante: A lenda da menina Firmina, tem no site da cidade.

Autora: Ah tá, a que fazia milagres, né? Na fundação da cidade.

Visitante: Isso, só que ninguém, é uma coisa que ninguém comenta, ou não se comenta mais.

Autora: É, eu só fiquei sabendo também porque eu fui atrás pra fazer o trabalho, aí eu vi que tem um livro só que conta a história da cidade aqui na biblioteca, aí nesse livro falava da história dessa menina.

Visitante: Eu conheci, na verdade eu vi no site, mas eu conheci algumas pessoas que os avós contavam, mais o pessoal da igreja que os avós contavam, aí uma dessas pessoas acabou me contando a história, mas pra trabalhar mesmo com os alunos eu usei o oficial do site.

Autora: Ah, entendi, é site aqui da prefeitura mesmo?

Visitante: É, no site da cidade.

Autora: Ah, entendi, lá tem um resuminho da história, né?

Visitante: Tem um resuminho, até porque eu falei, melhor contar a história e passar a parte escrita só, mas aí a parte didática mesmo.

Autora: Ah, sim. E você dá aula pra criança mesmo?

Visitante: É, do sétimo ano.

Autora: Que legal, lá no Carlos Prestes?

Visitante: É. Nossa, gente, você vai olhando as coisas e vai pensando... eu tinha uma roupinha dessa. Olha, eu dancei com essa roupinha de bolinha.

Autora: Aí, olha, geralmente costumam comentar sobre a importância do Ronnie Von aqui pra cidade, que ele vinha...

Visitante: Ele vinha muito de helicóptero, né? O pessoal comentava que ele vinha muito de helicóptero, sempre passava.

Autora: Isso, aí me falaram que ele tinha chácara e tudo aqui, aí eu achei essa reportagem de 67, que ele veio pra inaugurar a Avenida Ronnie Von, e a escola que tinha o nome dele.

Visitante: Onde que fica?

Autora: Agora é a rua do cemitério, já mudou de nome.

Visitante: Ah, tá, isso que eu pensei, nossa, nunca vi esse Cristo.

Autora: É, acho que é dos anos 60 essa foto também, aí o Cristo ficava ali naquela rua.

Visitante: Nossa, nunca imaginei, isso não ia reconhecer mesmo. Era bom se você conseguisse colar em algum lugar, né? Deixar exposto.

Autora: Isso, quando eu vim fazer a exposição, eu queria conseguir cavalete pra colocar fixo, mas aí não deu certo, aí só consegui a mesa.

Visitante: Mas está ótimo.

Autora: Pelo menos dá pra gente pegar assim.

Visitante: Sim. Moça, agora eu vou embora.

Autora: Tá bom, obrigada.

APÊNDICE I – Transcrição da entrevista 8

Visitante 1: Eu tinha visto no Facebook e falei, vou passar lá só pra xeretar.

Autora: Ah, sim. Foi lá dentro do grupo Biritiba histórica mesmo?

Visitante 1: Foi, a gente sempre vê, é muito legal. Olha, esse daqui eu conheci, ele era seminarista, depois ele desistiu de ser seminarista, casou e formou família. Ele morava no Socorro, agora eu não sei onde anda. Quem é antigo lembra, né?

Autora: É, e eu acabei descobrindo muita coisa da cidade que eu nem sabia que tinha.

Visitante 1: É, Biritiba já mudou muita coisa. Aqui em cima, tinha uma serraria, tinha parquinho, ali onde é a Nova Biritiba tinha lavoura, tinha feijão, tinha batata doce. Aqui embaixo, a gente tem uma casinha aqui, quando nós compramos ali, a gente tem foto da minha menina, que tem quarenta anos, andando de bicicleta, que era terra, não tinha asfalto, não tinha nada ainda. Biritiba cresceu muito, por todos os lados. É gostoso ver, que você mata a saudade. Olha, eu vim pra Biritiba nesse ano aqui, no comecinho de 69 ou 68.

Autora: E veio pra cá novinha?

Visitante 1: É, agora eu já estou velhinha, mas eu vim pra cá com seis pra sete anos, meu pai tinha sítio no Remédios, meu pai vendeu lá e veio morar ali em frente ao cartório, onde minha mãe mora até hoje. Então, querendo ou não, você acompanha muita coisa. Ah, a Dona Naia...

Autora: É, falam bastante dela.

Visitante 1: É, será que ela ainda é viva? A última vez que eu a vi, eu estava fazendo fisioterapia, e ela estava nessa fisioterapia.

Autora: Ah, entendi. Mas não sei, eu só ouvi falar que ela se aposentou.

Visitante 1: Ah, isso aí deve fazer muito tempo. Deveria ter o nome dos outros, essa aqui parece a filha... parece a Cristina.

Autora: Tem uma senhora, das barraquinhas aqui, que falou o nome de todo mundo, aí se não me engano essa aqui é a Célia, a Naia, aí tem a Bernadete, que foi quem postou a foto, mas agora não vou lembrar o nome de todas.

Visitante 1: Foi a Bernadete que postou a foto... essa aqui é a Cristina Alves?

Eu só sei que me falaram que essa foi a única que largou de ser professora e foi trabalhar na polícia.

Visitante 1: Não é a irmã dela, não? Que é da polícia. Porque eu estou achando que ela foi professora da minha filha, e por sinal era excelente professora, se ela saiu é uma pena, porque ela era excelente, ela e a Bernadete, que elas eram juntas, agora eu não sei. Essa aqui está me parecendo a Cristina Alves, que tem umas irmãs que são da polícia mesmo, tem umas que trabalham no Estado, vou perguntar pra irmã dela.

Autora: Entendi.

Visitante 1: As formaturas... o que tinha de formatura, e eu que sou de família grande, o que tem de formatura de sobrinho, ninguém merece. E a gente ia, né? Porque o irmão convida, a cunhada convida. Essa carinha não me é estranha... e tem o seminarista... você chegou a conhecer o Frei Gabriel? O Frei Gabriel está em Santo Ângelo, Capela de Santo Ângelo, que por sinal, é um lugar histórico muito bonito também. Armazém do Cebolinha... quantas vezes eu fui no Armazém do Cebolinha. A mãe mandava comprar as coisas, óleo vinha no tambor, aí apertava o negócio pra encher a garrafa.

Autora: Ah, tem o tambor aqui do lado de fora, na foto.

Visitante 1: Mas tinha um negócio pra encher, e tinha caderneta, tá? Você comprava e ele marcava na caderneta.

Autora: Mas era coisa pra casa mesmo, tipo comida?

Visitante 1: É, comida mesmo, arroz, feijão, era armazém, era da década de 80, olha.

Autora: Era venda a granel?

Visitante 1: Era tudo a granel, milho, feijão, tudo você pegava por quilo, e entregava. Lá em casa a gente era bastante criança, né? Aí meu pai ia comprar, então entregava saco de 60kg, pena que meu pai já foi embora, mas meu pai comprava e era muito legal. Aqui, chegou a ser uma casa de material de construção, pena que essa Kombi está atrapalhando a visão. Aqui chegou a ser supermercado, tem muita história, viu?

Autora: É, e mesmo eu sendo aqui da cidade, eu conheço pouco da história, né?

Visitante 1: Ah, é que você é criança, pega sessenta anos quem eu pra você ver. Eu já tenho mais de cinquenta anos aqui na cidade.

Autora: Ah, é bastante tempo aqui na cidade. Aí acaba conhecendo a história só de ver tudo acontecer...

Visitante 1: É, eu conheço muita gente antiga, os donos dos botecos, quem aqui, a esposa desse senhor era professora, era a Dona Leila, ela era uma carrasca, baixinha, do cabelo enroladinho, e brava pra dedéu. O marido da Dona Naia era ministro da eucaristia, eles participavam muito da igreja.

Autora: Aqui da São Benedito mesmo?

Visitante 1: É, da São Benedito, que ela foi a primeira, depois que foram vindo as outras. Fazenda Irohy, nossa...

Autora: É, tinha as criancinhas na escola dentro da fazenda.

Visitante 1: Essas casinhas existem lá.

Autora: É? Mas a escolinha não tem mais?

Visitante 1: Eu não me lembro da escolinha lá, porque na época, em 80, tinha a escolinha do bairro do Sogo, minha filha estudava na escolinha do bairro do Sogo, que tinha as escolinhas nos bairros, né? A minha irmã chegou a dar aula. Ah, esse aqui é na Helena Ricci.

Visitante 2: Acho que ela já deve ter falado pra você, a irmã dela é casada com o Rubens, né? Tem a foto do Rubens aqui.

Visitante 1: Minha irmã?

Visitante 2: A Néia, casada com ele.

Visitante 1: Eu não sou irmã da Néia.

Visitante 2: Ah, você é irmã da Benê, né?

Visitante 1: Qual que é o Rubens?

Visitante 2: Aqui o Rubens, irmão do Cardoso, você lembra do Rubens, né? Que ele faleceu.

Visitante 1: Ele faleceu, eu estou olhando essa carinha e não me é estranha, mas eu não sabia quem era. Pior que está o nome da Vera aqui, esposa dele.

Autora: Isso, ela que postou a foto.

Visitante 1: Nossa, igualzinho, o Cardoso é vizinho da minha mãe, inclusive eu fui no casamento do Cardoso, que é irmão dele. Por coincidência, a festa foi ali onde é o caqueiro, onde tem aquela casa, acho que ele trabalhava lá.

Autora: Legal.

Visitante 1: É, Biritiba tem muita história, quando a cabeça ajuda. Eu sou um pouquinho velha, jovem não conhece a história.

Autora: Por isso que eu queria conversar com as pessoas aqui, pra descobrir mais coisas.

Visitante 1: Aqui será que são as filhas da Dona Naia?

Autora: É, me falaram isso.

Visitante 1: Eu lembro, uma se não me engano é médica, pediatra. Essa daqui acho que é a Sandra Toti, então essa aqui é a Cristina mesmo, ou pode ser a irmã da Cristina, não sei. Não tem ali onde é o Bradesco? Colado ali tem uma casa, onde eles moram até hoje. E isso aqui?

Autora: Esse aqui é o posto de gasolina do Seu Araken.

Visitante 1: É, mas antes não era do Seu Araken, era de um outro pessoal. A minha mãe morou nessa rua aqui, aqui tinha material de construção, meu irmão trabalhou no posto.

Autora: Nossa, é verdade que não tinha cobertura?

Visitante 1: Não me lembro, mas pode ser. Porque o meu irmão... você conhece o Sabiá, ali no 18?

Autora: Conheço, minha mãe trabalhou lá.

Visitante 1: Ah, o Sabiá é meu irmão, e tem meu outro irmão que é o Paulo, eles trabalhavam no posto, trabalhavam com verdura que tinha ali, trabalhavam pra caramba, e eram tudo criança, a gente era tudo criança e todo mundo trabalhava, graças a Deus cada um tem a sua vida hoje. E nessa época eles ganhavam muita caixinha, que o posto pagava, hoje em dia não existe mais isso, né? Troquinho de... coloca aí cinco litros, então sobrava um real, dois reais, cruzeiro naquela época. Aqui também, eu fui em muitas formaturas aqui, inclusive teve ordenação dos padres aqui.

Autora: Acontece bastante evento lá na quadra coberta, né?

Visitante 1: Agora não sei, mas antigamente acontecia. Isso aqui era da Igreja São Benedito antes da reforma... a matriz aqui, eles foram aumentando o fundo, aqui, antigamente, no terreno da matriz, tinha até um quintalzinho no fundo, você acredita? Tinha um salão, mas daí eles foram aumentando, onde é o altar ali era tudo salão. A igreja antiga era uma igreja muito bonita, mas ela foi reformada toda, ela só manteve a parte de fora, né?

Autora: Então era bem menorzinha antes?

Visitante 1: Ela era bem menor e era bem... a característica dela era bem antiga, você conhece a de Santa Catarina? Era mais ou menos aquele estilo. Por sinal aquela igreja é linda, né?

Autora: É, dá pra ver que é bem antiga.

Visitante 1: É, acho que foi uma das primeiras que saiu aqui em Biritiba.

Autora: E a biblioteca aqui, a senhora conhece?

Visitante 1: Não conheço.

Autora: Nunca entrou ali?

Visitante 1: Não.

Autora: Mas costuma ler?

Visitante 1: Eu gosto de ler, gosto de ler qualquer coisa, eu gosto de pegar o livro e... às vezes eu pego um de trezentas páginas e minha neta pega um de setenta, eu termino de ler antes dela. O computador atrapalha.

Autora: E sobre a história da cidade, a senhora já pesquisou algum livro? Ou fotos antigas assim?

Visitante 1: Assim, as fotos antigas e a história a gente conhece porque a gente já é antiguiinha, né? Então conheço muitas pessoas antigas da cidade, tem a família do meu marido que são pessoas antigas da cidade, então a gente conhece através de fotos, os amigos mandam de vez em quando pra gente.

Autora: História que um vai contando pro outro...

Visitante 1: Vai contando, e vai relembando, outro dia... a minha neta estuda ali no Colégio Mundo, né? Eles queriam entrevistar uma pessoa antiga da cidade, aí foi lá na minha mãe, então é interessante.

Autora: Legal, e o que a senhora achou de ter a exposição das fotos aqui na biblioteca, nesse espaço?

Visitante 1: Olha, eu acho que deveria ocupar melhor o espaço pra fazer esse tipo de divulgação mesmo, quem agora do artesanato, já teve uma gestão que tinha umas coisinhas aqui, era interessante. Eu acho que a cidade precisa de alguma coisa, né? Primeiro pra incentivar as crianças e os jovens a conhecer a história também, do passado da cidade onde mora. Olha, vou falar um negócio pra você, eu moro no Sogo já tem quarenta anos, eu sou casada há quase quarenta e três anos, eu morava aqui no centro. Ali, tem muita propriedade que é da Fazenda Irohy, se você entrar lá e contar o sítio que é particular, tipo assim, as outras pessoas aqui da cidade, não sei se você conhece o Zé Leite, o pessoal ali da esposa daquele da banca do pastel, daquele policial Miguel, muita gente aqui do centro, eles foram vendendo lá pra vir pro centro da cidade, pra dar mais oportunidade pros filhos estudarem também, né? E lá foi ficando. O jovem não se interessa mais pela terra, por nada, então a gente, desses particulares que tinham lá, dos antigos, acho que o único que tem lá somos nós, e eu saí aqui do centro pra morar lá, então quer dizer, pra mim, eu que tinha vindo do Remédios, que meu pai tinha sítio pequenininho, toda vida eu sempre gostei. Então, a gente tem uma casa aqui mas é alugada. A minha filha mudou pra cá depois que ela casou, que já tem catorze anos também que ela casou, então ela veio pra cidade, morar pra cá, mas ela era muito do sítio também, tanto que a minha neta fala que o sítio é dela, porque ela gosta do espaço, mas é interessante o espaço de cultura mesmo, né? É muito bom, eu subi por isso, eu estava indo no mercado, que é aqui em frente. Mas esse aqui eu conheci a

família inteira, essa aqui eu conheci as irmãs dela, se eu não me engano, a vice-prefeita, acho que é sobrinha dela.

Autora: Ela me deu aula, de história ou geografia.

Visitante 1: Ah, então, e a Bernadete, eu não sei se a Bernadete é irmã da Adriana, eu não me lembro, mas a minha filha, lá nessas escolinhas no Sogo, que agora não tem mais... inclusive, do Sogo, a gente usa como a Comunidade do Sogo, porque tem a igreja e usa o espaço, tem uma pensão da prefeitura, acho que eles deram de vinte e cinco anos, e a gente usa a escola, e daí foi feita a comunidade e usa aquele espaço, tanto que a gente conserva, o meu marido trabalha muito lá, acho que a comunidade de bairro que está melhor cuidada é aquela. É importante cuidar porque você mantém o patrimônio da cidade, você está cuidando, inclusive agora nós temos até uma quadra que é da prefeitura, é bem legal. Mas a minha filha estudava lá, e era a Bernadete, acho que irmã da Adriana, se não for irmãs são primas, eu lembro muito das duas porque eram excelentes professoras, eram muito comprometidas com os alunos. Nossa, eu lembro dessa casinha, lembro de quem morava nessa casinha aqui, aqui morou uma senhorinha que vendia pipoca, pergunta pro povo da minha idade, era a Dona Delícia que morava no cantinho, morava um senhor que era motorista de ônibus, a esposa dele tinha vitiligo, lembro da fisionomia da esposa dele, moravam aqui na praça.

Autora: A Praça do Cruzeiro ali, né?

Visitante 1: É, aí a gente saía da escola e vinha comer o pão com molho da Dona Delícia. Eu lembro que tinha a Dona Delícia e o Alemão, que moravam aqui. Você vai pegar gente da minha idade, uns sessentão, aí você vai ver.

Autora: Muito legal, estou aprendendo bastante coisa aqui, ouvindo as pessoas.

Visitante 1: Nossa, eu lembro dessa época aqui, que horror.

Autora: Dessa época do Ronnie Von?

Visitante 1: Eu lembro das festas do Zezé, vinha... deixa eu ver que ano é isso aqui... Ronnie Von é do bairro do Sogo, estou falando. A rua que a minha mãe morava era Ronnie Von, agora que eles mudaram pra Reinaldo Benedito de Melo, que é o dono do gás.

Autora: Que é essa rua aqui, que passa na frente do cemitério, não é?

Visitante 1: Isso, a avenida, era a Avenida Ronnie Von.

Autora: É, tem essa foto aqui da avenida, quanto tinha esse nome.

Visitante 1: Mas esse aqui já é mais recente, ah não, faz tempo esse Cristo, né? Olha, essa casa é a mesma, eu lembro quem morou aqui, eu lembro quando eu vim pra Biritiba, era o Freitas. Então, eu lembro aqui, a casa da minha mãe era mais pra cima aqui, eu lembro dessa casa aqui que morava a Dolores. Aqui acho que saiu a casa que morou o Rubão dentista, antes morou uma japonesa, bem antes era uma casinha de duas águas só. Olha, as fotos estão legais, mas eu lembro das festas do Zezé, que ano é isso aqui? 67, ah não, em 67 eu não tinha vindo pra cá, mas eu lembro muito do pessoal falar dele, eu lembro do... quem tinha umas fotos legais pra caramba era a irmã do Firmino, a Madalena, que faleceu.

Autora: Ah, quem sabe ele não tem as fotos ainda.

Visitante 3: A minha sogra você deve conhecer, a Dona Dita e o Seu Eleotério.

Visitante 1: Ah, eu conheço o Seu Eleotério.

Visitante 3: É o meu sogro. Eu lembrei que estava falando pro meu sogro, é que ele não está muito bom da memória, mas ele ia reconhecer tudo isso aqui, né?

Visitante 1: Ah, com certeza. Eu sou irmã da Maria, que faz bolo.

Visitante 3: Eu lembro de você. Ah, eu trabalho com a Maria lá na escola.

Visitante 1: É, ela está lá no Angélica agora.

Visitante 3: Nossa, ela faz cada coisa deliciosa.

Visitante 1: Mas tinha as festas do Zezé, vinha muito pessoal de fora, vinha luta livre.

Visitante 3: Isso aí já não lembro.

Visitante 1: A Maria era criança.

Visitante 3: Ela estudou com o meu marido lá no Bolina.

Visitante 1: A gente não enxerga as carinhas, mas era tudo bem conhecido aqui.

Autora: É, virou tudo nome de rua, né?

Visitante 1: É, a Policena morava ali naquela primeira casa do beco. No beco ali, morava a Policena, e saía pra praça ali, era uma casa comprida, com um pé de jabuticaba, depois que virou comércio ali.

Autora: Que legal.

APÊNDICE J – Transcrição da entrevista 9

Visitante 1: Ah... e aqui era a praça?

Autora: Isso.

Visitante 1: Nossa, em 92, eu estava com um ano de namoro com o meu marido. Mas a praça está totalmente diferente. Mas é muito bom isso, né? Olha as casinhas da Vila.

Visitante 2: Essas casinhas era linda... quando nós viemos pra Biritiba, meu pai trabalhava e tudo e minha mãe não quis morar aí.

Visitante 1: A gente já veio morando ali onde a gente mora até hoje. Aqui acho que tinha acabado de fazer, era a coisinha mais linda. Ah, a Naia, ela é parente da turma da Benê, da Neusa.

Visitante 2: Você lembra onde a Policena morava?

Visitante 1: Não, é que eu não morava aqui, né? Mas também não faz tão pouco tempo que eu moro, faz vinte anos. Eu morava no Remédios, mas aí vim pra cá.

Visitante 2: Eu também morava no Remédios, meu pai tinha sítio no Remédios.

Visitante 1: Eu não tenho parente no Remédios, a gente veio lá de Salesópolis, eu tinha cinco aninhos, daí depois meu irmão casou com uma menina do Remédios, aí tem esse vínculo. Então já tinha um Cristo já, né?

Autora: É, tinha um já.

Visitante 2: Esse aqui é o Cristo que foi pro cemitério, não tem mais Cristo lá, tem? Ali na avenida?

Visitante 1: Não lembro. Tem na chegada da cidade, mas é o Cristo Acolhedor, que ele nem fica assim.

Visitante 2: Não, não. Esse daqui foi pro cemitério, é o que estava aqui na avenida, ali em frente onde era o gás ali, o Nardinho.

Visitante 1: Ah, sim. Pra quem morou mais é que deve ser mais legal ainda de ver as fotos, né? Está faltando a minha foto aqui, do meu time aqui de Biritiba, que foi assim que eu conheci o meu marido, jogando vôlei. E aparecia o nosso time na Folha, o jornal da Folha patrocinava o nosso time, e aí tem foto da gente. Se fosse procurar mais, tem mais gente que poderia contribuir aqui, né?

Autora: É verdade, do time de vôlei acho que só tem essa foto aqui mesmo.

Visitante 1: Não, aqui de 75, eu tinha três aninhos, não ia ter jogado vôlei.

Visitante 2: E eu tinha treze aninhos.

Visitante 1: Era um time misto, né? Meu marido tinha o time de vôlei dele, e eu tinha com a minha irmã lá no Remédios, que a gente jogava em Salesópolis e tudo mais, aí a gente começou a jogar no time deles junto com os meninos, era muito bom.

Visitante 2: O Seu Eleotério antigamente acompanhava muito o pessoal pra fazer exame em Mogi.

Visitante 1: Ah, ele levava todo mundo pra vários lugares, mas agora, infelizmente, não dá mais. E ele nem recorda de muitas pessoas.

Visitante 2: Meu pai quando faleceu, eu fui lá na casa dele avisar.

Visitante 1: Como que é o nome do seu pai?

Visitante 2: O pessoal chamava ele de Joaquim Fartura. Gente, tudo de bom, vou indo.

Autora: Legal, obrigada.

Visitante 1: É, mas parabéns viu. Olha aqui, esse aqui eu não tinha visto, que legal. Isso aqui é na Igreja São Benedito, né?

Autora: É, lá mesmo. Faz tempo que você mora aqui na cidade?

Visitante 1: Vinte anos.

Autora: E você conhece bastante da história da cidade?

Visitante 1: Ah, eu conheço por causa do meu sogro e da minha sogra, né? Que ele nasceu aqui, então... e pelo tempo que eu moro, é o que eu vejo nesse tempo, né? Mas eu conheço mais por causa deles mesmo.

Autora: Ah, entendi. Já chegou a pesquisar assim, algum livro ou foto antiga da cidade?

Visitante 1: Não.

Autora: E a biblioteca aqui, conhece ou já usou?

Visitante 1: Já, já usei.

Autora: E tem cadastro?

Visitante 1: Tenho, ele também tem.

Visitante 3: Terminamos um livro recentemente.

Visitante 1: Terminamos um livro de trezentas e dez páginas, que levou uns três ou quatro meses pra ler porque a gente não tem muito tempo, né? A hora que dá a gente pega pra ler. Mas eu, ele, a gente ama ler.

Autora: Ah, legal, que tipo de livro vocês gostam de pegar, geralmente?

Visitante 1: Variado, eu gosto bastante de romance, mais aventura, e também coisa que trata assim... igual esse que a gente pegou, esse último, é Ensaio Sobre a Cegueira, do José Saramago. E eu sou professora de português, você imagina, sem pontuação do jeito que ele escreveu, e ainda

ganhar o prêmio Nobel, a gente comentou, como pode? Mas realmente, a maneira com que ele se expressou é incrível, prende a gente, né?

Autora: Verdade.

Visitante 1: Mas enfim, daqui eu não peguei muitos livros, peguei alguns por causa do meu filho também, pra trabalho de escola e tudo, mas agora eu trabalho na sala de leitura, você imagina, então é livro e mais livro, só não pego mais porque eu não tenho tempo mesmo de ler.

Autora: Legal, e sobre a exposição aqui, o que você achou?

Visitante 1: Gostei, acho que poderia até ter mais, né? Como eu te falei, se desse mais uma fuçadinha você conseguiria, com certeza, mais coisas.

Autora: É, eu queria pegar mais fotos e colocar em cavaletes pra poder ver melhor.

Visitante 1: É, fica até melhor mesmo pra ver, dar mais destaque. Então, como você perguntou, o meu sogro falava que ele veio pra cá, deixa eu ver... em 69 ele casou, acho que foi em 67 que ele veio pra cá. Aqui na Vila não tinha nada, algumas casinhas que foram construindo depois, como a moça falou, e ali pra cima, na avenida, era eucalipto que tinha, era muito mato. Nossa tem história, e tem fotos demais deles também.

Visitante 4: É, por mais assim que eu conheço a história também, que eu vi as fotos nos álbuns, e eu ficava, gente, era assim?

Visitante 1: A gente vê assim e dá impressão que sempre foi assim. E ele fala muito também que quando veio pra cá não tinha carro nenhum aqui. Ah, então, eu não vi aqui de como era a Praça São Benedito de frente com a igreja ali, tinha isso no Facebook. Era a igreja lá no fundo, e tudo terra, não tinha nada de banquinhos e árvore, só a igreja mesmo bem simplezinha também, e chão de terra ali, sabe? É uma coisa que ele repete muito.

Autora: Olha só, aí seria legal que tivesse algum livro ou alguma coisa que mostrasse isso, né?

Visitante 1: E, na verdade, pra que é essa pesquisa?

Autora: É pro TCC da faculdade.

Visitante 1: Você faz o quê?

Autora: Faço biblioteconomia.

Visitante 1: Nossa, diz que é uma área boa essa.

Autora: Bom, eu gosto.

Visitante 1: Você estuda onde?

Autora: Em São Paulo.

Visitante 1: Ah, verdade. Me falaram que não tem muita procura por esse curso, e é um curso muito bom, né?

Autora: Tem pouca gente, é que pouca gente conhece, né? Não sabe nem que existe.

Visitante 3: Eu tinha comentado com a minha mãe esses dias sobre isso, a gente estava vendo os cursos que tem, por exemplo, na USP, e a gente viu disso.

Autora: Legal.

Visitante 1: Ah, isso aqui eu não tinha visto não, mas essa aqui não é tão antiga.

Autora: É, essa é de 96, as casinhas ali atrás da igreja.

Visitante 1: É que tinha a praça mas não era desse jeito, né?

Autora: Isso, aí aqui é a pracinha, né? E aqui é a rua que desce pra Kativa.

Visitante 1: Mas você é de onde? Você é aqui de Biritiba?

Autora: Sou daqui.

Visitante 1: Ah, legal.

Autora: Mas estudando e trabalhando em São Paulo, aí acaba que não conheço muita coisa. Aí foi inclusive por isso que eu tive vontade de investigar.

Visitante 1: Verdade, eu acharia ainda mais maravilhoso se eu tivesse visto meu time de vôlei.

Autora: Vou procurar.

Visitante 1: Se você quiser, eu até trago pra você, que saiu até no jornal, a gente tem até um hino lá do nosso time.

Autora: Ah, eu aceito sim, dando certo esse trabalho, eu tenho vontade de ampliar ele.

Visitante 1: Então eu tiro foto e mando pra você.

Autora: Legal. Se vocês pudessem resumir, de alguma forma, se vocês acham importante que tenha mais exposições e mais fotos assim, pra contar a história da cidade.

Visitante 1: Com certeza, porque, pra gente... eu moro há vinte anos aqui e já foi legal de ver, imagina pros outros que, às vezes, nem tem conhecimento e são bem mais novos, acho que é bem legal.

Visitante 3: O que eu sei da história de Biritiba é por causa de trabalho de escola, e do meu vô. Aí o único lugar que tem disso, assim, contando um pouco, é ali na Câmara, mas é mais sobre os prefeitos.

Visitante 1: Ah, mas é mais sobre a política só, né?

Autora: É, tem um livro só que conta a história da cidade aqui na biblioteca, só que, como tem um exemplar só, e não pode reproduzir e emprestar, aí só dá pra consultar dentro da biblioteca, mas é um só que eu encontrei.

Visitante 1: Olha, vou pegar um dia pra ver. Difícil é o tempo, né? Mas acho que é assim mesmo, acho que tinha que ficar mais aberto, um espaço maior, pra você chegar e olhar mesmo, como você falou, exposto em pezinho, em algum lugar de melhor visão, né? Mas de maneira geral, foi legal sim, e pode ficar melhor ainda, com certeza. Vai dar tudo certo.

Autora: Obrigada.